

OS CAMINHOS TORTUOSOS DO CRISTÃO

A Soberania e a Sabedoria de Deus
Demonstrada nas Aflições dos Homens

Thomas Boston



Os Caminhos Tortuosos do Cristão

A Soberania e Sabedoria de Deus
Demonstrada nas Aflições dos Homens



Thomas Boston

Título original: The Crook in the Lot, The Sovereignty and Wisdom of God Displayed in the Afflictions of Men

Autor: Thomas Boston (1676-1732)

1º edição em português, 2023.

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Corrida Fiel, salvo indicação contrária

Proibida a reprodução a reprodução por qualquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Produção Editorial:

Tradução: Joelson Galvão Pinheiro

Revisão: Willian Tamura, Valderice Sansão Ribeiro

Diagramação: Joelson Galvão Pinheiro, Jonathan Barros Galvão Pinheiro

Capa: Jonathan Barros Galvão Pinheiro, Josué Barros Galvão Pinheiro

ISBN: 978-65-00-85046-8

Publicações O Pacto

Araçoiaba da Serra - SP

Contato:

rsopacto@gmail.com

Siga-nos no Instagram:

[@publicacoesopacto1638](https://www.instagram.com/publicacoesopacto1638)



www.rtf-usa.com

rtfdirector@gmail.com

Este trabalho foi realizado em parceria com a RTF (Reformed Translation Fellowship) que trabalha para fortalecer igrejas internacionais traduzindo e distribuindo literatura cristã consistente com uma perspectiva teológica distintamente reformada. Esse trabalho começou na China com missionários reformados e expandiu-se para oito idiomas nos últimos anos.

SUMÁRIO

- Prefácio.....4
- Observações Introdutórias8

Capítulo 1

- Qualquer dificuldade existente em nossa condição é obra de Deus.....10

Capítulo 2

- O que Deus achar melhor entortar, não seremos capazes de consertar em nosso caminho. O que de torto Deus faz em nosso caminho, não seremos capazes de endireitar.....40

Capítulo 3

- Considerar o caminho tortuoso como a obra de Deus é um meio adequado de levar alguém a se comportar corretamente sob ele.....55

Capítulo 4 - Final

- Instruções Para Alcançar Essa Humilhação.....90
- Apêndice.....122

PREFÁCIO

“Eu devo me curvar e estar contente em seguir o Senhor por um caminho desconhecido”, escreveu Thomas Boston em seu diário após um de seus mais graves testes. Ele descreve isso na seguinte cena comovente:

Quando a criança foi colocada no caixão, sua mãe beijou seu pó. Eu apenas levantei o pano do rosto dele, olhei para ele e o cobri novamente... Quando os pregos estavam sendo martelados, eu fiquei comovido pelo fato de não tê-lo beijado... e eu realmente gostaria de ter feito o prego ser retirado, mas, por causa de alguém que estava presente, me contive.

Este foi um dos seis bebês que Boston teve que enterrar e o segundo filho ao qual ele deu o nome de Ebenezer. Boston escolheu o nome “Ebenezer” para o primeiro filho por causa do grande significado pessoal que ele atribuía à coluna da ajuda de Deus em seu momento de necessidade (1 Samuel 7:12). Isso marcou a fidelidade de Deus a ele e suas expectativas para o futuro. No entanto, essa coluna na qual ele havia repousado suas esperanças foi removida assim que foi erguida. Quando o primeiro Ebenezer morreu, Boston escreveu que “sua morte foi extremamente aflitiva para mim e uma provação muito aguda. Enterrar seu nome foi, de fato, mais difícil do que enterrar seu corpo...”. Ele disse que, após a morte de Ebenezer, “minha alma frequentemente dizia ao Senhor: ‘Como essa perda será compensada?’ E minha oração ainda era que Deus me desse outra coluna para erguer”. Mas essa segunda coluna também se foi.

Este não foi o único teste que Thomas Boston teve que suportar. Ele havia se casado com Katherine Brown, a quem ele tinha o mais alto elogio e devoção. Ela era “uma mulher de grande valor, a quem eu amava profundamente e honrava interiormente; uma pessoa imponente, bonita e formosa, verdadeiramente piedosa e que temia o

Senhor... paciente em nossas tribulações comuns e sob suas aflições pessoais”.

Sua esposa Katherine foi afligida por uma doença mental que provavelmente era algo como esquizofrenia. Isso a confinou à cama em um pequeno quarto que Boston se referia com pesar como a prisão interior. Ela frequentemente era acometida por febres e doenças físicas e tentada ao suicídio:

Aquele pesado problema, que a tem mantido em extrema aflição desde então até hoje, com sua imaginação corrompida em um ponto específico; e isso foi agravado e trabalhado pelo grande adversário para seu grande desconforto; o que sempre foi acompanhado de enfermidades e doenças corporais, muito grandes e numerosas. No entanto, nas complicações das provações, o Senhor teve a bondade de não apenas fazer Sua poderosa presença aparecer na preservação de sua vida, como uma fagulha de fogo em um oceano, mas também de fazer sua graça brilhar mais intensamente do que antes.

Apesar desses lampejos de luz, houve severos testes espirituais para ela.

Durante vários desses anos, ela esteve entre os mortos, como os mortos que jazem na sepultura, sem lembrança; sendo sobrecarregada com enfermidades corporais, seus espíritos sugados pelo terror por meio de sua imaginação corrompida em algo específico e atormentada pelas tentações de Satanás lançadas contra ela nessa desvantagem... assim o Senhor, em certos momentos, lhe deu visitas notáveis em sua prisão e manifestou seu amor à sua alma.

Um tocante ao pacto pessoal que Katherine escreveu está em um manuscrito guardado na Biblioteca do New College. “Eu faço hoje

um pacto solene de me entregar ao Senhor, e aceito Cristo em Seus próprios termos e em todos os Seus ofícios”. Ela expressou confiança nas “preciosas promessas” mesmo em relação a “todas as desigualdades da minha condição no mundo e a minha resistência na morte. Faço o mesmo em nome de meu cônjuge e quatro filhos”.

Boston tinha uma saúde constantemente precária. Em um momento em que estava particularmente com dor e desconforto, ele também registra que “as fontes de meu conforto correram amargura para mim em minha baixa condição; todo refúgio criado falhou, e eu estava solitário e em grande aflição”.

Embora seus sermões estivessem em todas as casas após sua morte, ele também teve seus desafios como ministro. Inicialmente, a congregação frequentemente desertava ou desprezava sua pregação. Em um momento ele disse: “Estou muito humilhado! O próximo domingo, que às vezes era minha delícia, agora é um terror para mim”.

O editor das Memórias de Boston observa: *“Acostumado às aflições, tanto pessoais quanto domésticas, ele as suportou com aquela submissão tranquila e uma resignação inabalável que apenas um espírito filial pode inspirar. Vendo-as como provenientes de seu Pai celestial, a linguagem habitual de seu coração era: ‘receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal’”* (Jó 2:10).

A submissão de Boston à soberana providência de Deus permaneceu inabalada. E tudo isso explica o livro bem conhecido que ele escreveu, chamado *The Crook in the Lot* [Aqui traduzido como “Os Caminhos Tortuosos do Cristão”. O subtítulo do livro é “A Soberania e Sabedoria de Deus Demonstradas nas Aflições dos Homens”].

Como Ian Hamilton expressa: *“Este livro é um remédio pastoral preparada no laboratório dos próprios sofrimentos pessoais e ministeriais de Boston”*. Aflições espirituais e exteriores abundam nesta vida, e um livro como este é constantemente necessário para nós e para ajudar os outros. É extremamente prático e experiencial e altamente recomendado. Boston resume bem o livro em suas palavras finais:

Vocês leram muito sobre “*O Caminho Tortuoso dos Cristão*”; a excelência do espírito humilde em uma situação baixa, além do orgulho de espírito, embora associado a uma situação alta. Vocês foram chamados a se humilhar em suas circunstâncias humilhantes e têm sido assegurados nesse caso de uma exaltação que virá. Para concluir: podemos ter certeza de que Deus, finalmente, quebrará os orgulhosos, por mais altos que sejam, e Ele triunfalmente levantará os humildes, por mais baixos que sejam.

Matthew Vogan,
Escritor e Presbítero na Free Presbyterian Church of Scotland
[Igreja Presbiteriana Livre da Escócia]

Observações Introdutórias

Uma visão justa acerca dos incidentes aflitivos é absolutamente necessária para uma conduta cristã diante deles; e essa visão só pode ser obtida pela fé, não pela percepção sensorial; pois é somente a luz do mundo que os representa de maneira justa, revelando neles a obra de Deus e, conseqüentemente, os desígnios que condizem com as perfeições divinas. Quando são percebidos pelo olho da fé e devidamente considerados, obtemos uma visão justa dos incidentes aflitivos, adequada para aplacar as turbulentas emoções dos afetos corrompidos sob as aparências sombrias exteriores.

É sob essa perspectiva que Salomão, na parte anterior deste capítulo, apresenta vários paradoxos, que são determinações surpreendentes a favor de certas coisas que, aos olhos da percepção sensorial, parecem sombrias e horrendas, e, por isso, geralmente são consideradas desfavoráveis e chocantes. Ele afirma que o dia da morte de alguém é melhor do que o dia de seu nascimento; nomeadamente, o dia da morte de alguém que, tendo se tornado amigo de Deus pela fé, viveu uma vida em honra a Deus e no serviço de sua geração, e assim conquistou para si um nome bom e apreciado, melhor do que unguento precioso. Da mesma forma, ele considera a casa de luto preferível à casa de festa, a tristeza superior ao riso e a repreensão de um homem sábio mais valiosa do que a canção de um tolo. Apesar de, aparentemente, as últimas opções serem mais agradáveis, as primeiras são mais proveitosas. Observando com preocupação como os homens estão em perigo, não apenas devido às adversidades e maus-tratos do mundo, onde a opressão leva um homem sábio à loucura, mas também devido aos seus sorrisos e cuidados, onde um presente pode corromper o coração. Portanto, uma vez que, de qualquer forma, há perigo, Salomão declara que o fim de todas as coisas mundanas é melhor do que o começo. E a partir disso, justamente conclui que é melhor ser humilde e paciente do que orgulhoso e impaciente diante de dispensações aflitivas; pois, no primeiro caso, aceitamos com sabedoria o que é realmente melhor, enquanto no segundo, lutamos contra isso.

E nos desaconselha ficarmos zangados com nossa situação devido às adversidades que ela contém. Ele adverte contra fazer comparações odiosas entre tempos passados e o presente, insinuando reflexões indevidas sobre a providência de Deus, e também contra uma disposição queixosa e irritadiça. Ele primeiro prescreve um remédio geral, a saber, a sabedoria santa, como aquela que nos permite tirar o melhor proveito de tudo, e até mesmo dar vida em circunstâncias difíceis; e depois um remédio específico, consistindo na aplicação adequada dessa sabedoria para obter uma visão justa acerca de nossa situação: “Atenta para a obra de Deus; porque quem poderá endireitar o que ele fez torto?” (Eclesiastes 7:13).

Nesse trecho, são propostas duas coisas: 1. O remédio em si; 2. A adequação desse remédio.

O remédio em si consiste em observar com sabedoria a mão de Deus em tudo o que encontramos difícil de suportar: “Atenta para a obra de Deus”, nomeadamente, nas partes tortuosas, ásperas e desagradáveis de sua condição, nas dificuldades que você encontra nela. Você vê claramente a dificuldade em si. Sim, você a analisa em sua mente repetidamente e a examina detalhadamente de todos os lados. Você busca as causas secundárias disso e fica agitado e inquieto. Mas, se deseja ficar tranquilo e satisfeito com a situação, erga os olhos para o céu, veja a obra de Deus nela, a ação de Sua mão. Observe isso e reflita bem sobre isso; concentre-se na primeira causa da dificuldade em sua condição; veja como é a obra de Deus, o que Ele está fazendo.

Uma visão desse tipo da dificuldade em nossa condição é muito apropriada para acalmar sentimentos inadequados que surgem em nossos corações e nos tranquilizar diante deles: “porque quem poderá endireitar o que ele fez torto?” Quanto à dificuldade em sua condição, Deus a criou; e ela permanecerá enquanto Ele assim o desejar. Se você se esforçar ao máximo para corrigi-la ou torná-la reta, sua tentativa será em vão: ela não mudará, não importa o que você faça. Somente Aquele que a criou pode consertá-la ou torná-la reta. Essa consideração, essa perspectiva da situação, é um meio apropriado para silenciar e satisfazer as pessoas, trazendo-as a uma submissão obediente ao seu Criador e Governante diante das dificuldades em sua condição.

Capítulo 1

Qualquer dificuldade existente em nossa condição é obra de Deus.

Abordaremos o propósito do texto em três pontos:

- I. Qualquer dificuldade em nossa condição é obra de Deus.
- II. O que Deus escolheu entortar, ninguém será capaz de consertar em sua condição.
- III. Considerar a dificuldade em nossa condição como obra de Deus, ou criada por Ele, é um meio adequado para nos conduzir a uma conduta cristã diante dela.

I. Qualquer dificuldade em nossa condição é obra de Deus.

Aqui, dois aspectos devem ser considerados, a saber, a dificuldade em si e a obra de Deus na sua criação.

Quanto à dificuldade em si, a dificuldade em nossa condição, para compreendê-la melhor, seguem-se algumas considerações prévias.

Primeiro. Existe um determinado curso de eventos, pela providência de Deus, que acontece na vida de cada um de nós neste mundo. E esse é o nosso destino, sendo designado para nós pelo soberano Deus, nosso Criador e Governador, “em cuja mão está a tua vida, e de quem são todos os teus caminhos” (Daniel 5:23). Esse curso de eventos é muito diferente para diferentes pessoas, de acordo com a vontade e prazer do soberano Governante, que ordena a condição dos homens no mundo com grande variedade, alguns ocupando posições

mais elevadas e outros mais humildes.

Segundo. Nesse curso de eventos, alguns acontecimentos se revelam contrários a nós e vão de encontro ao nosso desejo; e esses são os que criam a dificuldade em nossa condição. Enquanto estivermos aqui, haverá acontecimentos adversos, assim como acontecimentos agradáveis, em nossa condição e destino. Às vezes, as coisas fluem suavemente e agradavelmente; mas, em breve, algum incidente muda esse curso, nos perturba e nos causa dor, como quando damos um passo em falso e começamos a mancar.

Terceiro. A condição de todos neste mundo possui alguma dificuldade. Os que reclamam estão propensos a fazer comparações odiosas. Eles olham ao redor e fazem uma avaliação distante da condição dos outros, não conseguem discernir nada além do que está certo e de acordo com seus desejos, então declaram que a situação do próximo é completamente reta. Mas essa é uma sentença falsa; não há perfeição aqui; não há condição fora do céu sem uma dificuldade. Pois, em relação a “Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo era vaidade e aflição de espírito. Aquilo que é torto não se pode endireitar” (Eclesiastes 1:14,15). Quem teria pensado que a situação de Hamã estava totalmente reta, enquanto sua família estava em uma condição florescente, ele prosperava em riquezas e honra, sendo primeiro-ministro do estado na corte persa e desfrutando do favor do rei? No entanto, havia, ao mesmo tempo, uma dificuldade em sua situação que o incomodava tanto que “tudo isso não lhe serviu de nada”. Cada um sente por si mesmo quando está afligido, embora os outros não percebam. A situação de ninguém, neste mundo, é totalmente problemática; sempre há algumas partes retas e iguais nela. Na verdade, quando as paixões das pessoas se exaltam e lançam uma névoa sobre suas mentes, elas estão prontas para dizer que tudo está errado, nada está certo. Mas, embora no inferno essa afirmação seja verdadeira e sempre o será, isso nunca é verdade neste mundo. Pois aqui, de fato, nunca é permitido que uma gota de conforto seja retirada; mas aqui sempre se mantém verdadeiro que é pelas “misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos” (Lamentações 3:22).

Quarto. A dificuldade em nossa situação veio ao mundo por

causa do pecado: isso se deve à queda, “Porque por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte”, sob a qual a dificuldade em nossa situação está incluída, assim como um estado de conforto ou prosperidade, no estilo das Escrituras, é expresso pela ideia de vida. O pecado entortou os corações e mentes dos homens, tornando-os tortos em relação à santa lei; e Deus, com justiça, também encurvou seus caminhos, tornando-as tortas. E essa dificuldade em nossa situação segue inseparavelmente nossa condição pecaminosa, até que, deixando para trás este corpo de pecado e morte, entremos nos portões do céu.

Com isso sendo explicado, uma dificuldade em nossa situação, em geral, indica duas coisas, (1.) Adversidade, (2.) Continuidade. De acordo com isso, ela faz o dia da adversidade, oposto ao dia da prosperidade, no versículo imediatamente seguinte ao texto.

A dificuldade em nosso caminho é, em primeiro lugar, algum tipo de adversidade. A parte próspera de nosso caminho, que segue conforme nossos desejos, é a parte reta e uniforme; a parte adversa, que segue um caminho contrário, é a parte torta. Deus misturou essas duas coisas na condição dos homens neste mundo; assim como há prosperidade, que segue a linha reta, também há a adversidade, que cria a dificuldade. Essa mistura ocorre não apenas no caminho dos santos, a quem é dito que “no mundo terão aflições” (João 16:33), mas também na situação de todos, como já observado. Em segundo lugar, é adversidade de certa continuidade. Não consideramos algo como torto se, embora dobrado e curvado à força, imediatamente volta à sua retidão anterior. Isso são os apertos da vara da adversidade, que passam como um ponto de costura de um lado para o outro, e tudo volta ao normal imediatamente o caminho de alguém pode ficar obscurecida de repente, e a nuvem desaparecer antes que ele perceba. Mas, sob a dificuldade, tendo tempo para sentir a dor, fica preocupado em endireitar o que está torto. Portanto, a dificuldade em nosso caminho é a adversidade, que dura por um curto ou longo período.

Existem três tipos de dificuldades nas condições incidentes aos filhos dos homens.

Uma é criada por uma dispensação adversa que, embora

passageira em si mesma, tem efeitos duradouros. Tal dificuldade foi criada pela crueldade de Herodes na situação das mães em Belém, que foram deixadas, como Raquel, “chorando os seus filhos, e não querem ser consoladas, porque já não existem” [Mateus 2:18]. Um escorregão pode ocorrer rapidamente, fazendo com que alguém caminhe mancando pelo resto da vida. Assim como os peixes são pegos em uma rede maligna, assim os filhos dos homens são enredados em um tempo maligno. Uma coisa pode acontecer em um instante, e a pessoa pode caminhar mancando até a sepultura.

Há uma dificuldade criada por uma série de dispensações adversas, sejam do mesmo tipo ou de tipos diferentes, que se sucedem e deixam efeitos duradouros. Assim foi no caso de Jó, enquanto um mensageiro de más notícias ainda estava falando, outro chegou. Eventos adversos se acumulando um após o outro, um profundo chamando outro, criam uma grande dificuldade. Nesse caso, é como alguém que, ao recuperar o pé escorregadio de um terreno instável, coloca-o em outro igualmente instável, que cede imediatamente sob ele também; ou como alguém que, viajando por uma trilha montanhosa desconhecida, depois de ter com dificuldade atravessado uma montanha, espera ver uma planície, mas, em vez disso, avista repetidamente uma nova montanha a ser atravessada. Essa dificuldade foi quase suficiente para fazer Asafe abandonar toda a sua religião, até que ele “entrou no santuário” (Salmo 73:17), onde esse mistério da providência foi desvendado para ele. Salomão observa: “que há justos a quem sucede segundo as obras dos ímpios, e há ímpios a quem sucede segundo as obras dos justos” (Eclesiastes 8:14). A providência se voltando contra eles, como se estivesse destinada a derrubá-los de uma vez por todas. Seja quem for a cuja vida em nenhum momento oferece experiência disso, com certeza, José não escapou disso em sua juventude, nem Jacó em sua meia-idade, nem Pedro em sua velhice, nem nosso Salvador em todos os seus dias.

Há uma dificuldade criada por uma única dispensação adversa, com efeitos duradouros, que vêm ocupar o lugar de outra que foi removida. Essa dificuldade é resolvida, e outra é criada em seu lugar: assim, sempre haverá uma dificuldade. A falta de filhos havia sido

por muito tempo a dificuldade na vida de Raquel. Isso foi finalmente resolvido de acordo com o seu desejo; mas então ela recebeu outra em seu lugar, o trabalho árduo de dar à luz. Este mundo é um deserto, no qual podemos de fato mudar de posição, mas a mudança nos levará de um deserto para outro. Quando uma parte da situação é resolvida, rapidamente outra parte dela se tornará problemática.

Mais particularmente, os caminhos tortuosos contêm quatro elementos que o tornam semelhante a algo que é torto.

(1.) *Inconformidade*. Uma coisa torta é teimosa e, quando comparada a uma regra, não a segue, mas se afasta dela. Não há, na situação de ninguém, nada que possa ser considerado torto em relação à vontade e aos propósitos de Deus. Pegue a dispensação mais áspera e sombria na vida de alguém e a compare com o decreto eterno, feito na profundidade da sabedoria infinita antes do início do mundo, e ela se ajustará perfeitamente, sem o menor desvio, “todas as coisas são feitas de acordo com o conselho de Sua vontade”. Coloque-a ao lado da vontade providencial de Deus, no governo do mundo, e haverá uma harmonia perfeita. Se Paulo está para ser amarrado em Jerusalém e “entregue nas mãos dos gentios” (Atos 21:11), é “faça-se a vontade do Senhor” Portanto, a maior dificuldade na situação terrena, é reta no céu. Não há desacordo nisso lá. Mas na situação de cada pessoa, existe uma dificuldade em relação à sua mente e inclinação natural. A dispensação adversa é contrária a essa regra e de forma alguma a seguirá ou se harmonizará com ela. Quando a Divina Providência coloca uma ao lado da outra, há um desacordo evidente - a vontade da pessoa segue uma direção e a dispensação segue outra - a vontade se encurva para cima e os eventos adversos pressionam para baixo: assim, eles são opostos. E é aí, e somente aí, que está a dificuldade. É essa inconformidade que torna a dificuldade no caminho uma matéria adequada para teste e exercício em nosso estado de provação. Se você

deseja se mostrar aprovado por Deus, caminhando pela fé e não pela vista, deve se aquietar na vontade e no propósito de Deus e não insistir que as coisas aconteçam de acordo com a sua própria vontade.

(2.) *Feiura*. Coisas tortas são desagradáveis aos olhos, e nenhum caminho torto parece ser alegre, mas sim triste, criando uma aparência desagradável. Portanto, as pessoas precisam ter cuidado para não permitir que seus pensamentos se fixem na dificuldade de sua situação e não a mantenham muito em vista. Davi mostra uma experiência prejudicial desse tipo. “Enquanto eu estava meditando, o fogo queimava”. Jacó agiu com mais sabedoria, chamando seu filho mais novo de Benjamim, o filho da mão direita, nome que a mãe moribunda havia chamado de Benoni, o filho da minha tristeza. Dessa forma, ele garantiu que o caminho tortuoso não fosse lembrado toda vez que mencionasse o nome de seu filho. Na verdade, um cristão pode examinar o caminho tortuoso de maneira constante e tranquila à luz da Palavra santa, que a apresenta como disciplina da aliança. Assim, a fé descobrirá uma beleza oculta nela, sob uma aparência exterior desagradável, percebendo a adequação dela à infinita bondade, amor e sabedoria de Deus, e aos interesses reais e mais valiosos da pessoa; por meio desse meio, a pessoa passa a sentir prazer, um prazer refinado, mesmo na adversidade. No entanto, qualquer que seja o caminho tortuoso aos olhos da fé, não é agradável aos olhos da sensação.

(3.) *Inadequação para o movimento*. Salomão observa a causa da caminhada desconfortável e desajeitada dos coxos: “Como as pernas do coxo, que pendem flácidas” (Provérbios 26:7). Essa inquietação é experimentada por aqueles que estão preocupados com o caminho tortuoso. Um espírito altivo e uma situação adversa baixa tornam a caminhada cristã muito difícil. Não há nada que dê acesso mais fácil à tentação do que o caminho tortuoso; nada mais propenso a causar passos fora do caminho certo. Portanto, diz o apóstolo: “E fazei veredas direitas para os vossos pés, para que o que manqueja não se desvie inteiramente, antes seja sarado”. (Hebreus 12:13). Aqueles que estão lutando com isso devem ser compadecidos e não rigidamente censurados; embora sejam raras as pessoas que aprendem essa lição até serem ensinadas por sua própria experiência. Faz muito tempo que Jó

fez uma observação sobre esse caso, que continua sendo verdade até hoje: “Tocha desprezível é, na opinião do que está descansado, aquele que está pronto a vacilar com os pés” (Jó 12:5)

(4.) *Propensão para se prender e se enredar, como em anzóis de peixe.* Os caminhos tortuosos rapidamente fazem impressão, perturba o espírito, irrita a corrupção, de modo que Satanás não deixa de fazer uso diligente dela para esses fins perigosos. Uma vez conquistado o ponto pelo tentador, o tentado, antes que perceba, se vê enredado em um matagal do qual não sabe como sair. Nessa tentação, muitas vezes, ela se revela como um bastão torto perturbando uma lagoa parada, que não apenas levanta a lama por toda parte, mas traz do fundo algo muito feio. Assim, isso trouxe um toque de blasfêmia e ateísmo no caso de Asafe: “Na verdade, em vão tenho purificado o meu coração e lavado as minhas mãos na inocência” (Salmo 73), como se ele tivesse dito, não há nada na religião, é uma coisa vã e vazia, que não leve a nada; fui tolo por me preocupar com a pureza e a santidade, seja do coração ou da vida. Ah! Este é o piedoso Asafe? Como ele se tornou tão diferente de si mesmo! Mas o caminho tortuoso é uma alavanca pela qual o tentador faz descobertas surpreendentes da corrupção latente, mesmo nos melhores.

Esta é a natureza do caminho tortuoso; agora observemos em que parte do caminho isso ocorre. Três conclusões podem ser estabelecidas sobre este ponto.

Primeiro. Pode ocorrer em qualquer parte do caminho; não há exceção nesse caso: pois, tendo sido encontrado pecado em todas as partes, a dificuldade pode ocorrer onde quer que seja. Sendo “todos nós como o imundo... e todos nós murchamos como a folha” (Isaías 64:6). A corrente principal do pecado, que a tortuosidade segue prontamente, corre em canais muito diferentes no caso de diferentes pessoas. E em relação às várias disposições das mentes dos homens, o que será um fardo para um deles, outro suportará facilmente.

Em segundo lugar. Pode-se cair ao mesmo tempo em muitas partes do caminho, o Senhor convocando, como em um dia solene, os terrores de alguém por todos os lados. Às vezes Deus faz uma

dificuldade notável na situação de alguém; mas o nome dela pode ser Gade, sendo apenas o precursor de uma tropa que vem. Então as dificuldades são multiplicadas, de modo que a pessoa é forçada a parar de todos os lados. Enquanto uma corrente, que entra de um lado, corre totalmente contra ele, outra entra nele de outro lado, até que no final as águas irrompem por todos os lados.

Terceiro. Muitas vezes cai na parte mais sensível; quero dizer, na parte da situação em que alguém tem menos capacidade de suportá-la, ou pelo menos pensa que tem. “Pois não era um inimigo que me afrontava; então eu o teria suportado; nem era o que me odiava que se engrandecia contra mim, porque dele me teria escondido. Mas eras tu, homem meu igual, meu guia e meu íntimo amigo”. (Salmos 55:12,13). Se houver alguma parte do caminho no qual, mais do que em qualquer outra, alguém está inclinado a se aconchegar, o espinho será prontamente colocado ali, especialmente se ele pertencer a Deus; naquilo que ele é menos capaz de suportar, ele certamente será pressionado. Ali será feito o teste dele; pois ali está a grande competição com Cristo. “Tiro o desejo dos seus olhos e o anelo de suas almas” (Ezequiel 24:5). Uma vez que o caminho tortuoso é o teste especial designado para todos, é totalmente razoável e sábio que ele incida sobre aquilo que, mais do que qualquer outra coisa, rivaliza com Deus.

Mas, mais particularmente, a dificuldade pode ser observada em quatro partes da situação.

Primeiro, na parte natural, afetando as pessoas consideradas como o ser que lhes foi atribuído pelo grande Deus que formou todas as coisas. Os pais da humanidade, Adão e Eva, foram criados juntos, íntegros e completos, sem a menor imperfeição, seja na alma ou no corpo; mas, na formação de sua descendência, muitas vezes ocorre uma notável variação em relação ao original. Defeitos, superfluidades, deformidades, enfermidades, naturais ou acidentais, fazem o caminho tortuoso de alguns. Eles têm algo desagradável ou doloroso. Dificuldades desse tipo, mais ou menos observáveis, são muito

comuns; e até os melhores não estão isentos delas; e é puramente por soberana vontade que elas não são mais numerosas. Olhos sensíveis tornaram a situação de Lia difícil. A beleza de Raquel foi equilibrada com a esterilidade, o caminho tortuoso, Paulo, o grande apóstolo dos gentios, aparentemente não era uma pessoa de boa aparência, para a qual os tolos estavam inclinados a condená-lo. Timóteo tinha um corpo fraco e doente. E há uma dificuldade ainda mais considerável na situação dos coxos, dos cegos, dos surdos e dos mudos. Alguns são fracos a ponto de não conseguir raciocinar com seus intelectos; e é o caminho tortuoso de várias almas brilhantes serem sobrecarregadas com nuvens, notavelmente confusas e obscurecidas, devido aos corpos doentes em que estão alojadas. Um exemplo eminente disso temos em Jó, o homem sério sábio e paciente, “denegrado andando, porém não do sol; levantando-se na congregação, clamando por socorro” (Jó 30:28).

Em *segundo lugar*, ela pode cair no passado honroso. Há uma honra devida a todos os homens, pequenos e grandes, com base na constituição original da natureza humana, quando ela foi formada à imagem de Deus. Mas, na disposição soberana da Santa Providência, a dificuldade na situação de alguns surge. Eles são negligenciados e desprezados; seu crédito permanece baixo; eles passam pelo mundo sob uma nuvem, sendo caluniados, sua reputação é prejudicada

Às vezes, isso é a consequência natural de seu próprio comportamento tolo e pecaminoso, como no caso de Diná, que, ao sair para satisfazer sua curiosidade juvenil, sem esperar por um chamado divino, trouxe uma mancha duradoura em sua honra. No entanto, onde o Senhor pretende uma dificuldade desse tipo na situação de alguém, a inocência não será capaz de afastá-la de um mundo malicioso; nem o verdadeiro mérito será capaz de enfrentá-la para endireitar o caminho em relação a esse aspecto. Assim, Davi descreve sua situação. “Fui opróbrio entre todos os meus inimigos, até entre os meus vizinhos, e horror para os meus conhecidos; os que me viam na rua fugiam de mim. Estou esquecido no coração deles, como um morto; sou como um vaso quebrado” (Salmos 31:11,12)

Em *terceiro lugar*, isso pode cair na parte vocacional. Seja qual

for a profissão ou estação de um homem no mundo, seja sagrada ou civil, o caminho tortuoso pode se encaixar nela. Isaías foi um profeta eminente, mas muito malsucedido. Jeremias encontrou uma série de desencorajamentos e maus tratos no exercício de sua função sagrada, a ponto de estar muito perto de desistir, dizendo: “Não me lembrarei dele, nem falarei mais em seu nome” (Jeremias 20:9). O salmista observa que essa dificuldade frequentemente ocorre na situação de homens muito trabalhadores em seus negócios civis, que semeiam nos campos; e às vezes “também os abençoa, de modo que se multiplicam muito; e o seu gado não diminui, depois se diminuem e se abatem, pela opressão, e aflição e tristeza” (Salmos 107:38,39). Essa dificuldade também apareceu na situação de Jó depois de muitos anos de prosperidade. Alguns gerenciam suas ocupações com todo cuidado e diligência; o lavrador trabalha cuidadosamente sua terra; o pastor de ovelhas “procura conhecer o estado das suas ovelhas e põe o coração sobre teus gados” (Provérbios 27:23); o comerciante se esforça diligentemente, observando e aproveitando as oportunidades mais justas e promissoras; mas há uma tortuosidade nessa parte de seu caminho, que tudo o que fazem de nenhuma forma pode endireitar. Por quê? Os meios mais apropriados usados para alcançar um fim são insignificantes sem uma palavra de nomeação divina que comande o sucesso. “Quem é aquele que diz, e assim acontece, quando o Senhor o não mande?” (Lamentações 3:37). As pessoas conduzem seus negócios com habilidade e diligência, mas o vento muda de direção. A Providência atravessa seus empreendimentos, desarticula seus planos, frustra suas esperanças e expectativas, torna seus esforços malsucedidos e assim os coloca e os mantém em circunstâncias difíceis. “Não é dos ligeiros a carreira, nem dos fortes a batalha, nem tampouco dos sábios o pão” (Eclesiastes 9:11). A Providência intervém e encurva as medidas que a prudência e o esforço humanos haviam endireitado em direção aos respectivos objetivos; assim, o rápido perde a corrida, o forte perde a batalha e o sábio fica sem pão; enquanto, ao mesmo tempo, algum outro incidente providencial, suprimindo a deficiência da sabedoria humana, conduta e habilidade, o lento ganha a corrida e leva o prêmio; o fraco vence a batalha e se enriquece com o saque; e o pão cai no colo do tolo.

Finalmente, isso pode ocorrer na parte relacional. As relações

são as articulações da sociedade; e ali a dificuldade no seu caminho pode ocorrer, causando muita dor nas articulações. Elas são, por natureza, as fontes de conforto do homem; no entanto, muitas vezes causam a maior amargura a ele. Às vezes, essa dificuldade é causada pela perda de relacionamento. Assim, um tropeço foi feito no caminho de Jacó por meio da morte de Raquel, sua amada esposa, e da perda de José, seu filho e queridinho, o que quase o fez mancar até o túmulo. Jó lamenta essa dificuldade em sua situação: “tu assolaste toda a minha companhia” (Jó 16:7), significando seus queridos filhos, cada um dos quais ele havia colocado no túmulo, sem deixar um único filho ou filha. Por outro lado, às vezes ela é causada pela mão afitiva de Deus que pesa sobre eles, o que, em virtude de sua relação, recai sobre a parte, como é expresso pela mulher crente que disse: “Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada” (Mateus 15:22). Efraim sentiu o impacto das aflições familiares “e chamou-o Berias; porque ia mal na sua casa” (1 Crônicas 7:23). Já que tudo é não apenas vaidade, mas vexação de espírito, é difícil que, quanto mais dessas fontes de conforto são abertas para um homem, mais ele deve encontrar em algum momento, mais fontes de tristeza brotando e fluindo sobre ele, a tristeza sempre proporcionada ao conforto encontrado nelas ou esperada deles. E, finalmente, a dificuldade às vezes é causada pela insatisfação de temperamento e disposição. Havia uma dificuldade na situação de Jó, por meio de uma esposa desobediente e mal-humorada. Em Abigail, por meio de um marido mal-humorado e de temperamento difícil. Em Eli, por meio da perversidade e obstinação de seus filhos. Em Jônatas, por meio do temperamento furioso de seu pai. Assim, as pessoas muitas vezes encontram seu maior fardo onde esperavam encontrar seu maior conforto. O pecado desestruturou toda a criação e fez com que toda relação fosse suscetivelmente difícil. Na família, encontramos mestres duros e injustos, servos desobedientes e infiéis; na vizinhança, homens egoístas e inquietos; na igreja, ministros ineficazes e ofensivos em sua conduta, e pessoas desdenhosas e desordenadas, um fardo para os espíritos dos ministros; no estado, magistrados opressores e desencorajadores daquilo é bom, e súditos turbulentos e sediciosos. Todos eles causam caminhos tortuosos e coisas relacionadas. E, até

certo ponto, é isso que envolve o caminho tortuoso.

II. Tendo visto a tortuosidade em si mesma, passamos agora a considerar como Deus a produz. Aqui será mostrado: 1. Que ela é produzida por Deus. 2. Como ela é produzida por Deus. 3. Por que Ele a produz.

Primeiramente, que o caminho tortuoso, seja qual for, é produzida por Deus, fica evidente a partir destas três considerações:

Primeiro, não pode haver dúvida de que o caminho tortuoso, considerado como uma dificuldade, é um mal penal, seja qual for a sua natureza; ou seja, se a coisa em si, a sua causa imediata e ocasião, forem pecaminosas ou não, ela é, certamente, um castigo de aflição. Como tal, ela pode ser trazida sobre nós, de forma santa e justa, por nosso Soberano Senhor e Juiz, e, portanto, Ele expressamente reivindica a sua produção ou criação. “Sucederá algum mal na cidade, sem que o Senhor o tenha feito?” (Amós 3:6). Portanto, uma vez que não pode haver mal penal que não seja produzido por Deus, e a dificuldade em nossa situação é um tal mal, é conclusivo que ela é produzida por Deus.

Em *segundo lugar*, é evidente pelas doutrinas das Escrituras sobre a providência divina que Deus determina o destino de cada pessoa e todas as suas partes. Ela governa os assuntos humanos e os direciona da maneira que lhe agrada. “Tudo o que o Senhor quis, fez, nos céus e na terra, nos mares e em todos os abismos” (Salmos 135:6). Nada acontece conosco sem Sua mão soberana. A mesma providência que nos trouxe ao mundo também nos coloca na condição e lugar designados por Ele, que “determinou os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação” (Atos 17:26). Ele supervisiona os detalhes mais insignificantes e casuais em nossa vida, como “os cabelos da

vossa cabeça estão todos contados” (Lucas 12:7) e “a sorte se lança no regaço” (Provérbios 16:33). Além disso, ela governa até mesmo os atos livres de nossa vontade, pelos quais escolhemos para nós mesmos, pois “como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR, que o inclina a todo o seu querer” (Provérbios 21:1). E ela direciona todos os passos que tomamos, assim como os que os outros dão em relação a nós, pois “que não é do homem o seu caminho; nem do homem que caminha o dirigir os seus passos” (Jeremias 10:23). Isso se aplica, quer esses passos que causam a dificuldade sejam deliberados e pecaminosos, como no caso dos irmãos de José que o venderam para o Egito, ou sejam involuntários, como um homicídio puramente acidental, quando alguém que está cortando lenha mata seu vizinho com “o ferro saltar do cabo e ferir o seu próximo e este morrer” (Deuteronômio 19:5). Portanto, há uma providência santa e sábia que governa as ações pecaminosas e descuidadas dos homens, assim como um cavaleiro controla um cavalo manco, sendo que a coxeadura, não ele, é a verdadeira e própria causa. Portanto, no primeiro caso, diz-se que Deus enviou José para o Egito e, no segundo, que Ele entregou alguém nas mãos de seu próximo.

Por fim, Deus, por um decreto eterno e tão imutável quanto montanhas de bronze, determinou a totalidade do destino de cada um, incluindo a parte difícil, assim como a parte fácil. Pelo mesmo decreto eterno, que estabeleceu as partes altas e baixas da Terra, as montanhas e os vales, foram determinados os altos e baixos, a prosperidade e a adversidade no destino dos habitantes da Terra, e eles acontecem em perfeita conformidade com esse decreto.

O mistério da providência, no governo do mundo, é a construção erigida por Deus, em total conformidade com o plano do seu decreto, “aquele que faz todas as coisas de acordo com o conselho da sua própria vontade” (Efésios 1:11). Portanto, nunca há uma dificuldade no caminho de alguém que não possa ser rastreada até essa origem.

Nisso, Jó nos dá um exemplo piedoso em seu próprio caso: “Mas, se ele resolveu alguma coisa, quem então o desviará? O que a sua alma quiser, isso fará. Porque cumprirá o que está ordenado a meu

respeito, e muitas coisas como estas ainda tem consigo” (Jó 23:13,14).

Segundo. Para entendermos como o caminho tortuoso é feito por Deus, devemos distinguir entre dificuldades puras e imaculadas e dificuldades impuras e pecaminosas.

Primeiro, existem dificuldades puras e imaculadas, que são simples aflições, meras provações, certamente dolorosas, mas não contaminantes. Tais foram a pobreza de Lázaro, a esterilidade de Raquel, a fragilidade dos olhos de Lia e a cegueira do homem que nascera cego. As dificuldades desse tipo são feitas por Deus, pela eficácia do seu poder que age diretamente para causá-las. Ele é o criador dos pobres. “O que escarnece do pobre insulta ao seu Criador” (Provérbios 17:5), ou seja, ultraja Deus, que o fez pobre, conforme “o Senhor empobrece” (1 Samuel 2:7). Ele é quem tem a chave do ventre e, como lhe parece, o fecha ou o abre. E “Ele é quem forma os olhos” (Salmo 94:9). E o homem que “nasceu cego, para que nele se manifestem as obras de Deus” [João 9:3]. Portanto, ele diz a Moisés: “Quem fez a boca do homem? ou quem fez o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor?” (Êxodo 4:11). Tais dificuldades no caminho são feitas por Deus da maneira mais ampla, compreendendo-as completamente, sendo os efeitos diretos da sua ação, assim como os céus e a terra.

Segundo, existem dificuldades impuras e pecaminosas, que, por natureza, são tanto pecados quanto aflições, contaminantes e certamente dolorosas. Tais foram as dificuldades causadas no caminho de Davi pelos distúrbios em sua família, a contaminação de Tamar, o assassinato de Amnom e a rebelião de Absalão, todos eles acontecimentos antinaturais. Do mesmo tipo foram as dificuldades causadas no caminho de Jó pelos sabeus e caldeus que levaram embora sua propriedade e mataram seus servos. Esses eventos eram aflições para Davi e Jó, respectivamente, mas eram pecados dos perpetradores, os infelizes instrumentos deles. Assim, a mesma coisa pode ser um pecado grave para um, contaminando-o e o deixando culpado, e uma aflição para outro, o deixando apenas sob sofrimento. As dificuldades desse tipo não são feitas por Deus da mesma forma que as primeiras, porque Ele não coloca o mal no coração de ninguém, nem o incita.

“Porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta” (Tiago 1:13). Mas são feitas por Deus, mediante a Sua santa permissão, permitindo que os homens “andem em seus próprios caminhos”.

Embora Deus não seja o autor dessas dificuldades pecaminosas, causando-as pela eficácia do Seu poder, se Ele não as permitisse, estando disposto a não as impedir, elas não existiriam; pois “Ele fecha e ninguém abre” [Apocalipse 3:7]. No entanto, Ele retira justamente a Sua graça, que o pecador não deseja, remove a restrição sob a qual ele está desconfortável e, uma vez que o pecador quer seguir o seu próprio caminho, Ele retira a rédea sobre o seu pescoço e o deixa à mercê de seus desejos.

Ele poderosamente as limita. “o restante da cólera” (ou seja, a ira da criatura) “tu o restringirás” (Salmos 76:10). Se Deus não limitasse essas dificuldades, por mais graves que sejam no caso de alguém, elas seriam ainda mais graves. Mas Ele diz ao instrumento pecaminoso, assim como disse ao mar: “Até aqui virás, e não mais adiante, e aqui se parará o orgulho das tuas ondas” (Jó 38:11). Ele coloca uma faixa restritiva sobre o pecador, para que ele não possa ir um passo além daquele que Deus permite. Portanto, a dificuldade desse tipo não é nem maior nem menor do que Deus, por meio de Sua limitação poderosa, a faz ser. Um exemplo notável disso está no caso de Jó, cujo destino estava distorcido devido a uma ação peculiar do diabo; mas até para esse grande pecador Deus estabeleceu um limite: “E disse o Senhor a Satanás: Eis que tudo quanto ele tem está na tua mão; somente contra ele não estendas a tua mão” (Jó 1:12). Satanás foi até o limite, não deixando nada intocado dentro do seu alcance que pudesse funcionar a seu favor. No entanto, ele de forma alguma poderia avançar um passo além do limite para alcançar seu objetivo, o que ele não conseguiu dentro dele. Portanto, para tornar o julgamento mais rigoroso e a dificuldade maior, a única coisa que restava era remover o limite estabelecido e ampliar o campo de atuação de Satanás, para isso ele disse: “Porém estende a tua mão, e toca-lhe nos ossos, e na carne, e verás se não blasfema contra ti na tua face!” (Jó 2:5). E, quando isso foi feito, mas ao mesmo tempo, um novo limite foi estabelecido: “Eis que ele está na tua mão; porém guarda a sua vida” (Jó 2:6). A dificuldade foi levada ao

máximo que o novo limite permitiria, de acordo com o propósito de Satanás de levantar blasfêmia em Jó: “Então saiu Satanás da presença do Senhor, e feriu a Jó de úlceras malignas, desde a planta do pé até ao alto da cabeça” (Jó 2:7). E não fosse por esse limite, garantindo a vida de Jó, ele, depois de encontrar essa tentativa também malsucedida, sem dúvida o teria imediatamente despachado.

Terceiro, ele os governa com sabedoria para atingir um propósito bom e digno das perfeições divinas. Enquanto o instrumento pecaminoso tem uma má intenção na dificuldade que causa, Deus a direciona para um fim santo e bom. Nos distúrbios na família de Davi, a intenção de Amnom era satisfazer um desejo brutal; a de Absalão era satisfazer seu desejo de vingança, seu orgulho e ambição; mas Deus usou esse meio para punir Davi por seu pecado no caso de Urias. Na dificuldade no caminho de Jó, causada por Satanás e pelos sabeus e caldeus, seus instrumentos, a intenção de Satanás era levar Jó a blasfemar, e a dos outros era satisfazer sua ganância. No entanto, Deus tinha outro propósito que se ajustava à Sua natureza, ou seja, manifestar a sinceridade e a integridade de Jó. Embora esses instrumentos tenham más intenções nas dificuldades que causam, Deus a conduz de acordo com o Seu propósito santo e bom, ainda que o pecador não tenha essa intenção. Porque os planos de Deus não podem falhar, e “o Seu conselho permanecerá” [Provérbios 19:21]. Assim, a dificuldade pecaminosa é transformada, pela mão que a governa, para a glória de Deus e o bem de Seu povo no final. De acordo com a Palavra: “O Senhor fez todas as coisas para atender aos seus próprios desígnios” (Provérbios 16:4) e “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus” (Romanos 8:28). Portanto, o plano de Hamã para a destruição dos judeus “sucedeu o contrário” (Ester 9:1). E a dificuldade no destino de José, causada por seus próprios irmãos que o venderam para o Egito, embora fosse do lado deles um pecado muito grave e tivesse um propósito maligno; ainda assim, sendo uma obra de Deus, devido à Sua santa permissão, limitação poderosa e governança sábia, teve um fim digno da sabedoria e bondade divinas, como José observou para eles: “Vós bem intentastes mal contra mim; porém Deus o intentou para bem, para fazer como se vê neste dia, para conservar muita gente com vida” (Gênesis 50:20).

III. Resta questionar por que Deus torna tortuoso o caminho de alguém.

E isso deve ser esclarecido ao descobrir o propósito dessa dispensação, um assunto que é importante que todos conheçam e observem com cuidado, a fim de um aprimoramento cristão na tortuosidade de seu caminho. O propósito parece ser principalmente de sete formas.

Primeiro, o teste do estado de alguém, se ele está no estado de graça ou não. Se é um cristão sincero ou um hipócrita. Embora cada aflição seja uma prova, aqui eu acredito que reside o principal teste providencial ao qual alguém é submetido, em relação ao seu estado. Visto que o caminho tortuoso é uma questão de curso contínuo, alguém tem a oportunidade de se manifestar repetidamente na mesma coisa; de onde se segue que ela oferece fundamentos para uma decisão nesse ponto crucial. Foi claramente com base nesse fundamento que o teste do estado de Jó foi aplicado. A questão era se Jó era um servo sincero e íntegro de Deus, como Deus mesmo testemunhou sobre ele, ou apenas um servilista, um hipócrita, como Satanás alegava. E o teste disso foi colocado na dificuldade que seria causada em seu caminho. Consequentemente, o que todos os amigos de Jó, exceto Eliú, o último a falar, fizeram, em seus raciocínios com ele sob a provação, foi tentar prová-lo como um hipócrita. Satanás estava usando esses bons homens para alcançar seu objetivo. Assim como Deus testou Israel no deserto, com relação à terra de Canaã, por meio de dispensações aflitivas, que Caleb e Josué suportaram com firmeza, sendo declarados adequados para entrar na terra prometida, por terem seguido fielmente o Senhor, enquanto outros foram testados com eles e tiveram suas carcaças caídas no deserto. Assim, Ele testa as pessoas para o céu, por meio das dificuldades em seu caminho. Se alguém pode passar por esse teste, tal pessoa é revelada como um santo, um servo sincero de Deus, como Jó foi provado ser. Se ele não puder, ele é apenas um hipócrita; ele não pode passar no teste da dificuldade em seu destino e se vai como escória na fornalha de Deus. Um exemplo triste disso

está no caso de um homem de honra e riqueza que, com grandes pretensões de religião, derivadas de um princípio de seriedade moral, abordou nosso Salvador para saber “que farei para herdar a vida eterna?” (Marcos 10:17). Nosso Salvador, para revelar o homem a si mesmo, lhe fez um caminho tortuoso, onde antes tudo estava indo bem, obrigando-o, por meio de um comando probatório, a vender e dar tudo o que tinha e seguiu-Lo: “vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, toma a cruz, e segue-me” (Marcos 10:21). Por meio disso, ele foi, naquele momento, no tribunal da consciência, despojado de suas grandes posses; de modo que, a partir desse momento, ele não podia mais mantê-las com a consciência limpa, como poderia ter feito antes. O homem sentiu imediatamente o impacto do caminho tortuoso; ele ficou “pesaroso desta palavra” (Marcos 10:22), ou seja, imediatamente após ouvi-la, sendo atingido pela dor, pela desordem e confusão da mente, seu semblante mudou, tornou-se nublado e carrancudo, como a mesma palavra é usada. Ele não conseguiu passar no teste da tortuosidade; ele de forma alguma poderia submeter seu caminho a Deus nesse ponto, mas sentiu que precisava tê-lo, a qualquer custo, de acordo com sua própria mente. Portanto, ele “retirou-se triste; porque possuía muitas propriedades” (Marcos 10:22). Ele voltou de Cristo para sua propriedade abundante e, embora com um coração aflito e triste, se estabeleceu novamente nela, como um proprietário violento diante do Senhor, contrariando a ordem divina. E não parece que essa ordem tenha sido revogada, ou que ele tenha chegado a um temperamento melhor em relação a ela.

Em *segundo lugar*, incitar ao dever, desmamar alguém deste mundo e incentivá-lo a buscar a felicidade do outro mundo. Muitos têm sido beneficiados pelo caminho tortuoso, pois foi essa foi a única maneira de alcançarem uma visão clara, se estabilizarem e se tornarem sérios. Por um tempo, agiram como um asno selvagem acostumado ao deserto, recusando-se a serem mudados, até que finalmente escorregaram quando era a hora certa, e a tortuosidade em seu caminho foi o gancho em que foram fígados. Foi assim que o filho pródigo voltou a si mesmo e foi obrigado a considerar a ideia de voltar para seu pai. O caminho torto os convence, por fim, de que seu descanso não está aqui. Eles continuam sentindo um espinho doloroso de

inquietação sempre que apoiam a cabeça onde gostariam de descansar na criatura e percebem que são obrigados a levantá-la novamente. Isso os leva a concluir que não há esperança nessa direção e a começar a buscar descanso de outra maneira, o que os leva a buscar a Deus, algo que não faziam antes. Eles percebem que precisam das consolações do outro mundo, que antes eram insípidas, enquanto seu destino estava indo de acordo com suas expectativas. Portanto, qualquer que seja o uso que façamos da dificuldade em nosso caminho, a mensagem que ela transmite é “levantai-vos, e ide-vos, porque este não é lugar de descanso (Miquéias 2:10). E, sem dúvida, essa é uma das maneiras mais eficazes de mortificação de um cristão genuíno em relação a esta vida e ao mundo.

Em *terceiro lugar*, a convicção do pecado. Como quando alguém está caminhando descuidadamente e é subitamente acometido por uma coxeadura, sua marcha irregular o convence de ter dado um passo errado; e a cada novo passo doloroso, isso lhe traz à mente novamente. Dessa forma, Deus cria um caminho tortuoso na vida de alguém para convencê-lo de algum passo errado que ele deu ou curso que ele tomou. O que o pecador de outra forma tenderia a ignorar, esquecer ou considerar levemente, é, por meio disso, trazido à mente, apresentado como uma coisa má e amarga, e mantido na memória, para que seu coração possa sangrar por isso novamente de tempos em tempos. Assim, por meio da dificuldade, o pecado das pessoas as encontra e as convence, “como fica confundido o ladrão quando o apanham” (Jeremias 2:26). Isso é expresso de forma comovente pelos irmãos de José, sob a dificuldade criada em seu destino no Egito: “Na verdade, somos culpados acerca de nosso irmão” (Gênesis 42:21); “Achou Deus a iniquidade de teus servos” (Gênesis 44:16). O caminho tortuoso geralmente, em sua natureza de circunstâncias, se refere de forma tão natural ao passo errado ou curso que serve como uma lembrança providencial disso, trazendo o pecado, embora datado de muito tempo, de volta à memória e como um emblema da insensatez do pecador, em palavras ou ações, mantendo-o sempre diante de seus olhos. Quando Jacó descobriu que Lia, através do comportamento injusto de Labão, havia sido enganada por Raquel, como ele poderia deixar de lembrar do logro que ele próprio havia perpetrado em seu

pai, fazendo-se passar por Esaú, sete anos antes? Como ele não podia evitar que isso o ferisse ocasionalmente durante o casamento? Ele havia imposto a seu pai o irmão mais novo em vez do mais velho; e Labão lhe impôs a irmã mais velha em vez da mais nova. A cegueira dos olhos de Isaque favoreceu o logro anterior, e a escuridão da noite favoreceu o último. Portanto, ele teve que dizer, como Adoni-Bezeque em outro caso: “assim como eu fiz, assim Deus me pagou” (Juízes 1:7). Da mesma forma, Raquel, morrendo no parto, dificilmente poderia evitar uma reflexão melancólica sobre sua expressão impulsiva e apaixonada: “Dá-me filhos, senão morro” (Gênesis 30:1). Mesmo o santo Jó, na dificuldade de seu destino, leu alguns passos errados que havia dado em sua juventude, muitos anos antes: “Por que escreves contra mim coisas amargas e me fazes herdar as culpas da minha mocidade?” (Jó 13:26).

Em *quarto lugar*, correção ou punição pelo pecado. Em nada isso é mais verificado do que na tortuosidade do caminho, quando se aplica a palavra: “A tua malícia te castigará, e as tuas apostasias te repreenderão” (Jeremias 2:19). Deus pode, por um tempo, fechar os olhos para o pecado de alguém, o qual, mais tarde, marcará com a indignação divina, torcendo o caminho do pecador, como fez no caso de Jacó e Raquel, mencionado anteriormente. Embora o pecado tenha sido uma ação passageira ou um curso de não muito tempo, o sinal da desaprovação divina por Ele, colocado no pecador na tortuosidade de seu caminho, pode doer nele por muito tempo, para que, por meio de experiências repetidas, ele saiba o quão má e amarga foi a ação. A morte de Urias por Davi com a espada dos amonitas foi rapidamente superada; mas, por causa disso, “a espada nunca se apartou da sua casa” [2 Samuel 12:10]. Geazi rapidamente obteve duas bolsas de dinheiro de Naamã, pelo caminho da falsidade e da mentira; mas, como um sinal duradouro da indignação divina contra a fraude profana, ele também adquiriu a lepra, que o acompanhou enquanto viveu e a sua posteridade após ele. Isso pode acontecer tanto onde o pecado é perdoado em relação à culpa da ira eterna quanto onde não é. E uma pessoa pode ter confessado e se arrependido sinceramente desse pecado, o qual, no entanto, a fará coxear até o túmulo, embora não possa levá-la ao inferno. A pessoa pode ser aceita no Amado, mas ainda assim ter uma

marca específica da desaprovação divina, com o pecado pendurado nela na tortuosidade do caminho. “Tu foste um Deus que lhes perdoaste, ainda que tomaste vingança dos seus feitos” (Salmos 99:8).

Em *quinto lugar*, a prevenção do pecado. “Portanto, eis que cercarei o teu caminho com espinhos; e levantarei um muro de sebe, para que ela não ache as suas veredas” (Oséias 2:6). A tortuosidade no caminho será prontamente encontrada atravessando algum viés errado no coração, que particularmente influencia a pessoa. Portanto, é como uma cerca de espinhos ou muro no caminho ao qual esse viés o inclina. Os objetos impuros no mundo são especialmente tentadores, pois se adequam ao temperamento específico das pessoas; mas, por meio do caminho tortuoso, a pintura e o verniz dos objetos impuros se desgastam, perdendo sua antiga aparência sedutora. Assim, a intensidade das afeições corruptas é reduzida, a tentação enfraquecida e muito pecado é evitado; o pecador, depois de “errante tanto para mudar seu caminho, retoma envergonhado” [Jeremias 2:36]. Assim, o Senhor torce o caminho de alguém para “apartar o homem daquilo que faz, e esconder do homem a soberba” (Jó 33:17); e assim “para desviar a sua alma da cova” (Jó 33:18). Todos conhecem o que é mais agradável para eles, mas somente Deus sabe o que é mais proveitoso. Assim como todos os homens são mentirosos, também todos os homens são tolos. Ele é o único Deus sábio. Muitos são obrigados a ter um caminho tortuoso para que não se entreguem a excessos que suas mentes vãs e afeições corruptas os levariam a fazer; e eles, do fundo do coração, bendiriam a Deus por criar tais caminhos se considerassem calmamente qual seria o resultado mais provável da remoção deles. Quando alguém está em perigo de se preocupar com a dificuldade de suportar a tortuosidade, é bom considerar em que estado ele ainda está para suportar sua remoção de maneira cristã.

Em *sexto lugar*, a descoberta de corrupção latente, quer em santos quer em pecadores. Existem algumas corrupções no coração de cada pessoa que estão tão perto da superfície que estão prontas a surgir a cada momento; mas também existem outras que estão tão profundas que mal são percebidas. Mas, assim como o fogo sob o pote faz a escória subir, aparecer na superfície e transbordar, o caminho tortuoso levanta

do fundo e traz à tona corrupções que, de outra forma, dificilmente poderiam ser imaginadas. Quem suspeitaria de tamanha paixão no manso Moisés, como ele demonstrou nas águas contenciosas, e pelo qual foi impedido de entrar em Canaã? Ou de tanta amargura no paciente Jó, ao acusar Deus de crueldade? Tanta má índole no bom Jeremias, ao amaldiçoar não apenas o dia de seu nascimento, mas até mesmo o homem que trouxe as notícias a seu pai? Ou de um traço de ateísmo em Asafe, ao considerar a religião uma coisa vã? Mas a dificuldade no destino, ao trazer essas coisas à tona, mostrou que elas estavam dentro, embora tivessem passado despercebidas. E, como esse intento, por mais indecentemente que os zombadores orgulhosos se permitam tratá-lo, de modo algum é inconsistente com as perfeições divinas, a descoberta em si é necessária para a devida humilhação dos pecadores e para manchar o orgulho de toda glória, para que as pessoas se conheçam. Ambos os quais aparecem, pois foi com esse mesmo intento que Deus fez o caminho de Israel torto no deserto; mesmo para humilhá-los e prová-los, para saber o que estava em seu coração.

Sétimo, o exercício da graça nos filhos de Deus. Os crentes, devido aos resquícios da corrupção que ainda habitam neles, estão sujeitos a momentos de preguiça e inatividade espiritual, nos quais suas graças permanecem dormentes por um tempo. Além disso, existem algumas graças que, por sua própria natureza, têm apenas exercícios ocasionais, sendo exercidas apenas quando há ocasião de certas coisas relacionadas a elas, como paciência e longanimidade. O caminho torto serve para despertar um cristão para o exercício das graças sobrecarregadas pela corrupção e, ao mesmo tempo, para chamar à ação as graças ocasionais, fornecendo ocasiões adequadas para elas. A verdade é que o caminho torto é o grande mecanismo da Providência para fazer com que as pessoas apareçam em suas verdadeiras cores, descobrindo tanto o mal quanto o bem nelas. E se a graça de Deus está nelas, isso a fará sair e causará sua manifestação. Isso coloca o cristão em situações apertadas, de modo que, embora ele possa titubear por um tempo, no final, ele evidenciará a realidade e a força da graça nele. “Ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações, para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo

fogo, se ache em louvor, e honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo” (1 Pedro 1:6,7). O caminho tortuoso dá origem a muitos atos de fé, esperança, amor, autonegação, resignação e outras graças, a muitas aspirações celestiais, separações e gemidos, que de outra forma não seriam trazidos à tona. E não tenho dúvidas de que essas coisas, embora desprezadas pelos homens carnaís como insignificantes, são muito mais preciosas aos olhos de Deus do que até mesmo os próprios crentes percebem, pois são atos de adoração interna imediata, e receberão um reconhecimento surpreendente, assim como o conjunto deles, a longo prazo. No entanto agora, o uso desta doutrina é triplo. (1) Para repreensão. (2) Para consolação. E (3) para exortação.

Aplicação 1. Repreensão.

E isso se aplica a três tipos de pessoas que merecem repreensão.

Primeiro, aos carnaís e terrenos, que não consideram com temor e reverência seu caminho torto como uma obra de Deus. Há certamente uma assinatura da mão Divina nisso a ser percebida por observadores atentos, e isso desafia um respeito solene, cuja negligência pressagia a destruição. “Porquanto não atentam às obras do Senhor, nem à obra das suas mãos; pois que ele os derrubará e não os reedificará” (Salmos 28:5). E, nisso, eles são profundamente culpados, ao derramar sobre as causas secundárias e olhar apenas para os instrumentos infelizes do seu caminho torto, negligenciando a causa principal, como um cão que rosna à pedra, mas não olha para a mão que a lançou. Isso, efetivamente, faz da criatura um deus, o tratando como se pudesse efetuar qualquer coisa por si mesma, enquanto, na verdade, é apenas um instrumento na mão de Deus, “a vara de Sua ira”. “Ordenada por Ele para o juízo, estabelecida para a correção” [Habacuque 1:11]. Oh! Por que os homens encerram sua visão nos instrumentos do seu caminho torto e, assim, ampliam seus flagelos? A verdade é que eles, na maioria das vezes, mais merecem piedade, pois têm um função indesejável, que, para satisfazer suas próprias afeições

corruptas, em fazer o caminho torto dos outros, volta para suas próprias cabeças, eventualmente com vingança, como “o sangue de Jezreel na casa de Jeú” [Oséias 1:4]. E é especialmente indesejável ser empregado dessa maneira no caso daqueles que pertencem a Deus; pois raramente o motivo da luta é o mesmo no caso do instrumento como no caso de Deus, mas muito diferente; testemunhe as maldições de Simei contra Davi como um homem sanguinário, referindo-se ao sangue da casa de Saul, do qual ele não era culpado, enquanto Deus o referia ao sangue de Urias, que ele não podia negar. Além disso, a luta será, por fim, travada entre Deus e Seu povo; e, em seguida, seus açoitadores descobrirão que tiveram uma incumbência ingrata. “Porque eu estava pouco indignado, mas eles agravaram o mal” (Zacarias 1:15), diz Deus, em ressentimento pelo fato de os pagãos torcerem o caminho de Seu povo. Da mesma forma, são culpados aqueles que atribuem a tortuosidade em seu caminho à sorte ou ao azar, que, na realidade, não passa de uma criatura da imaginação, criada para manter o homem longe de reconhecer a mão de Deus. Assim como os filisteus duvidaram, eles determinam de forma mais ímpia, dizendo, na verdade, “saberemos que não nos tocou a sua mão, e que isto nos sucedeu por acaso” (1 Samuel 6:9). E, finalmente, aqueles também são culpados que, ao abandonar-se a desprezar a tortuosidade em seu caminho, fazer pouco dele e esquecê-lo. Não questiono que alguém que entrega seu caso ao Senhor e olha para Ele em busca de remédio em primeiro lugar, pode, de maneira lícita, recorrer ao uso moderado dos confortos da vida para obter ajuda em segundo lugar. Mas em relação a essa prática tão frequente e comum entre os homens carnaís, se o caminho torto realmente é, como de fato é, obra de Deus, deve ser um caminho mais indigno e inadequado, a ser abominado por todos os homens bons. “Filho meu, não rejeites a correção do Senhor” (Provérbios 3:11). Certamente é um método de cura muito desesperado que não pode evitar resultar em algo pior do que a doença, embora possa disfarçá-la por um tempo. “E o Senhor DEUS dos Exércitos, chamou naquele dia para chorar e para prantear, e para raspar a cabeça, e cingir com o cilício. Porém eis aqui gozo e alegria, matam-se bois e degolam-se ovelhas, come-se carne, e bebe-se vinho, e diz-se: Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos” (Isaías 22:12,13).

Em *segundo lugar*, os não submissos, cujos corações, como o mar tumultuado, incham e borbulham, se irritam e murmuram, e não podem descansar sob a tortuosidade em seu caminho. Este é um curso muito pecaminoso e perigoso. O apóstolo Judas, caracterizando alguns “a quem está reservada a negrura das trevas para sempre” [Judas 1:13], diz a respeito deles: “Estes são murmuradores, queixosos” [Judas 1:16], ou seja, queixam-se constantemente de seu caminho, que é o significado da palavra usada aqui pelo Espírito Santo. Uma vez que seu caminho tortuoso, à qual seus espíritos indomados de forma alguma podem se submeter, é obra de Deus, essa prática deles deve ser uma luta contra Deus. E essas queixas e murmurações deles são, de fato, contra Ele, independentemente da aparência que possam dar a elas. Assim, quando os israelitas murmuraram contra Moisés, Deus os acusou de murmurar contra Si mesmo. “Até quando sofrerei esta má congregação, que murmura contra mim?” (Números 14:27?). Ah! Não pode aquele que nos fez e nos formou sem nosso conselho, ser autorizado a moldar nosso caminho também, sem perguntar nossa opinião? O que isso revela, senão que a criatura orgulhosa não pode suportar a obra de Deus, nem aceitar o que Ele fez? E qual é o temperamento de espírito que resulta disso, senão que o orgulho da criatura não pode suportar a obra de Deus, nem aceitar o que Ele fez? E qual é o temperamento de espírito que resulta disso, senão um temperamento orgulhoso e pecaminoso? Que curso tão negro e perigoso! Como é possível deixar de ser quebrado em pedaços seguindo tal caminho? “Ele é sábio de coração, e forte em poder; quem se endureceu contra ele, e teve paz?” (Jó 9:4).

Terceiro, os descuidados e infrutíferos, que não se esforçam em obedecer ao propósito do seu caminho tortuoso. Deus e a natureza não fazem nada em vão. Uma vez que Ele faz o torto, sem dúvida, há um propósito digno nisso, que estamos obrigados, por dever, a seguir, de acordo com a passagem “ouvi a vara” (Miquéias 6:9). E, na verdade, se alguém não fechar os olhos, mas estiver disposto a entender, ele pode facilmente perceber o objetivo geral disso, que é desapegá-lo deste mundo e movê-lo a buscar e encontrar descanso em Deus. E, quando a natureza e as circunstâncias do que está torto são

devidamente consideradas, não será muito difícil fazer uma descoberta mais específica do propósito disso. No entanto, o pecador negligente, afundado na preguiça e estupidez espiritual, não tem preocupação em descobrir o propósito da Providência na tortuosidade; portanto, não pode aderir a ele, mas permanece infrutífero; e todos os esforços tomados por ele pelo grande Agricultor na dispensação são perdidos. “Por causa das muitas opressões os homens clamam por causa do braço dos grandes” (Jó 35:9); gemendo sob a pressão da própria tortuosidade e do peso da mão do instrumento dela: “Porém ninguém diz: Onde está Deus que me criou?” (Jó 35:10). Eles não olham, eles não se voltam para Deus.

Aplicação 2. Consolação.

Isso traz conforto aos filhos aflitos de Deus. Seja qual for seu caminho torto ele é obra de Deus; e, portanto, você pode considerá-lo com bondade. Uma vez que é seu Pai que o fez para você, não duvide de que há um propósito favorável nisso em relação a você. Uma criança sensata dá as boas-vindas à vara de seu pai, sabendo que, sendo um pai, ele busca seu benefício dessa maneira; e não devem os filhos de Deus dar as boas-vindas ao caminho tortuoso, como planejada por seu Pai, que não pode se enganar em suas medidas, para trabalhar em benefício deles, de acordo com a promessa? A verdade é que o caminho tortuoso de um crente, por mais doloroso que seja, é parte da disciplina da aliança, o treinamento garantido aos filhos de Cristo pela promessa do Pai. “Se os seus filhos deixarem a minha lei, e não andarem nos meus juízos, se profanarem os meus preceitos, e não guardarem os meus mandamentos, então visitarei a sua transgressão com a vara, e a sua iniquidade com açoites” (Salmos 89:30-32). Além disso, todos os que estão dispostos a se voltarem para Deus, sob o caminho tortuoso, podem encontrar conforto nisso, saibam que não há algo torto em seu caminho que não possa ser endireitado; pois Deus o fez, com certeza, Ele pode consertá-lo. Ele mesmo pode endireitar o que Ele fez torto, embora ninguém mais possa. Não há nada que seja difícil demais para Ele fazer: “Ele levanta o pobre do pó e tira o necessitado do monturo;

para que o coloque entre os príncipes. Ele faz a mulher estéril habitar em casa e ser uma mãe alegre de filhos”. Não diga que sua prova foi de longa duração, que nunca vai melhorar. Coloque-a nas mãos de Deus, que a fez, para que Ele possa consertá-la, e espere Nele. E, se for para o seu bem que ela seja consertada, ela será consertada; pois “não retirará bem algum aos que andam na retidão” (Salmos 84:11).

Aplicação 3. Exortação.

Uma vez que o caminho tortuoso é uma obra de Deus, então, olhando para a mão de Deus em sua vida, reconcilie-se com Ele e submeta-se a Ele, seja qual for. Digo, olhando para a mão de Deus nisso, pois, de outra forma, sua submissão ao caminho tortuoso não pode ser uma submissão cristã, aceitável a Deus, não tendo nenhuma referência a Ele como parte interessada no assunto.

Objeção 1. Mas alguns dirão: ‘O meu caminho torto vem da criatura; e de tal criatura, da qual eu não esperava tal tratamento.’

Resposta: Com base no que foi dito anteriormente, fica claro que, embora que seu caminho tortuoso seja imediatamente da mão da criatura, ela é mediata da mão de Deus; não sendo, de forma alguma, um mal penal, mas o Senhor a fez. Portanto, sem dúvida alguma, Deus é o principal agente, qualquer que seja o agente secundário. E, embora você não tenha merecido a tortuosidade pela mão do instrumento que Ele utiliza para sua correção, certamente mereceu por Sua mão; e Ele pode usar qualquer instrumento que desejar no assunto, ou até mesmo fazer isso diretamente por Si mesmo, conforme lhe parecer apropriado.

Objeção 2. “Mas meu caminho tortuoso poderia ser endireitado rapidamente, se o instrumento ou instrumentos dela quisessem: apenas não é possível lidar com eles de forma a convencê-los de seu erro ao fazê-lo”.

Resposta: Se for assim, esteja certo de que ainda não chegou o momento de Deus para que o relógio seja ajustado; pois, se tivesse chegado, embora eles estejam agora como uma fortaleza inexpugnável, cederiam como um banco de areia sob o pé de alguém; “diante de ti se inclinarão com o rosto em terra, e lambeerão o pó dos teus pés” [Isaías 49:23]. Enquanto isso, o estado da questão está longe de justificar que alguém não esteja olhando para a mão de Deus no seu caminho torto, tornando-a um julgamento em que Sua mão aparece de forma muito proeminente, ou seja, que os homens deveriam ser notoriamente prejudiciais e onerosos para os outros, mas de forma alguma passíveis de convicção. Esta foi a provação da igreja perante seus adversários. “Todos os que as achavam as devoravam, e os seus adversários diziam: Culpa nenhuma teremos; porque pecaram contra o Senhor, a morada da justiça, sim, o Senhor, a esperança de seus pais” (Jeremias 50:7). Eles foram muito abusivos e trataram-na de maneira bárbara; no entanto, eles não reconheceriam nenhum erro no assunto. Como eles poderiam evitar a convicção? Eles eram verdadeiramente inocentes em devorar as ovelhas desgarradas do Senhor? Não, com certeza, não eram. Eles se consideravam ministros da justiça divina contra ela? Não, eles não faziam. Alguns, de fato, poderiam questionar aqui como os adversários da igreja poderiam celebrar o Deus dela como a habitação da justiça? Mas, mantendo a pontuação original do texto, fica claro que não há base para essa pergunta aqui, e, ao mesmo tempo, toda a questão é esclarecida. “Todos os que as achavam as devoravam, e os seus adversários diziam: Culpa nenhuma teremos; porque pecaram contra o Senhor, a morada da justiça”. Essas últimas palavras não são das palavras dos adversários, mas são as palavras do profeta, mostrando como se deu o fato de os adversários terem devorado as ovelhas do Senhor, ao encontrá-las, e, ao mesmo tempo, defenderam a ação, longe de reconhecerem algum erro; a questão estava em que as ovelhas tinham pecado contra o Senhor, a habitação da justiça, e, como punição justa disso de Sua mão, não podiam esperar justiça das mãos de seus adversários. Portanto, abandonando essas desculpas frívolas e olhando para a mão de Deus como aquela que entortou seu caminho nessa parte, e o mantém torto, reconcilie-se e submeta-se à tortuosidade, seja ela qual for dizendo do fundo do coração: “Certamente isto é enfermidade que eu poderei

suportar” (Jeremias 10:19). E para movê-lo a fazer isso, considere:

1. É um dever que você deve a Deus, como seu soberano Senhor e Benfeitor. Sua soberania desafia nossa submissão, e nunca pode ser considerado falta de espírito submeter-se ao que está torto que Sua mão fez em nosso destino e aceitar calmamente o jugo que Ele impôs; mas é realmente loucura para os cacos da terra, com seu comportamento turbulento e refratário, lutar contra seu Criador. E Sua benevolência para conosco, criaturas indignas, pode bem calar nossa boca para reclamar d’Ele por nos fazer um caminho tortuoso, Ele que não nos faria mal se tivesse tornado todo ele tortuoso. “Receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal?” (Jó 2:10).

2. É um estatuto inalterável, para o tempo desta vida, que ninguém escapará de ter um caminho tortuoso, pois “o homem nasce para a tribulação, como as faíscas se levantam para voar” (Jó 5:7). E aqueles que estão destinados ao céu têm a garantia especial de um caminho tortuoso, “pois no mundo terão aflições” [João 16:33]; pois por meio dela, o Senhor os torna adequados para o céu. E como você pode imaginar que será isentado da sorte comum da humanidade? “Deveria a rocha ser removida de seu lugar por sua causa?” E, uma vez que Deus faz as torto os caminhos das pessoas de acordo com as diferentes necessidades de seus casos, você pode ter certeza de que a sua é necessária para você.

Um caminho tortuoso, à qual alguém não consegue de forma alguma se submeter, torna uma condição de todas as coisas mais semelhante àquela no inferno. Pois lá um jugo, que os infelizes sofredores não podem suportar nem remover, é colocado em volta de seus pescoços; lá o braço onipotente age contra eles, e eles contra Ele; lá eles estão sempre sofrendo e sempre pecando; sempre na fornalha, mas sua escória não é consumida, nem eles são purificados. Assim é o caso daqueles que agora não conseguem se submeter ao caminho tortuoso.

É uma grande perda não se submeter a ele. O caminho tortuoso, quando bem aproveitado, transformou-se na melhor bênção para algumas pessoas durante toda a sua vida, como o salmista atesta a partir de sua própria experiência: “Antes de ser afligido andava errado; mas agora tenho guardado a tua palavra” (Salmos 119:67). Há muitos no céu agora que estão bendizendo a Deus pelo caminho tortuoso que tiveram aqui. Que tristeza deve ser, então, perder este vento favorável para a terra de Emanuel! Mas se o caminho tortuoso não lhe faz bem, tenha certeza de que não deixará de lhe causar um grande dano. Isso aumentará muito a sua culpa e agravará sua condenação, enquanto você se lembrará para sempre das dores causadas pelo caminho tortuoso para separá-lo do mundo e aproximá-lo de Deus, mas tudo em vão. Portanto, tenha cuidado de como você lida com isso, para que você não chore no final e diga: “Como odiei a correção! e o meu coração desprezou a repreensão!” (Provérbios 5:12).

Capítulo 2

O que Deus achar melhor entortar, não seremos capazes de consertar em nosso caminho. O que de torto Deus faz em nosso caminho, não seremos capazes de endireitar.

I. Vamos mostrar como Deus entorta e faz tortuoso o caminho de alguém, conforme Ele achar melhor.

Primeiro, Deus guarda para Si a escolha do que fará torto; e, assim, Ele exerce Sua soberania. Não está em nossa opção decidir qual será esse torto ou qual será o nosso fardo peculiar; mas, assim como o oleiro faz de uma mesma argila um vaso para um uso, outro para outro uso, Deus faz algo torto para um e outro para outro, de acordo com Sua própria vontade e prazer. “Mas o nosso Deus está nos céus; fez tudo o que lhe agradou” (Salmos 115:3).

Segundo, Ele vê e observa a inclinação da vontade e inclinação de cada um, para onde ela se inclina, especialmente afastando-se Dele, e consequentemente onde ela precisa de um arco especial; assim Ele fez no caso daquele homem. “Falta-te uma coisa: vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres” (Marcos 10:21). Observe a inclinação do coração dele para sua grande posse. Ele observa qual é o ídolo que, em cada caso, é mais propenso a ser Seu rival, para que Ele possa adaptar o teste ao caso, entortando lá.

Terceiro, pela conduta de Sua providência ou um toque de Sua mão, Ele dá a essa parte do caminho algo torto no sentido contrário; para que, daqui em diante, isso fique completamente oposta à inclinação da vontade da pessoa. E aqui o teste é feito, com a vontade da pessoa indo de um jeito e essa parte do caminho de outro, de forma que não corresponde à inclinação da pessoa, mas a contrária.

Quarto, Ele deseja que o caminho torto permaneça enquanto Ele vê que seja adequado, por mais ou menos tempo, de acordo com os fins santos que Ele planeja. Por Sua vontade, isso é fixada de tal forma que a criação inteira não pode alterar ou retirar aquilo que está torto.

II. Vamos considerar a tentativa das pessoas de consertar o seu caminho torto. Isso, em poucas palavras, envolve seus esforços para levar seu caminho nesse ponto de acordo com sua própria vontade, para que ambos sigam o mesmo caminho; assim, implica três coisas.

Primeiro, um desconforto sob o caminho torto; é um jugo que é difícil de suportar para a pessoa, até que seu espírito seja domado e subjugado. “Castigaste-me e fui castigado, como novilho ainda não domado; converte-me, e converter-me-ei, porque tu és o Senhor meu Deus” (Jeremias 31:18). E é para quebrar o peso do espírito que Deus o coloca: por essa razão, é declarado ser uma coisa boa carregá-lo, pois é o caminho para fazer da pessoa, finalmente, como uma criança desmamada.

Segundo, um forte desejo de ter a cruz removida e de ter as coisas nessa parte ocorrendo de acordo com nossas inclinações. Isso é muito natural, a natureza deseja ser liberta de tudo o que é pesado ou contrário a ela; e, se esse desejo for mantido em devida subordinação à vontade de Deus e não for muito imperioso, não é pecaminoso. “Se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero”

(Mateus 26:39). Daí as muitas orações aceitas do povo de Deus para a remoção daquilo que está torto em seu caminho.

Terceiro, um uso sério de meios para esse fim. Isso segue naturalmente esse desejo. A pessoa, pressionada pela cruz que está em seu caminho, faz todo o possível no uso de meios para se livrar dela. E se os meios usados forem legítimos e não forem confiados, mas seguidos com um olhar para Deus neles, a tentativa não é pecaminosa, quer ela tenha sucesso no uso deles ou não.

III. Em que sentido se entende que não seremos capazes de consertar o que está torto em nosso caminho.

Não deve ser entendido como se o caso fosse absolutamente sem esperança e que não há remédio para nosso caminho tortuoso. Pois não há caso tão desesperado que Deus não possa corrigi-lo. “Haverá alguma coisa demasiado difícil para o Senhor?” [Jeremias 32:17]. Quando aquilo que está torto persiste por muito tempo e rejeita todos os remédios que tentamos, estamos prontos para perder a esperança; no entanto, muitas coisas tortas, dadas como irremediáveis, que nunca seriam consertadas, Deus endireitou perfeitamente, como no caso de Jó.

Mas nunca seremos capazes de consertá-lo por nós mesmos; se o Senhor mesmo não intervir para removê-lo, ele permanecerá diante de nós inamovível, como uma montanha de bronze, embora possa ser algo que poderia ser facilmente removido. Isso se resume em três pontos:

1. Nunca poderemos fazê-lo apenas com a força de nossas mãos. “Porque o homem não prevalecerá pela força” (1 Samuel 2:9). Os esforços mais vigorosos que podemos usar não endireitarão o caminho tortuoso, a menos que Deus a toque com Sua mão; portanto, todos os

esforços nesse sentido, sem olhar para Deus, são vãos e infrutíferos, como arar na rocha.

2. O uso de todos os meios permitidos para isso será inútil, a menos que o Senhor os abençoe para esse fim. “Quem é aquele que diz, e assim acontece, quando o Senhor o não mande?” (Lamentações 3:37). Assim como alguém pode comer e não ficar satisfeito, alguém pode usar meios apropriados para endireitar o caminho torto e ainda não conseguir nada. Pois nada pode ser ou fazer por nós mais do que Deus permite que seja ou faça. “Não é dos ligeiros a carreira, nem dos fortes a batalha, nem tampouco dos sábios o pão, nem tampouco dos prudentes as riquezas, nem tampouco dos entendidos o favor” (Eclesiastes 9:11).

3. Isso não acontecerá em nosso tempo, mas no tempo de Deus, que raramente é tão cedo quanto o nosso. “Ainda não é chegado o meu tempo, mas o vosso tempo sempre está pronto” (João 7:6). Portanto, às vezes, o que está torto permanece imóvel, como se fosse mantida por uma mão invisível, e em outro momento desaparece com um toque, porque chegou o tempo de Deus para endireitá-la.

IV. Agora vamos apresentar as razões para esse ponto.

1. Por causa da dependência absoluta que temos de Deus. Assim como a luz depende do sol, ou a sombra do corpo, dependemos de Deus e não podemos fazer nada, grande ou pequeno, sem Ele. E Deus quer que descubramos isso para nos ensinar nossa dependência.

2. Porque Sua vontade é irresistível. “O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade” (Isaías 46:10) Quando Deus deseja uma coisa e a criatura deseja o oposto, é fácil ver qual vontade deve ser feita. Quando o braço onipotente segura, em vão a criatura tenta se afastar. “Quem se endureceu contra ele, e teve paz?” (Jó 9:4).

Inferência 1. Há uma necessidade de ceder e submeter-se àquilo que está torto em nosso caminho; pois é tão impossível pensarmos em remover as rochas e montanhas que Deus estabeleceu quanto fazer uma parte de nosso caminho reto que Ele fez torto.

Inferência 2. O endireitamento daquilo que é torto em nosso caminho, apenas com nossa própria força, é uma ilusão que nos impomos e não durará, mas, como um pedaço de madeira forçado a se endireitar, logo retornará à sua curvatura original.

Inferência 3. A única maneira eficaz de endireitar o torto é buscar a Deus por isso.

Exortação 1. Portanto, apliquemos a Deus para remover qualquer coisa torta em nosso caminho que, de acordo com a ordem estabelecida das coisas, possa ser endireitado. Os homens não podem deixar de desejar a remoção de algo torto, assim como a de um espinho na carne. Mas, uma vez que não somos capazes de corrigir o que Deus vê adequado entortar, está claro que devemos pedir a Ele, que a fez, para a endireitar, e não tomar o endireitamento em nossas próprias mãos.

Motivo 1. Todas as nossas tentativas para removê-lo serão vãs e infrutíferas sem Ele. Sejam tão resolutos quanto quisermos em igualá-lo, se Deus não o disser, nosso trabalho será em vão. Por mais justos que sejam os meios que usamos para buscá-lo, eles serão ineficazes se Ele não ordenar a bênção.

Motivo 2. Tais tentativas geralmente piorarão a situação. Nada é mais comum do que um espírito orgulhoso, lutando com a adversidade, torná-la ainda pior. “Quem abrir uma cova, nela cairá, e quem romper um muro, uma cobra o morderá” (Eclesiastes 10:8). Isso fica evidente no caso dos murmuradores no deserto. Isso ocorre naturalmente porque, dessa maneira, a vontade da parte se afasta ainda mais do que

a situação exige. Além disso, Deus é provocado a apertar o jugo ainda mais ao redor do pescoço da pessoa, de forma que Ele não deixará de apertar.

Motivo 3. Não existe nada torto que não possa ser endireitado por Ele e transformado em algo completamente reto. “O Senhor sustenta a todos os que caem, e levanta a todos os abatidos” (Salmos 145:14) e assim por diante. Ele pode realizar o que para nós parece sem esperança. “O Deus, o qual vivifica os mortos, e chama as coisas que não são como se já fossem” (Romanos 4:17). É Sua prerrogativa realizar maravilhas; começar uma obra quando toda a criação a considera sem esperanças e conduzi-la à perfeição.

Motivo 4. Ele tem prazer de operar endireitando coisas tortas e nos chama a empregá-Lo dessa maneira. “E invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás” (Salmos 50:15). Ele as faz com esse propósito, para que nos aproximemos d’Ele com esse pedido e possamos manifestar Seu poder e bondade em endireitá-las. As dificuldades dos filhos dos homens fornecem um amplo campo para exibir Suas perfeições gloriosas, que de outra forma estariam faltando.

Motivo 5. Algo assim endireitado é uma dupla misericórdia. Existem algumas coisas tortas endireitadas com um toque da mão da providência comum, enquanto as pessoas não se preocupam com elas, ou quando se lamentam por sua remoção; essas são misericórdias insossas e de curta duração. Frutos colhidos precipitadamente da árvore da providência dificilmente deixam de causar amargura e certamente serão amargos para a alma graciosa. Mas, oh, as delícias de endireitar o torto por meio de uma aplicação humilde e espera no Senhor! Ela tem a imagem e a inscrição do favor Divino, o que a torna valiosa e grandiosa. “Porquanto tenho visto o teu rosto, como se tivesse visto o rosto de Deus” (Gênesis 33:10)

Motivo 6. Deus tem sinalizado Seu favor aos Seus filhos mais queridos, fazendo e endireitando notáveis coisas tortas em seu caminho.

Seus queridos filhos têm as maiores coisas tortas em seus caminhos. Mas então elas preparam o caminho para suas experiências mais ricas na remoção delas mediante a aplicação d'Ele. Isso é claro no caso de Abraão, Jacó e José. Qual dos patriarcas teve coisa tão tortuosamente grandes quanto eles? Mas qual deles, por outro lado, teve sinais tão notáveis do favor Divino? Os maiores homens, como Sansão e João Batista, nasceram de mulheres naturalmente estéreis; assim, as maiores coisas tortas resultam nas maiores bênçãos para aqueles que são exercitados por esse meio.

Motivo 7. É o caminho mais curto e seguro para ir diretamente a Deus com seu caminho tortuoso. Se quisermos que nossos desejos sejam atendidos nesse ponto, devemos, como a águia, primeiro voar alto e depois descer para a presa. Nossas tentativas falhas e desesperadas de endireitar o torto são pura pressa tola, que não leva a nada; como no caso de Abraão indo a Hagar. Deus é o primeiro a agir, Ele coloca todas as rodas em movimento para endireitar o que está torto, que, sem Ele, permanecerá imóvel.

Objeção 1. “Mas é desnecessário, pois vejo que, embora o torto em meu destino possa ser endireitado, nunca será. Em sua própria natureza, isso é capaz de ser removido, mas está claro que não será removido, é desesperador”.

Resposta. Essa é a linguagem da pressa incrédula, que a fé e a paciência devem corrigir. Abraão tinha tanto a dizer sobre a falta de esperança do que lhe estava torto, e ainda assim ele pediu a Deus com fé para endireitá-lo. Sara havia chegado a essa conclusão, pela qual foi repreendida. Nada pode tornar desnecessário, nesse caso, recorrer a Deus.

Objeção 2. “Mas eu pedi a Ele de novo e de novo por isso, e ainda não foi corrigido”.

Instruções para gerenciar corretamente o pedido de remoção do que é tortuoso em nosso caminho.

1. Ore por isso e ore com fé, crendo que, por causa de Jesus, você certamente obterá, por fim, e nesta vida também, se for bom para você; mas sem dúvida na vida futura. Não ficarão desapontados os que entoam o cântico de Moisés e do Cordeiro. E, em alguns casos, orações extraordinárias com jejum são muito apropriadas.

2. Humilhe-se sob isso, como o jugo que a mão soberana colocou sobre você. “Sofrerei a ira do Senhor, porque pequei contra ele” (Miquéias 7:9). Justifique Deus, condene a si mesmo, beije a vara e vá silenciosamente sob ela; este é o caminho mais viável para se livrar dela, obtendo o objetivo. “Confortarás os seus corações; os teus ouvidos estarão abertos para eles” (Salmos 10:17).

3. Espere pacientemente até que a mão que o fez o endireite. Não desista da questão como se fosse sem esperança, porque não é aliviado tão rapidamente quanto gostaria; “Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma” (Tiago 1:4). Deixe o momento da libertação nas mãos do Senhor; Seu tempo, para convicção, acabará parecendo o melhor, e não irá além dele. “Eu, o Senhor, ao seu tempo o farei prontamente” (Isaías 60:22). Esperando Nele, você não ficará desapontado; “e saberás que eu sou o Senhor, que os que confiam em mim não serão confundidos” (Isaías 60:23).

Exortação 2. Qualquer que seja o torto que não pode ser removido ou endireitado no mundo atual, apliquemo-nos a Deus para obter alívio adequado sob esta situação. Por exemplo, o que é comumente torto no caminho dos santos, ou seja, o pecado inato; como Deus fez essa tortuosidade para não ser corrigida neste mundo, Ele certamente pode equilibrar isso e fornecer alívio. O mesmo vale

para qualquer coisa torta enquanto permanecer sem remoção. Em tais casos, aplique-se a Deus para compensar suas perdas de outra maneira. E há cinco coisas que gostaria que você mantivesse em vista e buscasse aqui.

1. Aceite Deus em Cristo como substituto e em vez daquilo que, ao ser retirado de você, causa o torto em seu caminho. Nunca há algo torto que Deus coloca em nosso destino, mas é, na verdade, uma oferta do Céu de uma bendita troca para nós, como: “vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu” (Mateus 19:21). Ao gerenciar essa troca, Deus primeiro estende Sua mão e tira alguma coisa terrena de nós, e espera-se que estendamos nossa mão em seguida e recebamos algo celestial em Seu lugar, e especialmente o Seu Cristo. Portanto, o ato de receber Cristo é chamado de comprar, onde, ao abrir mão de uma coisa, obtemos outra em seu lugar. “Outrossim o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas; e, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e comprou-a (Mateus 13:45,46). Faça isso, e você estará em vantagem com seu caminho tortuoso.

2. Espere que o fluxo flua de Deus tão plenamente quanto jamais tenha fluído ou poderia fluir, mesmo quando seu caminho tortuoso o tenha secado. Este é o trabalho da fé, depender com confiança em Deus para o que nos foi negado pelas criaturas. “Porque, quando meu pai e minha mãe me desampararem, o Senhor me recolherá” (Salmos 27:10). Essa é uma expectativa muito racional, pois é certo que não há bem nas criaturas senão o que vem de Deus; portanto, nenhum bem pode ser encontrado nas criaturas, o fluxo, a menos que possa ser obtido imediatamente de Deus, a fonte. E é um argumento bem-vindo chegar a Deus e dizer: agora, Senhor, Tu tiraste de mim tal conforto terreno, eu preciso de algo como a Ti mesmo.

3. Busque pelos frutos espirituais no caminho tortuoso. Vemos que, quando um negócio fracassa no mundo, as pessoas procuram se envolver em outro negócio; da mesma forma, quando há algo torto

no caminho que reduz nossos confortos terrenos, devemos nos esforçar mais em busca de realizações espirituais. Se nosso comércio com o mundo está em baixa, esforcemo-nos ainda mais em busca de realizações espirituais, como fé, amor, mentalidade celestial, desprezo pelo mundo, humildade, negação de si, etc. Assim, quando perdemos de um lado, ganhamos de outro.

4. Graça para nos sustentar sob o caminho tortuoso. “Acerca do qual três vezes orei ao Senhor para que se desviasse de mim” e Ele disse: “A minha graça te basta” (2 Coríntios 12:8). Quer um homem esteja fraco e tenha um fardo leve, quer esteja revigorado e fortalecido e tenha um fardo pesado, é tudo a mesma coisa; o último pode carregar seu fardo tão facilmente quanto o primeiro. Devemos almejar a graça proporcional à provação; obtendo isso, mesmo que o obstáculo não seja removido, estamos prontos para enfrentá-lo.

5. Mantendo em nossa mente o descanso eterno e o peso da glória no outro mundo. “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” (2 Coríntios 4:17,18). Isso equilibrará o caminho tortuoso em sua vida, seja qual for; enquanto aqueles que não têm uma esperança bem fundamentada de salvação encontrarão o obstáculo em sua vida neste mundo como um peso que não têm como contrabalançar. Mas a esperança do descanso eterno pode nos sustentar em meio a todo o esforço e dificuldade encontrados aqui.

Exortação 3. Então, coloquemo-nos corretamente para suportar o que está torto em nosso caminho, enquanto Deus achar apropriado mantê-lo. O que não podemos consertar, suportemos de modo cristão e não lutemos contra Deus, para não batermos de frente com os espinhos. Então, suportemos:

1. Pacientemente, sem resmungar ou murmurar. Mesmo que percamos nossos confortos nas criaturas devido ao que está torto em nossa vida, não percamos o controle de nós mesmos. O que está torto em nossa vida nos faz parecer alguém que tem um fogo escasso para se aquecer: mas a impaciência sob ele o espalha, a ponto de incendiar a casa ao nosso redor e nos expor ao perigo. “Como a cidade derrubada, sem muro, assim é o homem que não pode conter o seu espírito”

(Provérbios 25:28).

2. Com bravura cristã, sem se desanimar, “não desmaies quando por ele fores repreendido” (Hebreus 12:5). O trabalho de Satanás é, através do que está torto, encurvar ou quebrar o espírito das pessoas e muitas vezes, ao dobrá-lo, quebrá-lo. Nosso trabalho é suportá-lo de forma equilibrada, navegando um curso intermediário e evitando colidir com as rochas de ambos os lados. Nossa felicidade não reside em nenhum conforto terreno, nem a falta deles nos tornará miseráveis. Portanto, devemos manter firmemente o nosso caminho com um santo desprezo e indiferença pelas dificuldades. “E o justo seguirá o seu caminho firmemente, e o puro de mãos irá crescendo em força” (Jó 17:9).

Questão: “Quando alguém pode ser considerado como sofrendo um desânimo profundo devido à tortuosidade em sua vida?”

Resposta: Quando esse desânimo prevalece a ponto de nos incapacitar para as obrigações de nossa vocação particular ou cristã. Podemos ter certeza de que ultrapassou os limites do luto moderado quando nos torna incapazes de lidar com os assuntos comuns da vida, que o Senhor nos chama para administrar. Ou quando interfere completamente nas obrigações da religião, impedindo-as por completo, “para que vossas orações não sejam impedidas” (1 Pedro 3:7), ou fazendo alguém se tornar completamente desesperançoso nelas.

Vamos suportá-lo de maneira proveitosa, para que possamos obter alguma vantagem por esse meio. “Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos” (Salmos 119:71). Há uma vantagem a ser obtida com isso. E certamente é um obstáculo mal administrado em nossa vida quando não obtemos algum benefício espiritual com ele. O caminho torto é uma espécie de remédio espiritual, e, assim como é inútil um remédio que não purga as impurezas, em vão são a sua inconformidade ao paladar e as dores que suportamos por ele; da mesma forma, é uma provação desperdiçada, e amarga é a sua aflição, se não formos aperfeiçoados por ele. “Por isso se expiará a iniquidade de Jacó, e este será todo o fruto de se haver tirado seu pecado” (Isaías 27:9).

Motivos para enfatizar esta exortação:

Motivo 1: Não haverá fim enquanto Deus julgar apropriado mantê-lo. Comportemo-nos sob ele como quisermos e façamos o que bem entendermos, ele continuará inabalável, como se estivesse preso com correntes de ferro e bronze. “Mas, se ele resolveu alguma coisa, quem então o desviará? O que a sua alma quiser, isso fará. Porque cumprirá o que está ordenado a meu respeito, e muitas coisas como estas ainda tem consigo” (Jó 23:13,14). Não é sabedoria, então, fazer o melhor que pudermos do que não podemos consertar? Faça da necessidade uma virtude. O que não pode ser endireitado deve ser suportado com resignação cristã.

Motivo 2: Uma atitude desajeitada sob o caminho tortuoso notavelmente aumenta a dor dele. O que faz com que o jugo irrite nossos pescoços, senão nossa luta contra ele e nossa incapacidade de deixá-lo repousar em nós tranquilamente? Com que frequência, nesse caso, somos como homens que batem a cabeça contra uma rocha para removê-la! A rocha permanece imóvel, mas eles ficam feridos e perdem muito com sua luta. A impaciência sob o caminho tortuoso coloca um peso adicional sobre o fardo e o torna mais pesado, enfraquecendo-nos e nos tornando menos capazes de suportá-lo.

Motivo 3: O caminho tortuoso é o teste especial que Deus escolheu para medir você. É o fogo de Deus, pelo qual Ele verifica de que material as pessoas são feitas; é a pedra de toque do Céu para descobrir verdadeiros e falsos cristãos. Muitos podem suportar e passar por várias provas, mas o caminho tortuoso em sua vida revelará que eles são falsos, porque de nenhuma maneira podem suportá-lo. Pense então com você mesmo sob ele: “aqui começa a prova do meu estado; devo, por isso, ser provado como sincero ou hipócrita; afinal, pode alguém ser um seguidor sincero de Cristo sem ser capaz de submeter sua vida a Ele? Não são todos os que sinceramente vêm a Cristo que entregam a Ele um cheque em branco? E Ele não nos diz que, sem essa disposição, não somos Seus discípulos?” “Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:26). Talvez você descubra que pode se submeter a qualquer coisa, exceto a isso. Mas isso não arruinará tudo? Já ouviu falar de alguém que tenha aceitado sinceramente Cristo com uma ressalva ou exceção de alguma coisa, na qual precisavam ser seus próprios senhores?

Questão: “Essa disposição, então, é um pré-requisito necessário

para a nossa fé, e, se sim, de onde a obtemos? Podemos desenvolvê-la com nossos poderes naturais?”

Resposta: Não, não é assim; mas ela acompanha necessariamente e está ligada à fé, fluindo da mesma iluminação salvífica no conhecimento de Cristo, pela qual a alma é levada a crer n’Ele. Por meio disso, a alma o vê como um Salvador capaz e confia n’Ele para a salvação; como Senhor legítimo e governante infinitamente sábio, e assim submete a vida a Ele. A alma que O aceita como Salvador também O aceita como líder e governante. É o ato de Cristo se dar a nós e de nós O recebermos que nos faz abandonar outras coisas para e por Ele, assim como a luz dissipa a escuridão.

Situação: “Ai de mim! Não consigo fazer com que meu coração se submeta livremente a Ele nesse ponto.”

Resposta 1. Essa submissão não ocorrerá em ninguém sem uma luta; o velho homem nunca se submeterá a ela, e quando o novo homem da graça estiver se submetendo a ela, o velho homem ainda estará se rebelando. “Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis” (Gálatas 5:17). Mas você sinceramente deseja e está constantemente buscando se submeter a isso? Da luta sem a graça contra o caminho tortuoso, vire sua atenção para a luta com seu próprio coração para fazê-lo se submeter, crendo na promessa e usando os meios para isso, sentindo-se profundamente arrependido de não poder se submeter. Isso significa submeter seu caminho com relação ao Evangelho. Se você tivesse a escolha, preferiria ter seu coração submetido ao caminho tortuoso do que ter o obstáculo ajustado de acordo com o desejo do seu coração? E você não se esforça sinceramente para se submeter, apesar da relutância da carne?

Resposta 2. Onde está a autonegação cristã e o carregar da cruz, sem se submeter àquilo que está torto? Essa é a primeira lição que Cristo coloca nas mãos de Seus discípulos: “se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me” (Marcos 8:34). A autonegação procuraria uma reconciliação com o obstáculo e a aceitação da cruz. Mas enquanto não conseguimos suportar que nosso eu corrupto seja negado em qualquer um de seus desejos, e especialmente naquilo que Deus considera necessário ser negado, não conseguimos suportar o caminho tortuoso em nossa vida, mas lutamos contra ele em favor do eu.

Resposta 3. Onde está nossa conformidade com Cristo, se não podemos nos submeter ao caminho tortuoso? Não podemos nos mostrar como cristãos sem conformidade a Cristo. “Aquele que diz que está nele, também deve andar como ele andou” (1 João 2:6). Havia um obstáculo contínuo na vida de Cristo, mas Ele se submeteu a ele. “E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz” (Filipenses 2:8). “Porque também Cristo não agradou a si mesmo” (Romanos 15:3). E assim devemos fazer, se quisermos provar que somos verdadeiramente cristãos.

Resposta 4: Como nos mostraremos como os genuínos filhos bondosos de Deus, se ainda estamos lutando contra o caminho tortuoso? Não podemos orar: “seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mateus 6:10). Na verdade, a linguagem dessa prática é: precisamos ter a nossa própria vontade, e a vontade de Deus não pode nos satisfazer.

Motivo 4: O teste pelo caminho tortuoso não durará muito tempo aqui. Mesmo que o trabalho seja árduo, talvez seja mais bem tolerado ao considerar que ele não será eterno; em alguns dias ou anos, no máximo, ele terá fim e você será liberado de suas provações. Não diga: “serei aliviado disso”, pois, se não for aliviado antes, você será aliviado na morte, não importa o que aconteça depois. Uma visão séria da morte e da eternidade pode nos motivar a nos comportar corretamente sob o nosso caminho tortuoso enquanto ele durar.^f

Motivo 5: Se você se esforçasse, de maneira cristã, para suportar o caminho tortuoso, descobriria que é mais fácil do que imagina. “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas” (Mateus 11:29). Satanás não tem maneira mais eficaz de alcançar seu propósito do que persuadir as pessoas de que é impossível que suas mentes se adaptem ao caminho tortuoso, que é uma carga completamente insuportável para elas. Enquanto você acreditar nisso, tenha certeza de que nunca será capaz de suportá-lo. No entanto, o Senhor não impõe nenhuma dificuldade na vida de ninguém que não possa ser suportada por eles de maneira aceitável, embora não sem pecado e imperfeição. Pois há força para esse efeito assegurada na aliança, e sendo buscada pela fé, certamente virá.

Motivo 6: Se você se comportar de maneira cristã sob o seu caminho tortuoso aqui, não perderá o seu esforço, mas receberá plena recompensa de graça no outro mundo, por meio de Cristo. Há uma bênção pronunciada sobre aquele que persevera nesse mesmo terreno: “bem-aventurado o homem que sofre a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam” (Tiago 1:12). O céu é o lugar para o qual os aprovados, após o teste deste caminho tortuoso, são recebidos. “Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro” (Apocalipse 7:14). Quando você chegar lá, não haverá vestígios disso em sua vida, nem você terá a menor lembrança desconfortável, mas isso realçará seus louvores e aumentará sua alegria.

Motivo 7: Se você não se comportar de maneira cristã sob as dificuldades, perderá sua alma no outro mundo. Aqueles que estão em guerra com Deus em sua vida aqui, Deus terá guerra com eles para sempre. Se eles não se submeterem ao Seu jugo aqui e não aceitarem isso pacificamente, Ele enlaçará Seu jugo ao redor de seus pescoços para sempre, com laços eternos que nunca serão desfeitos. Portanto, esforce-se para se comportar corretamente sob as dificuldades em sua vida.

Se você perguntar de que maneira pode alcançar isso, para orientação, proporemos o capítulo a seguir.

Capítulo 3

Considerar o caminho tortuoso como a obra de Deus é um meio adequado de levar alguém a se comportar corretamente sob ele.

I - O que significa considerar o torto como a obra de Deus.

O que significa considerar o torto como a obra de Deus. Abordamos isso em cinco aspectos:

Primeiro, uma investigação sobre a origem de onde ele surge. A razão e a religião nos ensinam a não apenas notar o que está torto, que não podemos evitar, mas também a considerar e investigar a sua origem. Certamente não é nossa escolha, nem o fazemos deliberadamente para nós mesmos; e atribuí-lo à sorte é atribuí-lo a nada. Não surge por si mesmo, mas é semeado por uma mão ou outra para nós. E devemos notar a mão de onde ele vem.

Segundo, perceber a mão de Deus nele. Qualquer que seja a mão que as criaturas tenham nele, não devemos encerrar nossa visão nelas, mas olhar acima e além delas para a agência do Gerente Supremo. Sem isso, faremos um deus da criatura que é instrumental no caminho tortuoso, olhando para ela como se fosse a causa primeira, o que é peculiar a Deus, e nos sujeitaremos ao julgamento: “Porquanto não atentam às obras do Senhor, nem à obra das suas mãos; pois que ele os derrubará e não os reedificará” (Salmos 28:5).

Terceiro, representá-lo a nós mesmos como uma obra de Deus, que Ele realizou contra nós para fins santos e sábios, de acordo com as perfeições divinas. Isso é pegá-lo pela alça certa, representá-lo a nós mesmos sob uma noção correta, de onde um gerenciamento adequado sob ele pode surgir. Nunca é seguro negligenciar Deus nele, mas é muito seguro negligenciar a criatura, atribuindo-o a Deus, como se nenhuma outra mão estivesse nele, sendo Ele sempre o principal nele: “Ele é o Senhor; faça o que bem parecer aos seus olhos” (1 Samuel

3:18). Assim, Davi negligenciou Simei e olhou para Deus na questão de sua maldição, como alguém que fixava os olhos, não no machado, mas naquele que o manuseava. Aqui, dois pontos entram em nossa consideração.

Primeiro, o decreto de Deus, determinando esse caminho para nós desde a eternidade; “conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade” (Efésios 1:11), o livro selado no qual estão escritas todas as linhas negras que formaram o caminho tortuoso. Quaisquer vales de escuridão, tristeza e sofrimento pelos quais passamos devem ser vistos como feitos pelas montanhas de bronze, os inabaláveis propósitos divinos. Isso não é presunção nesse caso, desde que não o levemos além do que o evento mostra em nossa visão e sentimento. Até onde o livro se abre para que possamos olhar.

Segundo, a providência de Deus que traz esse caminho para nós no tempo. Nada pode nos acontecer sem Ele, em Quem vivemos. Qualquer que seja a agência das criaturas na criação do nosso caminho tortuoso, o que quer que tenham feito ou não feito em relação a isso, Ele é a fonte que põe todas as rodas criadas em movimento, e, se cessasse, todas parariam: embora Ele permaneça infinitamente puro em sua agência, por mais impuras que sejam as deles. Jó considerou ambos.

Terceiro, uma contínua lembrança disso como tal. Não é um simples olhar, mas um contemplar e ver com calma como Sua obra, que é o meio apropriado. Devemos ser:

1. Habitualmente impressionados com essa consideração: como o caminho tortuoso é uma aflição duradoura, a consideração dele como remédio deve ser mantida de forma habitual. Há outras considerações além dessa que devemos entreter, de modo que nem sempre podemos tê-la expressamente em mente. Mas devemos estabelecê-la como um princípio enraizado, de acordo com o qual devemos administrar o obstáculo e manter o coração em uma disposição para que possa entrar em nossas mentes expressamente, conforme a ocasião exige.

2. Devemos ocasionalmente exercitá-lo. Sempre que começamos a sentir a dor do deste nosso caminho, devemos recorrer a esse remédio; quando o jugo começa a oprimir o pescoço, deve haver uma aplicação deste unguento espiritual. E, por mais que a primeira venha sobre nós, será sábio buscar o último como o remédio adequado.

Quanto mais é usado, mais facilmente estará à mão e também será mais eficaz.

Quarto, considerá-lo como o fim para o qual nos é proposto, ou seja, nos trazer a uma conduta proveitosa sob ele. As corrupções dos homens farão com que eles considerem isso, mas, como o princípio é, o fim e o efeito também serão corruptos. Mas devemos usá-lo para um bom fim, se quisermos obter algo bom com ele, considerando-o como uma questão prática para regular nossa conduta sob o caminho tortuoso.

II. Como se deve entender que é um meio adequado levar alguém a se comportar corretamente sob o caminho tortuoso.

Não como se fosse suficiente por si só para produzir esse efeito. Mas, quando é usado na fé, na fé do Evangelho; isto é, o mero fato de um pecador considerar o caminho tortuoso em sua vida como a obra de Deus, sem qualquer relação salvadora com Ele, nunca será uma forma de se comportar corretamente sob ele. Mas, tendo crido em Jesus Cristo e, assim, tomando Deus como seu Deus, a consideração do caminho tortuoso como a obra de Deus, seu Deus, é o meio apropriado para levá-lo a esse temperamento e comportamento desejável. Muitos ouvintes se enganam aqui. Quando ouvem considerações legítimas propostas para levá-los ao dever, eles imaginam imediatamente que, apenas pelo seu poder, podem atingir o objetivo. E muitos pregadores também, esquecendo-se de Cristo e do Evangelho, fingem, pelo poder da razão, fazer dos homens cristãos; os olhos de ambos estão cegos para não ver a corrupção da natureza humana, que é de tal forma que coloca a verdadeira cura acima do poder da razão; tudo o que eles percebem são alguns maus hábitos, que acham que podem ser abandonados por uma aplicação vigorosa de suas faculdades racionais. Para esclarecer este assunto, considere:

Primeiro, é racional pensar em colocar o homem caído, com sua natureza corrompida, para trabalhar da mesma forma que o Adão inocente? Ou seja, colocar mendigos em pé de igualdade com os ricos,

homens coxos em uma jornada com aqueles que têm membros. Adão inocente tinha um estoque de habilidades graciosas, pelas quais ele poderia, pela força de considerações morais, ter se conduzido a realizar o dever corretamente. Mas onde está isso em nós? Qualquer força que exista neles para uma alma dotada de vida espiritual, que poder eles têm para ressuscitar os mortos, já que são assim como nós somos?

Segundo, a Escritura é muito clara nesse ponto, mostrando a necessidade indispensável da fé; e que, tal como se une a Cristo, “sem mim”, isto é, separado de d’Ele, “nada podeis fazer” (João 15:5); não, nem mesmo com todas as considerações morais que possam ser usadas. Como foram dados os dez mandamentos no Monte Sinai? Não como exigências nuas do dever, mas na frente do Evangelho, a serem cridos em primeiro lugar: “Eu sou o Senhor teu Deus” (Êxodo 20:2). E assim, Salomão, a quem muitos consideram mais como filósofo moral do que como escritor inspirado que conduz a Cristo, apresenta seus escritos, no início dos Provérbios, com um evangelho muito expresso. E devemos tê-lo expressamente repetido em nossas Bíblias com cada preceito moral, ou então fechar os olhos e aceitar esses preceitos sem ele? Esse é o efeito de nossa inimizade natural a Cristo. Se O amássemos mais, O veríamos mais em cada página e em cada mandamento, recebendo a lei de Sua boca.

Terceiro, basta considerar o que é se comportar corretamente sob o caminho tortuoso na vida; que humilhação da alma, negação de si mesmo e resignação absoluta à vontade de Deus deve haver nisso. De que amor de Deus deve isso proceder!?!; como o respeito à Sua glória deve influenciá-lo como o fim principal; e tente e veja se não é impossível para você alcançá-lo sem aquela fé mencionada anteriormente. Eu sei que um cristão pode alcançá-lo sem plena certeza. Mas ainda assim, de acordo com a medida de sua convicção de que Deus é seu Deus, assim serão suas realizações nisso; e essas coisas mantêm o ritmo. Oh! que tipo de corações eles imaginam ter, o que pensam que podem esvaziá-los por um momento da criatura além do que podem enchê-los com um Deus como seu Deus em seu lugar? Sem dúvida, os homens podem, pela força de considerações morais, trabalhar para uma conduta externamente correta sob o caminho tortuoso, como muitos pagãos fazem; mas uma disposição cristã de espírito sob ele nunca será alcançada sem aquela fé em Deus.

Objecção. “Então, somente os santos são capazes de tirar proveito

dessa consideração”.

Resposta. Sim, de fato, é assim, quanto a essa e a todas as outras considerações morais, para verdadeiros fins cristãos. E isso não significa mais do que que as direções para caminhar corretamente são apenas para os vivos que têm o uso de seus membros; e, portanto, para que você possa tirar proveito, proponha-se a crer em primeiro lugar.

III. Vou confirmar que é um meio adequado levar alguém a se comportar corretamente sob o caminho tortuoso. Isso ficará claro se considerarmos estas quatro coisas.

1. É de grande utilidade desviar o pensamento de considerar e se concentrar nas coisas sobre o caminho tortuoso que servem para irritar nossa corrupção. Tais são o contrariar da nossa vontade e desejos, a satisfação que teríamos se as coisas acontecessem de acordo com a nossa mente, os instrumentos do caminho torto, quão prejudiciais são para nós, quão irracionais, quão obstinados, etc. Concentrar-se nessas considerações é como soprar o fogo interior; mas voltar nossos olhos para ele como obra de Deus seria uma cura por meio de desvio; e tal desvio dos pensamentos não é apenas lícito, mas é vantajoso e necessário.

2. Nisso há uma aptidão moral para produzir esse bom efeito. Embora nossa cura não seja realizada apenas pela força da razão, ela não ocorre por um movimento brutal, mas de maneira racional. Essa consideração tem uma eficácia moral sobre nossa razão, é adequada para nos persuadir a uma submissão e fornece muitos argumentos para um comportamento cristão sob o caminho tortuoso.

3. Há uma designação divina para esse fim, que deve ser crida. A criatura em si é algo ineficaz e imóvel, uma mera vaidade. O que torna algo um meio adequado para um fim é uma palavra de nomeação divina. Usar qualquer coisa para um fim, sem a fé nisso, é fazer um deus da criatura; portanto, ela deve ser usada em dependência de Deus, de acordo com a palavra de designação. E tudo é adequado para o fim

para o qual Deus o designou. Essa consideração é designada para esse fim; e, portanto, é um meio adequado para isso.

4. Pode-se esperar que o Espírito opere por meio deste caminho e opera por meio dele naqueles que creem e olham para Ele, uma vez que é um meio de Sua própria designação. Papistas, legalistas e todas as pessoas supersticiosas inventam vários meios de santificação, que parecem ter ou realmente têm uma adequação moral para o mesmo; mas eles são completamente ineficazes, porque, como “Abana e Farpar” [2 Reis 5:12], eles carecem de uma palavra de nomeação divina para nos curar de nossa lepra; portanto, o Espírito não opera por meio deles, uma vez que não são Seus instrumentos, mas são inventados por seus próprios corações. E uma vez que até mesmo os meios de designação divina são ineficazes sem o Espírito, esses nunca podem ser eficazes. Mas essa consideração, tendo uma designação divina, o Espírito opera por meio dela.

Aplicação. Então, siga esta direção para se comportar corretamente sob o caminho tortuoso em sua vida. Acostume-se a considerá-lo como obra de Deus. E, para ajudá-lo a tirar proveito dela, de modo que possa ser eficaz, ofereço estes conselhos:

1. Considere-o como obra de seu Deus em Cristo. Este é o caminho para temperá-lo com a graça do Evangelho e torná-lo tolerável. O discernimento da mão de um Pai no caminho tortuoso retirará grande parte de sua amargura e adoçará a pílula para você. Por essa razão, será necessário (1) Solenemente tomar Deus como seu Deus, sob este caminho. (2) Em todos os seus encontros com estes caminhos, crer e reivindicar com determinação seu interesse n’Ele.

2. Amplie a consideração com uma visão das relações divinas com você e os atributos divinos. Considere-o como obra de seu Deus, obra de seu Pai, Irmão mais velho, Cabeça, Marido, etc., que, portanto, certamente consulta o seu bem. Considere Sua santidade e justiça, mostrando que Ele não o prejudica; Sua misericórdia e bondade, para que não seja pior; Sua soberania, que pode silenciá-lo; Sua sabedoria infinita e amor, que pode satisfazê-lo n’Ele.

3. Pense em como é que esta obra de Deus, como é uma obra convincente, para trazer o pecado à memória: uma obra corretiva, para castigá-lo por suas tolices; uma obra preventiva, para evitar que você

siga cursos de pecado nos quais, de outra forma, seria propenso a se envolver; uma obra de teste, para descobrir o seu estado, suas graças e corrupção; uma obra de desmame, para desmamá-lo do mundo e prepará-lo para o céu.

4. Em todas as suas considerações, nesse sentido, olhe para cima para que Seu Espírito as torne eficazes. — Dessa forma, você pode se comportar de maneira cristã sob esse caminho, até que Deus o torne reto aqui na terra ou no céu.

“Melhor é ser humilde de espírito com os mansos, do que repartir o despojo com os soberbos” (Provérbios 16:19).

Se as pessoas pudessem ser convencidas de que é melhor ter suas mentes inclinadas para o caminho tortuoso em suas vidas do que forçar esse caminho a se ajustar a suas mentes, elas estariam no caminho certo para lidar bem com suas situações. Ouçam então o julgamento divino sobre isso: “Melhor é ser humilde de espírito com os mansos, do que repartir o despojo com os soberbos”. Nestas palavras:

Primeiro, é feita uma comparação entre duas partes e duas questões em que elas diferem enormemente.

1. As partes são os humildes e os orgulhosos, que diferem como o céu e a terra. Os orgulhosos estão subindo e voando alto; os humildes estão dispostos a rastejar no chão, se assim for a vontade de Deus. Vamos vê-los mais particularmente, conforme o texto os representa.

2. Por um lado, temos os humildes. Aqui, há uma leitura do texto principal e uma nota na margem, ambas do Espírito Santo, e elas diferem apenas em uma letra. Os primeiros são os aflitos ou pobres, que estão em situação precária; aqueles que têm um notável caminho tortuoso em sua vida devido à aflição que lhes é imposta, tornando sua condição mais baixa no mundo. O outro é o humilde ou manso, os que são humildes em espírito, bem como em sua condição, e têm suas mentes submissas à sua situação. Ambos juntos formam o caráter deste partido humilde.

Por outro lado, estão os orgulhosos, os que são altivos e de mente elevada. Supõe-se aqui que eles também enfrentem caminhos tortos e tenham contratempos em suas vidas, pois dividir o despojo é consequência de uma vitória, e uma vitória pressupõe uma batalha.

Segundo, os pontos nos quais se supõe que essas partes diferem, a saber, ter um espírito humilde e dividir o despojo.

1. Os aflitos e humildes às vezes podem ver sua condição mudada, ser exaltados e dividir o despojo, como fez Ana, Jó, etc. Os orgulhosos também podem ser às vezes derrubados e esmagados, como Faraó, Nabucodonosor, etc. Mas a questão não é se é melhor ser exaltado com os humildes ou derrubado com os orgulhosos. Isso não seria difícil de determinar. A questão é se é melhor ter um espírito humilde e estar em situações humildes com os aflitos, ou dividir o despojo e conseguir o que se deseja com os orgulhosos. Se as pessoas falassem os sentimentos naturais de seus corações, essa questão seria decidida em contradição ao texto. Os pontos que estão sendo comparados e contrastados são os seguintes:

1.1. Por um lado, ter um espírito humilde com os humildes aflitos. Ter um espírito humilde; pois a palavra primariamente denota humildade em sua situação ou estado. Portanto, o ponto proposto aqui é estar com ou no estado de humildes aflitos, tendo o espírito abaixado até aquele estado baixo; a humildade do espírito equilibrando a humildade da condição.

1.2. Por outro lado, dividir o despojo com os orgulhosos. O ponto proposto aqui é estar com ou no estado dos orgulhosos, tendo a sorte deles trazida à mente à força; como aqueles que, se considerando injustiçados, enfrentam o inimigo, vencem e dividem o despojo de acordo com a vontade deles.

2. Em segundo lugar, a decisão é feita em que o primeiro é preferido ao último: “Melhor é ser humilde de espírito com os mansos, do que repartir o despojo com os soberbos”. Se essas duas partes fossem colocadas diante de nós, seria melhor escolher a sorte daqueles em uma condição humilde, cujo espírito foi rebaixado até o nível de sua situação, do que daqueles que, com um espírito orgulhoso e exaltado, tiveram sua sorte elevada para combinar com seus desejos. Um espírito humilde é melhor do que uma condição exaltada.

Doutrina: há uma geração de humildes aflitos que têm seu

espírito rebaixado e ajustado à sua condição; cujo caso, nesse aspecto, é melhor do que o daqueles orgulhosos que conseguem o que desejam e têm tudo à sua maneira.

I - Consideraremos a geração de humildes aflitos que têm seu espírito rebaixado até se ajustar à sua situação. E, assim, estabeleceremos algumas considerações.

1. Há uma geração assim no mundo, por pior que o mundo seja. O texto menciona expressamente essas pessoas, e a Escritura em outros lugares fala sobre elas. Onde podemos encontrá-las? Não no céu, porque lá não há aflitos; nem no inferno, porque não há humildes ou mansos lá, cujo espírito seja rebaixado. Eles devem estar no mundo, onde existe o estado de provação.

2. Se não fosse assim, Cristo, enquanto estava no mundo, não teria seguidores assim. Ele era o líder daquela geração que todos copiam: “Aprendeis de mim, que sou manso e humilde de coração” (Mateus 11:29). E para Sua honra e a honra de Sua cruz, eles nunca faltarão enquanto o mundo existir. “Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8:29). Sua imagem está relacionada com essas duas coisas, sofrimento e santidade, das quais a humildade é uma parte fundamental.

3. No entanto, eles são certamente muito raros no mundo. Agur observa que há outra geração: “há uma geração cujos olhos são altivos, e as suas pálpebras são sempre levantadas” (Provérbios 30:13), completamente oposta a eles, e essa é de longe a maioria. A condição de ser humilde e aflito não é tão rara, mas a disposição humilde de espírito raramente está associada a ela. Muitos espíritos altivos persistem, independentemente das circunstâncias humilhantes.

4. Eles não podem ser mais numerosos do que os verdadeiramente piedosos; pois nada menos do que o poder da graça divina pode rebaixar as mentes das pessoas de sua altura natural e

tornar a vontade delas dócil à vontade de Deus. As pessoas podem aparentar submissão à lei e a uma situação adversa, porque não podem evitar e veem que é inútil lutar, mas trazer o espírito verdadeiramente a esse estado deve ser o efeito da graça humilhante.

5. Embora todos os piedosos façam parte dessa geração, há alguns a quem esse caráter pertence mais especificamente. O caminho para o céu passa pela tribulação para todos; e todos os seguidores de Cristo se reconciliam com isso, no entanto, há alguns deles que são mais notavelmente disciplinados do que outros, cujo espírito é humilhado dessa maneira e trazido até sua condição. “Certamente que me tenho portado e sossegado como uma criança desmamada de sua mãe; a minha alma está como uma criança desmamada” (Salmos 131:2). “Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância; em toda a maneira, e em todas as coisas estou instruído, tanto a ter fartura, como a ter fome; tanto a ter abundância, como a padecer necessidade” (Filipenses 4:11,12).

6. Uma disposição humilde da alma e um objetivo habitual e inclinação do coração nessa direção têm uma interpretação muito favorável no céu. Se buscássemos uma geração perfeitamente purificada do orgulho e ressentimento contra sua situação adversa a qualquer momento, não encontraríamos ninguém neste mundo. Mas aqueles que estão sinceramente se esforçando para atingi-lo e manter o caminho de submissão contente, embora às vezes desviados, Deus os considera como essa geração humilde.

Em segundo lugar, vamos entrar em algumas particularidades. Existem três coisas que compõem o caráter deles.

Primeiramente, em sua condição. Essa geração humilde, preferida aos orgulhosos e prósperos, é uma geração de aflitos, a quem Deus mantém sob a disciplina da aliança. Podemos abordar isso de duas maneiras:

Primeiro, há um jugo de aflição de um tipo ou outro frequentemente sobre eles. Deus os visita com frequência, como um mestre faz com seus alunos e um médico faz com seus pacientes,

enquanto outros são em grande parte ignorados por Ele. Eles estão acostumados ao jugo, e desde que entram na família de Deus, Deus vê que isso é bom para eles.

Segundo, há um jugo particular de aflição que Deus escolheu para eles, que pesa sobre eles e raramente, se é que alguma vez, é tirado deles. Essa é a prova especial deles, o obstáculo constante que os afeta e os faz encurar.

Em segundo lugar, humildade em sua disposição e temperamento de espírito. Eles são uma geração de humildes, cujos espíritos Deus, pela Sua graça, fez descer de sua altura natural. E assim:

1. Eles pensam de si mesmos de forma sóbria e modesta sobre quem eles são, o que podem fazer e quanto valem e o que merecem. Ao se verem no espelho da lei divina e da perfeição, veem a si mesmos como um amontoado de imperfeição e pecaminosidade.

2. Eles têm uma elevada e honrosa visão de Deus. Eles são ensinados pelo Espírito quem Deus é, e assim têm pensamentos elevados sobre Ele. Eles O consideram como o Soberano do mundo; Suas perfeições como infinitas; Sua obra como perfeito. Eles O veem como a fonte da felicidade, como um Deus em Cristo que faz todas as coisas bem; confiam em Sua sabedoria, bondade e amor, mesmo quando não conseguem entender.

3. Eles têm uma opinião favorável dos outros, na medida do que é justo. Embora não possam evitar ver seus defeitos evidentes, também estão prontos para reconhecer suas excelências e considerá-los como tal. E, visto que enxergam mais suas próprias bênçãos e vantagens para a santidade, e como as desperdiçam, do que as de outros, estão inclinados a pensar que outros são melhores do que eles, em comparação com as circunstâncias.

4. Eles estão afundados em um estado de subordinação a Deus e Sua vontade. O orgulho coloca o homem em oposição a Deus; a humildade o traz de volta ao seu lugar e o coloca aos pés de seu Senhor soberano, dizendo: “seja feita a tua vontade, assim na terra como no

céu” (Mateus 6:10). Eles não buscam mais o comando, mas estão satisfeitos que Deus mesmo esteja no comando de seus assuntos e cuide de tudo por eles.

5. Eles não estão determinados a alcançar coisas altas, mas inclinados a se curvar diante das coisas humildes. A humildade nivela as imaginações grandiosas que o orgulho eleva em direção ao céu; lança um véu sobre todo valor pessoal e excelência diante do Senhor e entrega tudo ao Senhor, para que sirva como degraus para o trono de Sua glória.

6. Eles têm a tendência de magnificar as misericórdias concedidas a eles. O orgulho no coração faz com que alguém ignore e desvalorize as misericórdias das quais desfruta e, em vez disso, concentre-se no que está faltando em sua condição, tornando-se como as moscas que ignoram os lugares saudáveis e se concentram nas feridas. Por outro lado, a humildade ensina as pessoas a contar as misericórdias que desfrutaram mesmo nas condições mais baixas e a valorizar as coisas boas que possuíram ou ainda possuem.

Em terceiro lugar, um espírito rebaixado à sua condição. A condição deles é baixa e afligida, mas o espírito deles também é humilde, pois, pela graça, eles se rebaixaram a ela. Podemos entender isso em cinco aspectos:

1. Eles a aceitam como justa. “Sofrerei a ira do Senhor, porque pequei contra ele” (Miquéias 7:9). Não há dificuldades em nossa condição, a não ser aquelas que nós mesmos causamos. Portanto, é justo que beijemos a vara, fiquemos em silêncio diante dela e assim abaixemos nossos espíritos à nossa condição. Se eles reclamam, é contra si mesmos; seus corações não se levantam contra o Senhor, muito menos abrem a boca contra os céus. Eles justificam a Deus e se condenam, reverenciando Sua santidade e retidão imaculada em Seus procedimentos contra eles.

2. Eles aceitam a sua condição com tranquilidade, como algo tolerável. “Bom é para o homem suportar o jugo na sua mocidade. Assente-se solitário e fique em silêncio; porquanto Deus o pôs sobre ele. Ponha a sua boca no pó; talvez ainda haja esperança” (Lamentações 3:27-29). Enquanto um espírito não submisso se enfurece sob o jugo como um touro não acostumado a ele, o espírito que se adapta à sua condição aceita-o com serenidade. Eles veem que é pela misericórdia

do Senhor que as coisas não são piores; eles aceitam a cruz nua, como Deus a coloca, sem os pesos adicionais que paixões turbulentas acrescentam a ela; e assim, ela se torna verdadeiramente mais fácil do que pensavam que poderia ser, como um fardo ajustado às suas costas.

3. Eles têm um contentamento nele, obtendo seu conforto de outra fonte que não seja a sua condição externa, assim como a casa permanece firme quando o pilar que a sustentava é retirado. “Porque ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; ainda que decepcione o produto da oliveira, e os campos não produzam mantimento; ainda que as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja gado; todavia eu me alegrarei no Senhor; exultarei no Deus da minha salvação” (Habacuque 3:17,18). Assim fez Davi em seu dia de aflição. “Todavia Davi se fortaleceu no Senhor seu Deus” (1 Samuel 30:6). Isso é um sinal de um espírito que não foi abatido pelas dificuldades, como se sua condição no mundo fosse o ponto em que sua felicidade se baseia. A falta de mortificação faz com que o conforto dos homens aumente e diminua, reflua e flua, de acordo com as várias aparências de sua situação neste mundo.

4. Eles têm uma satisfação nisso, como algo que é adequado e bom para eles. Os homens têm um tipo de satisfação na ação de um remédio, embora isso os aflija profundamente; eles pensam racionalmente que isso é o melhor para eles. Assim, essas almas humildes consideram sua condição aflita como um remédio espiritual necessário, adequado e bom para eles; sim, a melhor para eles naquele momento, uma vez que é administrada por seu Pai celestial. Assim, eles encontram uma santa satisfação em sua condição humilde e aflita. O espírito humilde extrai esse doce da amargura de sua condição, considerando como o Senhor, por meio dessa condição aflitiva, interrompe o fornecimento para desejos descontrolados, para que eles possam ser privados de alimento; como Ele corta os canais secundários, para que todo o fluxo do amor da alma corra em direção a Ele mesmo; como Ele retira e mantém afastado o fardo e o entrave dos confortos terrenos do homem, para que ele possa correr com mais rapidez no caminho para o céu.

5. Descansam nele, como algo que não desejam que saia até que o Deus que os colocou nele considere adequado tirá-los, com Sua boa vontade. Embora o momento da libertação de um espírito não subjugado esteja sempre pronto, uma alma humilde tem medo de ser

retirada de seu caminho tortuoso muito cedo. Ela não se moverá em busca de mudança até que a mudança dos céus a traga. Isso não impede a oração e o uso de meios designados, com dependência do Senhor, mas exige fé, esperança, paciência e resignação.

II. Vamos considerar a geração dos orgulhosos conseguindo o que desejam e fazendo tudo de acordo com sua vontade. E em seu caráter também há três coisas.

Primeiro, há cruzes em seu caminho. Eles também têm suas provações alocadas a eles pela providência soberana, e, não importa em que circunstâncias estejam no mundo, eles não podem evitá-las completamente. Pois, considere:

1. A confusão e vaidade introduzidas na criação pelo pecado do homem tornaram impossível atravessar o mundo sem encontrar o que irá perturbá-los. O pecado transformou o mundo de um paraíso em um matagal, e não há como atravessá-lo sem ser arranhado. Assim como os mosquitos no verão voam ao redor daqueles que passeiam com roupas bonitas, bem como daqueles vestidos de forma humilde, cruzes no mundo também encontram os orgulhosos, assim como os humildes.

2. O orgulho em seus corações os torna particularmente suscetíveis a cruzes. Um coração orgulhoso criará uma cruz para si mesmo, onde uma alma humilde não encontraria nenhuma. Eles farão de uma cruz real um fardo dez vezes mais pesado do que seria para o humilde. A geração dos orgulhosos é como urtigas e cercas de espinhos, onde coisas voadoras se fixam, enquanto passam por cima das coisas baixas e planas. Portanto, ninguém está mais exposto a cruzes do que eles, embora ninguém seja tão inadequado para suportá-las.

Segundo, pelo orgulho reinante em seu espírito. Seus espíritos nunca foram subjugados por um trabalho de humilhação completa; eles permanecem na altura em que a corrupção da natureza os colocou. Portanto, eles de maneira alguma podem suportar o jugo que Deus

coloca sobre eles. O pescoço está inchado com as más condições de orgulho e paixão; assim, quando o jugo começa a tocar, eles não conseguem mais encontrar alívio. Podemos ver o caso da geração orgulhosa aqui em três coisas:

1. Eles têm um excesso de valor por si mesmos; e, portanto, não se curvarão ao jugo; está abaixo deles. Que vaidade inchada há nisso, “quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei?” (Êxodo 5:2). Assim, uma obra de humilhação é necessária para fazer com que alguém assuma o jugo, seja dos preceitos de Cristo ou da providência. O primeiro erro está na compreensão; de onde Salomão normalmente chama um homem ímpio de tolo; assim, o primeiro passo na conversão é, portanto, pela convicção para a humildade. Os homens são maiores em sua própria concepção do que realmente são; portanto, Deus, ajustando as coisas ao que realmente somos, não pode nos agradar.

2. Eles têm uma vontade própria não mortificada, decorrente desse excesso de valor por si mesmos, e não se curvarão. A questão entre o céu e nós é se a vontade de Deus ou a nossa prevalecerá? Nossa vontade é corrupta, a vontade de Deus é santa; elas não podem entrar em acordo. Deus diz em Sua providência que nossa vontade deve ceder à Dele; mas isso não acontecerá até que o nervo de ferro em nós seja quebrado.

3. Eles têm um grupo de paixões não subjugadas que se unem à vontade própria. Eles dizem: “Ele não irá ceder”, e assim a guerra começa, e há um campo de batalha dentro e fora do homem.

Um Deus santo cruza a vontade própria de criaturas orgulhosas por meio de Sua providência, controlando e disposição das coisas contrárias à sua inclinação; às vezes, por Sua mão imediata, como no caso de Caim, às vezes, pela mão de homens que vão contra a vontade deles, como no caso de Acabe, a quem Nabote recusou sua vinha.

O coração e a vontade orgulhosos, incapazes de se submeter à cruz ou de serem controlados, se levantam contra ela e lutam pelo domínio, com toda a força de paixões não mortificadas. O objetivo é remover a cruz, mesmo o caminho tortuoso, e trazer a coisa em si para a própria mente deles. Essa é a causa desta guerra ímpia, na qual:

(1) Há uma grande quantidade de paixões infernais que marcham para cima e atacam até o céu, a saber, o descontentamento, a impaciência, o murmúrio, o resmungar e coisas semelhantes. “A

estultícia do homem perverterá o seu caminho, e o seu coração se irará contra o Senhor” (Provérbios 19:3). Essas paixões incendeiam a besta, caem a fisionomia, às vezes soltam uma série de reclamações indecentes e apaixonadas, e às vezes blasfêmias.

(2) Há outro grupo que marcha para a frente e ataca o instrumento ou instrumentos da cruz, a saber, raiva, ira, fúria, vingança, amargura, etc. Essas paixões tiram o homem de si mesmo, enchem o coração com um calor fervente, a boca com clamor e difamação, e ameaças são respiradas e às vezes põem as mãos para trabalhar — um evento muito sério — como no caso de Acabe contra Nabote.

Assim, os orgulhosos continuam a guerra, mas muitas vezes perdem o dia, e a cruz permanece imóvel apesar de tudo o que podem fazer; sim, e às vezes eles próprios caem na disputa, terminando em sua ruína. Mas esse não é o caso no texto. Pois estamos considerando-os como,

Terceiro, conseguindo o que desejam e fazendo tudo de acordo com sua vontade. Isso demonstra:

1. A providência divina cedendo à vontade não mortificada do homem e deixando-a seguir conforme o desejo dele. Deus vê como adequado permitir que a luta com ele caia, pois não prevalece para o bem dele. Assim, as rédeas são colocadas no pescoço do homem orgulhoso, e ele obtém o que deseja; “Efraim está entregue aos ídolos; deixa-o” (Oséias 4:17).

2. A luxúria permanece em sua força e vigor. “Não refrearam o seu apetite” (Salmos 78:30). Deus, no método de Sua aliança, às vezes dá às Suas pessoas o que desejam e as coloca onde desejam estar; mas, nesse caso, a luxúria pela coisa é mortificada, e eles são como crianças desmamadas. Mas aqui a luxúria permanece desenfreada. Os orgulhosos a procuram para satisfazê-la e conseguem.

3. A cruz é removida, o jugo é retirado. Eles não podiam pensar em trazer sua mente para a dificuldade deles; mas eles lutaram contra ela, lutaram e brigaram contra ela, até que ela foi trazida para a mente deles; assim o dia é deles, a vitória está do lado deles.

4. O homem fica satisfeito por ter alcançado o seu objetivo, assim como alguém fica quando está dividindo o despojo.

Dessa forma, o caso da geração humilde e aflita e da geração orgulhosa que prospera é exposto. Agora,

III. Confirmaremos a doutrina, ou seja, a decisão do texto, de que o caso dos primeiros é melhor do que o dos últimos.

É melhor estar em uma situação humilde e aflita, com o espírito humilde e submetido à dificuldade, do que ter um espírito orgulhoso e exaltado, tendo a situação ajustada a isso e as coisas indo de acordo com a sua mente. Isso ficará claro pelas seguintes considerações.

1. A humildade é tão preferível ao orgulho que, em qualquer circunstância, sua superioridade não pode falhar. Deixe todas as aflições do mundo acompanhar o espírito humilde e toda a prosperidade do mundo acompanhar o orgulho, a humildade ainda terá a vantagem. Pois,

(1) A humildade é parte da imagem de Deus. O orgulho é a obra-prima da imagem do diabo. Vamos contemplar Aquele que era a imagem expressa da pessoa do Pai, e o veremos manso e humilde de coração. Ninguém mais afligido, mas Seu espírito perfeitamente submisso à Sua situação. “Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca” (Isaías 53:7). Isso é uma parte brilhante da imagem divina; pois embora Deus não possa ser humilde em relação ao Seu estado e condição, Ele é de infinita condescendência. Ninguém suporta como Ele, nem sofre pacientemente tanta contradição à Sua vontade; o que nos é proposto para nos encorajar na aflição, como brilhou em Cristo. “Considerai, pois, aquele que suportou tais contradições dos pecadores contra si mesmo para que não enfraqueçais, desfalecendo em vossos ânimos” (Hebreus 12:3).

Por outro lado, o orgulho é a própria imagem do diabo. Deveríamos valorizar a altura de nossos espíritos? Satanás competirá conosco no mais alto ponto. Embora ele seja o mais miserável, ele é o mais orgulhoso em toda a criação. Existe a maior distância entre o seu espírito e a sua condição; o primeiro é tão exaltado quanto o trono de Deus, o último tão baixo quanto o inferno. Como é impossível que sua

condição seja exaltado até o seu espírito, seu espírito nunca se rebaixará à sua condição. Portanto, ele estará eternamente em estado de guerra com a sua condição. Assim, mesmo neste momento, ele não tem descanso, mas vagueia, buscando descanso de fato, mas não encontra nenhum.

Não é melhor ser como Deus do que como o diabo; ser como Aquele que é a fonte de todo bem, em vez daquele que é a origem de todo mal? Pode haver algo que mude o equilíbrio aqui e incline a preferência para o outro lado? “Melhor é ser humilde de espírito com os mansos, do que repartir o despojo com os soberbos” (Provérbios 16:19).

(2.) A humildade e a baixeza de espírito nos qualificam para a comunhão amigável com Deus em Cristo. O orgulho faz de Deus nosso inimigo. Nossa felicidade aqui e no porvir depende de nossa comunhão amigável com o Céu. Se não a temos, nada pode compensar nossa perda. Se a temos, nada pode nos tornar miseráveis. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8:31). Quem são aqueles por quem Deus é, senão os humildes e os mansos? Eles que, estando em Cristo, são feitos como Ele. Ele os abençoou e declarou herdeiros da coroa de glória: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mateus 5:3). Ele olhará para eles, por mais baixa que seja sua condição, enquanto despreza os outros. Ele terá respeito por eles, independentemente de serem desprezados: “Ainda que o Senhor é excelso, atenta todavia para o humilde; mas ao soberbo conhece-o de longe” (Salmos 138:6). Ele habitará com eles, independentemente de como vivam. Ele certamente os exaltará no momento certo, por mais baixos que estejam agora.

Contra quem Ele está? Contra quem Ele resiste? Os soberbos. (!) A esses Ele amaldiçoa, e aquela maldição secará seu braço no final. O homem orgulhoso é rival de Deus; ele se torna seu próprio deus e quer que aqueles ao seu redor também o adorem; ele age com raiva, fica furioso, se eles não se ajoelharem diante dele. Mas Deus o derrubará.

Não é melhor estar qualificado para a comunhão com Deus do que tê-Lo contra nós, a qualquer custo?

(3.) A humildade é um dever que agrada a Deus, o orgulho é um pecado que agrada ao diabo. Deus nos exige ser humildes, especialmente sob aflição, “ revesti-vos de humildade” (1 Pedro 5:5). Essa é nossa

vestimenta adequada. O publicano humilde foi aceito, o orgulhoso fariseu foi rejeitado. Podemos dizer da geração dos orgulhosos que “a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim” (1 Tessalonicenses 2:16). Eles não agradam a Deus nem aos homens, apenas a si mesmos e a Satanás, a quem se assemelham. O dever é melhor do que o pecado, a qualquer custo.

2. Aqueles cujos espíritos são subjugados pela sua situação aflita desfrutam de muita tranquilidade e repouso de espírito, enquanto os orgulhosos, que precisam que sua situação seja ajustada às suas vontades, enfrentam muita inquietação, problemas e vexações. Considere, por um lado, que a tranquilidade da mente e a paz interna são uma grande bênção, na qual depende o conforto da vida. Nada além disso pode tornar a vida feliz. E onde isso é mantido, nada pode torná-la miserável. Garantir isso em Deus, é desafiar todas as tribulações do mundo, como uma criança navegando no meio das ondas revoltas. O espírito subjugado à dificuldade cria e mantém essa tranquilidade interior. Nossa maior aflição em nossa situação no mundo decorre do desacordo de nossa mente com ela; deixe a mente se ajustar à situação, e toda a agitação é instantaneamente aplacada; mantenha-a nessa disposição, e o homem permanecerá à vontade em sua aflição, como uma rocha inabalável com as águas batendo nela: “E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos” (Colossenses 3:15).

Por outro lado, considere a inquietação mental que os orgulhosos sofrem antes de conseguirem que sua situação seja ajustada às suas vontades. “Eles ensinam a sua língua a falar a mentira, andam-se cansando em proceder perversamente” (Jeremias 9:5). “Cobiçais, e nada tendes; matais, e sois invejosos, e nada podeis alcançar; combateis e guerreais, e nada tendes, porque não pedis” (Tiago 4:2). Que flechas de aflição atravessam seus corações! Que tortura de ansiedade, irritação e vexação devem eles suportar! Que paixões contrárias lutam dentro deles! E que explosões de paixão eles manifestam! Que desconforto Hamã sentiu porque não conseguia alcançar a vingança contra Mordecai ao obter o decreto do rei!

Quando a coisa é feita de acordo com sua vontade, o custo não é quitado. A alegria de obtê-la não traz tanta satisfação e prazer quanto a dor que a falta dela causou. Isso foi evidente no caso de Raquel, em relação à questão de ter filhos. Há uma mosca morta no perfume

que estraga o aroma que eles esperavam encontrar. A fruta colhida da árvore da providência antes de amadurecer facilmente deixa os dentes ásperos. Isso se assemelha ao maná mantido durante a noite.

Eles têm uma posse insegura disso; não dura muito tempo com eles. Ou é tirado deles rapidamente, e eles estão de volta ao ponto de partida, “Dei-te um rei na minha ira, e tirei-o no meu furor” (Oséias 13:11); tendo uma raiz de orgulho, ela seca rapidamente; ou então eles são afastados dele, de modo que não têm acesso para desfrutá-lo. Então Hamã obteve o decreto; mas antes do dia da execução chegar, o que ele tanto quis se foi.

3. Aqueles que conseguem submeter seu espírito à sua situação aflita alcançam um ponto muito mais valioso do que aqueles que, em seu orgulho, forçam sua situação a se adequar a suas vontades. “Melhor é o que tarda em irar-se do que o poderoso, e o que controla o seu ânimo do que aquele que toma uma cidade” (Provérbios 16:32). Isso ficará evidente se você considerar:

(1.) O último cria apenas uma condição melhor nas coisas exteriores, o primeiro cria um homem melhor. A vida é mais do que a comida. O próprio homem é mais valioso do que todas as comodidades externas que o cercam. Portanto, o que melhora o homem é preferível ao que melhora apenas sua condição. Quem duvida que, onde dois estão doentes e um deles se transfere de uma cama simples para uma cama fina, a doença ainda permanece a mesma; o outro continua na cama simples, mas a doença foi removida; o estado deste último é preferível?

(2.) O subjugar de nossas próprias paixões é mais excelente do que ter o mundo inteiro subjugado à nossa vontade, pois então somos senhores de nós mesmos, de acordo com isso. Enquanto, no outro caso, continuamos escravos dos piores mestres. Em um caso, estamos seguros, não importa quão intensa seja a tempestade; no outro, estamos expostos a milhares de perigos. “Como a cidade derrubada, sem muro, assim é o homem que não pode conter o seu espírito” (Provérbios 25:28).

(3.) Quando ambos forem julgados, ficará evidente que uns multiplicaram o número de suas boas obras ao submeterem seu espírito à sua situação, enquanto outros multiplicaram o número de suas más obras ao ajustarem sua situação à sua vontade. Temos que lidar com

um Deus onisciente, aos olhos do qual cada ação interna é uma obra, boa ou má, a ser contabilizada.

Um caminho aflito é doloroso, mas quando bem administrado, é muito frutífero; ele exercita as graças do espírito de um cristão, que de outra forma ficariam dormentes. Mas não há um ato de resignação à vontade de Deus sob a cruz, nem um ato de confiança n'Ele por Sua ajuda, que não serão registrados no livro dos céus como boas obras. E esses atos são provocados pela aflição.

Por outro lado, nunca haverá uma manifestação do coração orgulhoso contra a situação aflitiva, nem uma tentativa infiel de ajustá-la à nossa vontade, quer tenha sucesso ou não, mas será considerada como uma má ação diante de Deus. Como, então, a história de tais pessoas será multiplicada pela forma como o espólio é dividido!

Aplicação 1. De informação.

Portanto, podemos aprender:

1. Nem sempre é melhor para as pessoas terem sua vontade. Muitos não podem se contentar com a vontade de Deus em relação a eles e conseguem sua própria vontade com vingança. “Mas o meu povo não quis ouvir a minha voz, e Israel não me quis. Portanto eu os entreguei aos desejos dos seus corações, e andaram nos seus próprios conselhos” (Salmos 81:11,12). Pode ser mais agradável e gratificante por um tempo, mas não é o mais seguro. Que as pessoas não se orgulhem de levar as coisas a cabo dessa maneira, então, à força; que não triunfem em tal vitória: a conta futura abrirá seus olhos.

2. A parte afligida e contrariada cuja situação é mantida baixa está longe de ser um perdedor, se seu espírito for subjugado a isso. E se ele enxergar as coisas à luz da Palavra infalível de Deus, ele estará em melhor situação do que se tudo tivesse sido ajustado à sua vontade. Em um caminho, os vasos de ira são preparados para a destruição. No outro, os vasos de misericórdia são preparados para a glória, e assim Deus disciplina os Seus.

3. É melhor se submeter à Providência do que lutar contra ela, mesmo que vençamos. Render-se à disposição soberana é tanto

nosso dever apropriado quanto nosso maior interesse. Seguindo esse caminho, agimos de maneira mais honrada, pois que honra pode haver na criatura disputando seu lugar com o Criador? E agimos com mais sabedoria, pois, seja qual for o sucesso de algumas batalhas nesse caso, podemos ter certeza de que a vitória estará do lado dos céus na guerra, “porque o homem não prevalecerá pela força” (1 Samuel 2:9).

4. É muito mais importante para nós termos nossos espíritos humilhados do que nossa condição externa exaltada. Mas quem crê nisso? Todos os homens se esforçam para elevar sua condição externa; a maioria dos homens nunca se importa em humilhar seus espíritos, e há poucos que se aplicam a isso. E o que é isso senão se preocupar em fornecer bebida ao doente sedento, mas nunca se preocupar em buscar uma cura para eles, pela qual sua sede possa ser aliviada.

Aplicação 2. De exortação.

À medida que você encontrar dificuldades em seu caminho tortuoso, que seu desejo seja mais ter seu espírito humilhado e subjugado do que remover a dificuldade. Não quero dizer que você não possa usar todos os meios legítimos para remover suas dificuldades, na dependência de Deus; mas apenas que você deve se preocupar mais em fazer seu espírito se submeter e se adaptar do que em igualar sua situação.

Motivo 1. É muito mais necessário para nós que nossos espíritos sejam humilhados sob a dificuldade do que a dificuldade seja removida. A remoção da dificuldade é necessária apenas para o alívio da carne, a humilhação é para o benefício de nossas almas, para purificá-las e trazê-las a um estado de saúde e cura.

Motivo 2. A humildade do espírito terá um efeito muito positivo em uma situação difícil, mas a remoção da dificuldade não terá nenhum efeito em um espírito não humilhado. A humildade aliviará grandemente a dificuldade no momento e, a seu tempo, a removerá completamente. Mas a remoção da dificuldade não é um meio de humilhar o espírito não humilde; embora possa evitar a irritação, a doença permanece.

Motivo 3. Pense consigo mesmo o quão perigosa e sem

esperança é a situação de ter a dificuldade removida antes que o espírito seja humilhado; ou seja, ter os meios de cura retirados e bloqueados de nós enquanto o poder da doença ainda não está quebrado; ser retirado dos desafios antes de termos dado alguma prova de nós mesmos e, assim, sermos declarados por nosso Médico como sem esperança.

Aplicação 3. De direção.

Crendo no Evangelho, tome Deus como seu Deus em Cristo para a sua salvação eterna, e depois medite muito sobre o pensamento da grandeza e santidade de Deus e da sua própria pecaminosidade; assim você será humilhado sob a mão poderosa de Deus e, no devido tempo, Ele o exaltará.

“Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte” (1 Pedro 5:6)

Na parte anterior deste capítulo, o apóstolo apresenta os deveres dos oficiais da igreja em relação ao povo e, em seguida, o dever do povo, tanto em relação aos seus oficiais quanto entre si, que ele resume em uma palavra, submissão. Por essa razão, ele recomenda a humildade como o grande meio para que todos cumpram seus respectivos deveres. Isso é enfatizado com um argumento baseado no tratamento diferente que o Senhor dá aos orgulhosos e aos humildes: oposição a Si mesmo a um e mostrando favor ao outro. Nosso texto é uma exortação tirada dessa consideração, e nele temos.

O dever que devemos estudar: “Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte” (1 Pedro 5:6). E, quanto a isso, podemos observar:

(1.) O estado daqueles aos quais é proposto, aqueles que estão sob a mão poderosa de Deus, a mão que os humilhou ou os abateu em relação às suas circunstâncias no mundo. E, por esses, penso que não são apenas aqueles que estão sob aflições específicas e notáveis, o que é o destino de alguns, mas também aqueles que, pela providência de Deus, estão de alguma forma em situação inferior, o que é o destino de todos. Todos estão em um estado de submissão ou dependência de outros; Deus fez desta vida um estado de provação e, por isso, com

Sua mão poderosa, sujeitou os homens uns aos outros, como esposas, filhos, servos, aos maridos, pais e mestres; e estes, por sua vez, aos seus superiores; entre os quais, novamente, até mesmo os mais altos dependem daqueles que estão sob eles, como magistrados e ministros dependem do povo, até o magistrado supremo. Deus fez este estado do mundo para a provação dos homens em suas várias posições e dependência dos outros; e, portanto, quando o tempo da provação acaba, ele também chega ao fim. “Depois virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força” (1 Coríntios 15:24). Enquanto isso durar, a humildade se torna necessária para todos, para estimulá-los a cumprir o dever que devem a seus superiores, aos quais a mão poderosa de Deus os submeteu.

(2.) O próprio dever, ou seja, a humilhação de nossos espíritos sob as circunstâncias humilhantes nas quais o Senhor nos colocou. “Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte” (1 Pedro 5:6). Se estamos sob aflições específicas que nos derrubaram da posição elevada que ocupávamos anteriormente, ou se somos apenas inferiores em uma ou mais relações, ou, o que é mais comum, se ambas as situações se aplicam a nós, devemos considerar a mão poderosa de Deus como aquela que nos coloca lá, que está sobre nós e que nos mantém lá; e, assim, com respeito reverente a ela, nos inclinamos sob ela, na disposição e temperamento de nossos espíritos, ajustando nossos espíritos à nossa situação e cumprindo cuidadosamente o dever de nossa esfera inferior.

(3.) Uma motivação específica para esse dever: portanto, devemos considerar que aqueles que não conseguem manter com tranquilidade o lugar designado por Deus em suas aflições ou relações, mas continuam a pressionar contra a mão poderosa que está sobre eles, essa mão poderosa os resiste, derrubando-os e, frequentemente, ainda mais abaixo do que antes; ao passo que ela trata com graça e favor aqueles que se compõem sob ela para um cumprimento tranquilo de seu dever em sua situação; assim, ao considerar isso, devemos nos esforçar para nos humilhar.

O resultado infalível desse caminho; para que Ele vos exalte no tempo devido. O termo “para que” nem sempre deve ser entendida como um propósito final, como denotando o fim ou o desígnio que o Agente se propõe, mas, às vezes, apenas como um evento ou

resultado da ação. Portanto, aqui, o significado não é: Humilhem-se, com o propósito de que Ele vos exalte; mas sim, que isso resultará na exaltação de vocês.

(1.) Aqui está um feliz desfecho garantido da humilhação do espírito, que é a exaltação ou elevação aos céus, pelo poder de Deus, para que Ele vos exalte. A exaltação seguirá com a mesma certeza a humilhação do espírito, adequada à baixa situação, assim como a manhã segue a noite, ou o sol nasce após o amanhecer. E estas palavras são adequadas para superar as objeções que o mundo e nossos corações corruptos são propensos a fazer contra a submissão do espírito.

Objeção 1. Se deixarmos nosso espírito cair, sempre estaremos aos pés dos outros, e eles nos pisarão.

Resposta: Não; o orgulho do espírito não subjugado fará com que as pessoas permaneçam eternamente aos pés dos outros. Mas a humilhação do espírito, sem dúvida os trará para debaixo dos pés dos outros. Aqueles que se humilham agora serão exaltados para sempre; eles serão tirados de sua situação e circunstâncias baixas. Deitem-se mesmo com a sua situação baixa e tenham certeza de que vocês não permanecerão lá.

Objeção 2. Se não nos exaltarmos, ninguém nos exaltará, e, portanto, devemos cuidar de nós mesmos para nos fazer justiça.

Resposta: Isso está errado. Humilhem-se em relação ao seu espírito, e Deus os exaltará em relação à sua situação ou condição baixa; e aqueles que têm Deus comprometido em elevá-los não têm motivo para dizer que ninguém fará isso por eles. A humilhação do espírito é nosso dever, a exaltação é a obra de Deus; não percamos o privilégio de Deus nos exaltar ao arrogar essa obra para nós mesmos, tirando-a de Suas mãos.

Objeção 3. Mas com certeza nunca alcançaremos altos lugares se deixarmos nossos espíritos caírem.

Resposta. Isso também está errado: Deus não só exaltará os humildes, mas Ele os levantará aos céus; pois é isso que a palavra significa. Eles serão tão altos no final quanto eram baixos, não importa o quão baixos fossem; na verdade, a exaltação será proporcional à humilhação.

(2.) Aqui está a data desse evento feliz, quando isso acontecerá. No tempo devido, ou na estação, a estação apropriada para isso, “E não nos cansemos de fazer bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido” (Gálatas 6:9). Somos propensos a nos cansar em circunstâncias humilhantes, e gostaríamos de imediatamente erguer a cabeça. Mas Salomão observa que há um tempo para tudo quando as coisas acontecem da melhor forma, e os sábios esperarão por ele. Há também um tempo para exaltar aqueles que se humilham; Deus o estabeleceu, e é o tempo devido para esse propósito, o momento em que ele funciona melhor, assim como semear na primavera e colher na colheita. Quando esse tempo chegar, sua exaltação não será mais adiada, e virá cedo demais se vier antes desse tempo.

Doutrina I. A inclinação do coração de alguém, em circunstâncias humilhantes, deve ser em direção a uma humilhação adequada do espírito, sob a mão poderosa de Deus que nos coloca nelas. Consideraremos,

I. O que está implícito nisso. Isso pressupõe que:

1. Deus coloca os homens em situações humilhantes. “Assim saberão todas as árvores do campo que eu, o Senhor, abati a árvore alta, elevei a árvore baixa, sequei a árvore verde, e fiz reverdecer a árvore seca; eu, o Senhor, o disse, e o fiz” (Ezequiel 17:24). Existe uma raiz de orgulho nos corações de todos os homens na terra que deve ser mortificada antes que possam ser adequados para o céu: e, portanto, nenhum homem pode escapar, neste tempo de provação, de algumas coisas que darão uma prova de sua capacidade de se humilhar. E Deus coloca as pessoas em situações humilhantes com esse mesmo propósito. “O Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, e te provar, para saber o que estava no teu coração” (Deuteronômio 8:2).

2. Essas circunstâncias atuam como um peso no coração, tendendo a reprimi-lo. “Portanto, lhes abateu o coração com trabalho; tropeçaram, e não houve quem os ajudasse” (Salmos 107:12). Elas atingem o âmago do coração e contrariam a inclinação natural: daí surge uma prova, quando Deus coloca Sua mão poderosa, se a pessoa pode se curvar diante dela ou não; e, conseqüentemente, se ela é adequada para o céu ou não.

3. O coração é naturalmente propenso a se revoltar contra essas circunstâncias humilhantes, e, conseqüentemente, contra a mão poderosa que as traz e mantém. A pessoa naturalmente emprega sua força para se livrar do peso, a fim de erguer a cabeça, buscando mais agradar a si mesma do que agradar a Deus. “Por causa das muitas opressões os homens clamam por causa do braço dos grandes. Porém ninguém diz: Onde está Deus que me criou, que dá salmos durante a noite” (Jó 35:9,10). Esta é a primeira reação do coração às circunstâncias humilhantes, e dessa forma o espírito indomado persiste.

4. Mas o que Deus requer é que a pessoa se esforce para humilhar o coração em vez de erguer a cabeça. Aqui está a prova da adequação para o céu; e alguém está no caminho para o céu quando está mais preocupado em humilhar o coração do que em erguer a cabeça, em suportar calmamente a carga do que em se livrar dela, em se curvar diante da mão poderosa do que em afastá-la.

5. Deve haver uma percepção da mão de Deus nas circunstâncias humilhantes. “Ouvi a vara, e quem a ordenou” (Miquéias 6:9). Há uma abjeção de espírito, pela qual alguns se entregam à vontade dos outros no tratamento mais áspero, apenas para agradá-los, sem considerar a autoridade e o comando de Deus. Isso é verdadeira mesquinhez de espírito, pela qual alguém se deixa tranquilamente ser pisoteado por um semelhante, por conta de seu peso imaginário; e ninguém se rende a isso tão prontamente quanto os orgulhosos às vezes para atender às próprias necessidades. Esses são adúladores.

II. Quais são essas circunstâncias humilhantes nas quais a mão poderosa de Deus coloca as pessoas. Supondo aqui o que foi ensinado anteriormente sobre as reviravoltas na vida

serem feitas por Deus, estas são circunstâncias:

1. *De imperfeição.* Deus colocou todos os homens em circunstâncias que envolvem uma variedade de necessidades e imperfeições. Não podemos olhar para nenhum lugar onde não sejamos cercados por elas. Há um conjunto de imperfeições naturais e morais ao nosso redor. Nossos corpos e nossas almas, em todas as suas faculdades, estão em estado de imperfeição. O orgulho de toda glória está manchado; e é uma vergonha para nós não nos humilharmos sob tais necessidades. É como um mendigo ostentando seus trapos.

2. *De inferioridade nas relações,* nas quais as pessoas são colocadas em uma posição inferior nas relações e na sociedade, e feitas para depender dos outros. Deus, para testar a submissão do homem a Si mesmo, sujeitou-o a outros que Ele estabeleceu sobre ele, para descobrir que consideração eles terão à Sua autoridade e aos Seus comandos em segunda mão. Domínio ou superioridade é uma parte da imagem divina que brilha neles. E, portanto, a reverência por eles, consistindo em um respeito reverente por aquela centelha da imagem divina que brilha neles, é necessariamente exigida. O mesmo vale para todas as outras relações e superioridades, ou seja, que até certo ponto eles ocupam o lugar de Deus em relação aos seus parentes e, embora as partes sejam desprezíveis em si mesmas, isso não diminui a dívida de reverência devida a elas. O motivo disso é que não são suas qualidades, mas seu caráter que é a base da dívida de reverência e submissão; e o teste de Deus diz respeito a isso, não ao ponto anterior, mas ao último.

Uma vez que Deus nos colocou nessas circunstâncias de inferioridade, toda obstinação, em todas as coisas que não são contrárias ao comando de Deus, é uma rebelião contra a Sua poderosa mão, pois age indiretamente sobre nós para esse efeito, embora seja a mão de um homem que age diretamente sobre nós.

3. *De contradição,* direcionada para nos impedir de seguir nossa vontade. Isso fazia parte do estado de humilhação do nosso Senhor,

e o apóstolo supõe que também fará parte do nosso. No céu, há uma harmonia perfeita, ninguém se contradiz, pois estão em seu estado de retribuição e exaltação. Mas estamos aqui em nosso estado de prova e humilhação e, portanto, não podemos evitar a contradição, mesmo que estejamos colocados no mais alto cargo. Se essas contradições são justas ou injustas, Deus as utiliza para nos humilhar, para nos afastar da apegada à nossa própria vontade e para nos ensinar a resignação e a negação de nós mesmos. Por natureza, essas contradições são humilhantes e têm um efeito semelhante ao domar um cavalo ou um touro. E acredito que existem muitos casos em que não podemos explicar essas contradições de outra forma senão considerando o propósito que Deus tem para elas.

4. *De aflição.* A prosperidade enche os pecadores de orgulho, pois é muito difícil manter um espírito humilde com uma situação elevada e próspera. Mas Deus, por meio da aflição, chama os homens de volta das alturas para se sentarem na poeira, arranca as “penas coloridas” de que se orgulhavam, remove a maquiagem e o verniz da criatura, fazendo com que apareça em sua verdadeira deformidade. Existem vários tipos de aflição, alguns mais humilhantes, outros menos, mas todos eles têm o poder de humilhar.

Portanto, não se humilhar diante da aflição é tentar se exaltar quando Deus está nos segurando e nos mantendo para baixo. Se essa atitude persistir, certamente provocará o Senhor a nos quebrar em pedaços, pois a mão aflitiva de Deus é poderosa.

5. Do pecado, como punição do pecado. Podemos fazer alusão a isso. Todo pecado no mundo é uma punição pelo pecado original de Adão. O homem se jogou na lama inicialmente, e agora é justamente deixado atolado nela. Os homens cometem erros deliberados e, por essa razão, são justamente deixados a cometer erros ainda piores; e o pecado está presente em todos, inclusive nos melhores. Deus utiliza o pecado como um meio de nos humilhar, para que possamos nos envergonhar e nunca mais abrir a boca. Portanto, não nos humilhar diante de nossa pecaminosidade é nos rebelarmos contra a mão poderosa de Deus e justificar todas as nossas transgressões pecaminosas, demonstrando falta de senso de dever e de vergonha.

A demora não significa que Deus negou as petições no tribunal celestial, mas são testes da fé e da paciência dos que fazem as petições. Aqueles que persistirem certamente obterão uma resposta favorável

no devido tempo. “E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles?” (Lucas 18:7). Às vezes, as pessoas podem se tornar impacientes com a situação difícil em que se encontram e abandonar suas petições, em um momento de desânimo, embora ainda estejam desconfortáveis com a situação. Se Deus tiver a intenção de aliviar a situação, Ele as obrigará a retomar suas petições. “Assim diz o Senhor DEUS: Ainda por isso serei solicitado pela casa de Israel, que lho faça; multiplicar-lhes-ei os homens, como a um rebanho” (Ezequiel 36:37). Se a mudança ocorrer enquanto as petições estiverem sendo negligenciadas, não trará muito conforto. Mesmo que a mudança nunca ocorra durante a nossa vida, isso não deve nos impedir de buscar a Deus em oração pela mudança, pois há muitas petições a serem respondidas até chegarmos ao outro mundo, onde todas elas serão respondidas de uma só vez.

III. O que é se humilhar nas circunstâncias humilhantes sob a poderosa mão de Deus. Este é o grande objetivo de nossas circunstâncias humilhantes. E podemos compreendê-lo em oito aspectos:

1. Reconhecer a poderosa mão de Deus, que age em tudo o que nos afeta, seja de maneira eficaz ou por permissão. “Ele é o Senhor; faça o que bem parecer aos seus olhos” (1 Samuel 3:18). E o rei disse: “Ora deixai-o amaldiçoar; pois o Senhor lhe disse: Amaldiçoa a Davi; quem pois diria: Por que assim fizeste?” (2 Samuel 16:10). Ele é a fonte de toda perfeição, mas devemos traçar nossas imperfeições à Sua vontade soberana. É Ele quem posicionou cada um em suas relações por meio de Sua providência; sem Ele, não poderíamos encontrar tais contradições, pois “Do homem são as preparações do coração, mas do SENHOR a resposta da língua. Todos os caminhos do homem são puros”. (Provérbios 16:1,2). Ele envia aflições e pune justamente um pecado com outro.

2. Um senso de nossa insignificância e nulidade diante Dele. Olhando para a infinita Majestade da poderosa mão que lida conosco,

devemos dizer, como Abraão: “Eis que agora me atrevi a falar ao Senhor, ainda que sou pó e cinza” (Gênesis 18:27), e concordar com o clamor: “toda a carne é erva” (Isaías 40:6). Manter pensamentos de nossa própria excelência sob a pressão da poderosa mão de Deus é o que infla o coração de orgulho, fazendo-o se revoltar contra ela. A humildade requer que abandonemos esses pensamentos de nós mesmos diante da glória Dele.

3. Um senso de nossa culpa e impureza. A poderosa mão não nos oprime senão como pecadores; assim, é apropriado que, sob ela, vejamos nossa pecaminosidade, nossa culpa, pela qual pareceremos criminosos justamente causados a sofrer, e nossa impureza, que nos levará a nos envergonhar de nós mesmos. Nada nos rebaixará mais do que o que merecemos. Ignorar nossa pecaminosidade permite que o coração orgulhoso inche.

4. Uma submissão silenciosa sob a mão de Deus. Sua soberania exige isso de nós. “Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas?” (Romanos 9:20). E apenas um orgulho não dominado nos permite responder à Sua mão soberana. Uma visão de Sua soberania humilhou o salmista à submissão com um silêncio profundo. “Emudeci; não abro a minha boca, porquanto tu o fizeste” (Salmos 39:9). “O Senhor o deu, e o Senhor o tomou: bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1:21). “E, Eis que sou vil; que te responderia eu? A minha mão ponho à boca. Uma vez tenho falado, e não replicarei; ou ainda duas vezes, porém não prosseguirei” (Jó 40:4,5). E Eli: “Ele é o Senhor; faça o que bem parecer aos seus olhos” (1 Samuel 3:18).

5. Um engrandecimento de Suas misericórdias para conosco em meio a todas as Suas ações contra nós. Se Ele nos abateu, se estamos devidamente humilhados, ficaremos maravilhados por Ele não nos ter abatido ainda mais. Pois, por mais baixo que os humildes sejam rebaixados, eles reconhecerão que não estão tão baixos quanto seus pecados merecem.

6. Uma santa e silenciosa admiração dos caminhos e desígnios de Deus, que são inescrutáveis para nós. O orgulho acredita que nada é muito exaltado para o homem e, assim, julga os procedimentos divinos, pretende compreendê-los, critica-os livremente e os condena. No entanto, a humildade nos leva a pensar com reverência e honra sobre os mistérios da Providência que não podemos entender.

7. Um esquecimento e renúncia perante o Senhor de toda nossa dignidade, pela qual nos destacamos dos outros. O orgulho se alimenta da verdadeira ou imaginária excelência e dignidade pessoal do homem, e, estando acostumado a demonstrá-la diante dos outros, não consegue esquecê-la diante de Deus. “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens” (Lucas 18:11). Mas a humildade faz com que tudo isso desapareça diante Dele, assim como a sombra diante do sol brilhante, e faz o homem, aos seus próprios olhos, ser mais baixo do que qualquer outro. “Na verdade eu sou o mais bruto dos homens, nem mesmo tenho o conhecimento de homem” (Provérbios 30:2).

8. Submeter-se prontamente às tarefas mais humildes necessárias ou compatíveis com suas circunstâncias. O orgulho, a cada momento, encontra algo que está abaixo do homem para se condescender ou abaixar, medindo de acordo com sua própria mente e vontade, e não pelas circunstâncias que Deus o colocou. No entanto, a humildade mede de acordo com as circunstâncias em que alguém está colocado e se adapta prontamente ao que elas exigem. Sobre isso, nosso Salvador nos deu um exemplo a ser imitado: “E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz (Filipenses 2:8)”. “Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros” (João 13:14).

Aplicação de exortação: deixe, então, o propósito do seu coração, em todas as suas circunstâncias humilhantes, ser o de humilhar o seu espírito, como se estivesse sob a poderosa mão de Deus. Isso envolve duas coisas:

1. Observe cuidadosamente todas as suas circunstâncias humilhantes e não ignore nenhuma delas. Observe suas imperfeições, a inferioridade em suas relações, as contradições que você encontra, suas aflições, a incerteza de todas as coisas ao seu redor e a sua pecaminosidade. Observe-as intencionalmente e considere os passos da providência em relação a você, para que você possa se conhecer e não seja um estranho em sua própria situação e condição real.

2. Observe o que essas circunstâncias exigem de você, de acordo com o que é adequado a elas; esforce-se para trazer seus espíritos a essa atitude de humildade, de modo que, como a sua condição é realmente baixa em todos esses aspectos, seus espíritos também possam ser

humildes, como sob a poderosa mão de Deus. Faça disso o seu grande objetivo ao longo de toda a sua vida e o seu exercício diário.

3. Deus certamente está trabalhando para humilhar a todos nós. Independentemente de quão alto alguém seja exaltado neste mundo, a Providência pendurou certos emblemas de humilhação sobre eles, quer eles os notem ou não. É nosso dever concordar com o plano da Providência, de modo que, enquanto Deus nos humilha, também nos humilhemos, para que não recebamos dispensações humilhantes em vão.

4. A humilhação de nosso espírito não ocorrerá sem nossa participação. Enquanto Deus age dessa maneira conosco, devemos cooperar com Ele, pois Ele age em nós como agentes racionais que, quando movidos, movem a si mesmos. Deus, por Sua providência, pode forçar nossa condição sem nossa cooperação, mas o espírito deve vir voluntariamente e por escolha própria, ou não virá de forma alguma. Portanto, colabore com as providências humilhantes na sua humilhação, assim como os marinheiros estendem as velas quando o vento começa a soprar para que possam se afastar com ele.

5. Se você não o fizer, estará resistindo à poderosa mão de Deus. Você resiste na medida em que não cede, mas permanece como uma rocha, mantendo sua posição contra o seu Criador em meio a providências humilhantes. “Feriste-os, e não lhes doe; consumiste-os, e não quiseram receber a correção; endureceram as suas faces mais do que uma rocha; não quiseram voltar” (Jeremias 5:3). Muito mais quando você trabalha contra Ele para exaltar sua condição, que você pode ver que Deus lhe pretende manter abaixo. E sobre essa resistência, considere:

(1.) A pecaminosidade; quão mau é. É uma luta direta contra Deus, um rompimento da submissão ao nosso Soberano Senhor e uma revolta contra Ele.

(2.) A insensatez disso. Que confronto desigual! Como pode a luta terminar bem? O que mais pode ser o resultado dos cacos de barro da Terra chocando-se contra a Rocha eterna, senão que eles serão quebrados em pedaços? Todos os homens certamente se curvarão ou se quebrarão sob a poderosa mão de Deus.

6. Este é o tempo de humilhação, mesmo o tempo desta vida. Tudo é belo em sua estação; e a humilhação do espírito agora é bela,

assim como o arar e semear a terra é na primavera. Considere,

(1.) A humilhação do espírito é, aos olhos de Deus, de grande valor. Assim como Ele tem uma aversão especial ao orgulho de coração, Ele tem um gosto especial pela humildade. A humilhação dos pecadores e a redução de suas alturas, nas quais a corrupção de sua natureza os colocou, é o grande propósito de Sua Palavra e de Suas providências.

(2.) Não é algo fácil humilhar o espírito dos homens; não é algo que seja facilmente alcançado; é um trabalho que não se faz rapidamente. É necessário cavar profundamente para uma humilhação completa no trabalho de conversão. Muitos golpes precisam ser dados à raiz da árvore do orgulho natural do coração antes que ela caia; frequentemente parece ter caído e, no entanto, ela se ergue novamente. E mesmo quando o golpe na raiz é dado nos crentes, a vara do orgulho brota novamente, de modo que ainda há necessidade de um novo trabalho de humilhação.

(3.) Todo o tempo desta vida é destinado à humilhação. Isso foi indicado pelos quarenta anos que os israelitas tiveram no deserto. Foi assim para Cristo, e, portanto, deve ser assim para os homens. E durante esse tempo, eles devem ser moldados de acordo com a imagem d'Ele, ou aparecerão como prata reprovada que não pode ser purificada de forma alguma. Portanto, seja qual for a exaltação que os homens possam obter de vez em quando nesta vida, o curso habitual dela ainda será de humilhação.

(4.) Não há humilhação após isso. Se o orgulho do coração não for reduzido nesta vida, nunca será; nenhuma humilhação genuína deve ser esperada na outra vida. Lá, os orgulhosos serão despedaçados, mas não amaciados; sua sorte e condição serão reduzidas ao mais baixo nível, mas o orgulho de seus espíritos ainda permanecerá, e eles estarão em tormentos eternos, devido à oposição entre seus espíritos e sua condição. Portanto, cuidado para não desperdiçar seu tempo de humilhação: devemos ser humilhados, ou então estaremos perdidos para sempre; e este é o tempo, o único tempo para isso; portanto, aproveite as providências humilhantes, e não lute contra elas enquanto as tiver. A temporada de graça não durará; se você dormir no tempo de sementeira, implorará na colheita.

7. Este é o caminho para aproveitar circunstâncias humilhantes;

em vez de ser um perdedor, você será um ganhador por causa delas. “Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos” (Salmos 119:71). Se você quiser colher uvas desses espinhos e abrolhos, esforce-se para humilhar seu espírito por meio deles. A humilhação do espírito é algo de grande valor em si mesma. Não pode ser comprada por um preço alto demais. Qualquer que seja a aflição que alguém seja submetido, se seu espírito for devidamente humilhado por meio disso, ele terá algo que vale a pena suportar todas as dificuldades. A humildade do espírito traz muitas vantagens consigo. É um ramo frutífero, carregado onde quer que esteja. Contribui para o alívio sob a cruz. É um sacrifício particularmente aceitável a Deus. O olho de Deus está particularmente sobre esses para o bem. “Porque a minha mão fez todas estas coisas, e todas vieram a existir, diz o Senhor, mas o homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito e que treme da minha palavra” (Isaías 66:2). Sim, Ele habita com eles. E ela traz sabedoria para toda a conduta: “mas com os humildes está a sabedoria” (Provérbios 11:2).

8. Considere que é uma mão poderosa que está trabalhando conosco - a mão do Deus Todo-Poderoso; portanto, dobremos nossos espíritos para cumprir sua vontade, e não lutemos contra ela. Considere:

(1.) Devemos nos submeter a ela. Uma vez que o objetivo é nos humilhar, não podemos permanecer diante dela; pois não pode falhar em seus propósitos. “O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade” (Isaías 46:10). Portanto, devemos nos submeter a ela, seja no cumprimento do dever ou no julgamento. “As tuas flechas são agudas no coração dos inimigos do rei, e por elas os povos caíram debaixo de ti” (Salmos 45:5).

(2.) Aqueles que são sábios o suficiente para cair em humilhação sob a mão poderosa, mesmo que sejam rebaixados, a mesma mão os levantará novamente. Em resumo, se os orgulhosos estiverem muito altos, Deus os rebaixará; se os humildes estiverem muito baixos, Deus os exaltará.

Capítulo 4 - Final

Instruções Para Alcançar Essa Humilhação

I - Direções Gerais

Direção 1. Firme em seu coração o propósito de buscar algum aperfeiçoamento espiritual na maneira como a Providência lida com você. Enquanto o coração não estiver resoluto, a humilhação não será esperada. Mas nada é mais razoável se quisermos agir como homens ou cristãos do que buscar transformar o que é tão penoso para a carne em benefício do espírito; de modo que, se perdemos de um lado, podemos ganhar do outro.

Direção 2. Resolva a questão de sua salvação eterna em primeiro lugar, indo a Cristo e tomando Deus como seu Deus n'Ele, de acordo com a oferta do Evangelho. Deixe suas circunstâncias humilhantes levá-lo a isso, para que, enquanto a criatura seca, você possa ir à Fonte: pois é impossível alcançar a devida humilhação sob Sua mão poderosa sem fé Nele como seu Deus e amigo.

Direção 3. Use os meios de humilhação da alma na fé da promessa. Moisés, ferindo a rocha na fé da promessa, fez a água jorrar, o que de outra forma não teria aparecido. Façamos o mesmo ao lidar com nossos corações duros. Eles devem ser colocados no leito suave do Evangelho e batidos ali, como “E rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao Senhor vosso Deus; porque ele é misericordioso, e compassivo” (Joel 2:13), ou nunca se partirão ou cairão adequadamente na humilhação.

II. Direções Particulares.

Direção 1. Certifiquem-se de que não há circunstâncias que os deixem tão humildes que vocês não possam trazer seus corações

para aceitá-las. “Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar” (1 Coríntios 10:13). Isto é verdade. “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2 Coríntios 12:9). E vocês deveriam se convencer disso, com aplicação a si mesmos, se quiserem alcançar o fim. “Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece” (Filipenses 4:13). Deus permite que vocês se convençam disso, não importa quão fracos sejam e quão difícil seja a tarefa. “Certamente que por nós está escrito; porque o que lavra deve lavrar com esperança e o que debulha deve debulhar com esperança de ser participante” (1 Coríntios 9:10). E a crença nisso é uma parte da vida da fé. Se vocês não têm esperança de sucesso, seus esforços, já que serão sem alma, também serão inúteis. “Portanto, tornai a levantar as mãos cansadas, e os joelhos desconjuntados” (Hebreus 12:12).

Direção 2. Qualquer que seja a mão que está, ou não está, em suas circunstâncias humilhantes, tomem Deus como sua parte e considerem-se lá como sob Sua mão poderosa. As pessoas em suas circunstâncias humilhantes ignoram a Deus, então não se veem chamadas à humildade sob elas; elas fixam os olhos no instrumento criador e, em vez de humildade, seus corações se enchem de orgulho. Mas tomem Deus como sua parte para que vocês possam lembrar da batalha e não façam mais.

Direção 3. Estejam muito conscientes da grandeza infinita de Deus; considerem Sua santidade e majestade para assustá-los na humilhação mais profunda. Jó encontrou muitas providências humilhantes em seu caso, mas nunca foi suficientemente humilhado por elas até que o Senhor fez uma nova revelação de Si mesmo a ele, em Sua infinita majestade e grandeza. Ele manteve-se firme contra seus amigos e sustentou seus argumentos até que o Senhor usou esse método com ele. Tudo começou com trovões. Depois veio a voz de Deus de dentro do redemoinho, que fez Jó se curvar. Foi renovado até que ele foi mais profundamente humilhado, “Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:6).

Direção 4. Torne um hábito admitir em silêncio os mistérios na conduta da Providência em relação a você, que você não é capaz de compreender, mas que adorará. “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os

seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!” (Romanos 11:33). Essa foi a primeira palavra que Deus disse a Jó, “Quem é este que escurece o conselho com palavras sem conhecimento?” (Jó 38:2). Isso tocou seu coração, ficou com ele e o fez se ajoelhar, ao pó. Mesmo nas etapas da Providência nas quais parecemos enxergar longe, podemos permitir que haja alguns mistérios além do que vemos. E naquelas que são desconcertantes e confusas, a soberania deve nos silenciar; Sua sabedoria infinita deve satisfazer, embora não possamos ver.

Direção 5. Esteja muito consciente de sua própria pecaminosidade.”Eis que sou vil. Que te responderei? A minha mão ponho à boca” (Jó 40:4). É a negligência disso que nos causa tanto trabalho com circunstâncias humilhantes. Enquanto os olhos estão cerrados para o pecado, o coração se revolta contra eles; mas quando eles se abrem, ele se inclina. Portanto, sempre que Deus estiver lidando com você em dispensações humilhantes, olhe, naquela ocasião, para a pecaminosidade de sua natureza, coração e vida, e isso ajudará em sua humilhação.

Direção 6. Estabeleça em seu coração que há necessidade de todas as circunstâncias humilhantes em que você foi colocado. Isso é verdade: “Ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações” (1 Pedro 1:6). Deus não nos impõe provas desnecessárias; Ele não aflige ninguém senão conforme sua necessidade o requer: “Porque não aflige nem entristece de bom grado aos filhos dos homens” (Lamentações 3:33). Essa é uma diferença notável entre a correção de nosso Pai terreno e de nosso Pai celestial: aquele age conforme lhe apraz; este age para nosso proveito, a fim de que sejamos participantes da Sua santidade. Olhe para a disposição de seu próprio coração e natureza, quão inclinado ele está a se exaltar, a esquecer Deus, a se deixar levar pelas vaidades do mundo; quanta tolice está ligada ao seu coração. Assim, você verá a necessidade de circunstâncias humilhantes como lastro, e da vara para as costas do insensato. E se, em algum momento, você não puder ver essa necessidade, creia nela com base na infinita sabedoria de Deus, que não faz nada em vão.

Direção 7. Acredite em um plano amável da Providência em relação a você. Deus nos chama a isso, como a chave que abre o coração diante delas. Satanás sugere suspeitas em contrário, como a barreira que pode mantê-lo fechado. “Eis que este mal vem do Senhor, que

mais, pois, esperaria do Senhor?” (2 Reis 6:33). Enquanto a suspeita de um plano malévolos neles contra nós prevalecer, a criatura, como o verme aos pés do homem, se colocará na melhor posição de defesa que puder e se endurecerá na tristeza; mas a fé em um plano amável fará com que ela se abra humildemente diante d’Ele.

Situação: “Ah, se eu soubesse que havia um plano amável nisso, eu suportaria de bom grado, mesmo que houvesse mais disso, mas temo um plano arruinador da Providência contra mim”.

Resposta: qual Palavra de Deus ou revelação do céu você tem para fundamentar esses medos? Nenhuma, exceto aquelas do inferno. O que você acha que é o plano em relação a você no Evangelho? Você pode acreditar em um plano amável em todas as palavras de graça ali reunidas? O que é isso, eu pergunto, senão escuras incredulidades, em sua tonalidade do inferno, que enfrenta a verdade de Deus e O faz mentiroso? O Evangelho é um sopro de amor e boa vontade para o mundo de pecadores. Mas, nesse caso, você não crer mais n’Ele do que os demônios creem. Se você pode crer em um plano amável ali, você deve crer em suas humilhantes circunstâncias também, pois o plano da Providência não pode ser contrário ao plano do Evangelho; pelo contrário, este existe para ajudar o cumprimento daquele.

Direção 8. Pensem que esta vida é o tempo de prova para o céu. “Bem-aventurado o homem que sofre a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam” (Tiago 1:12). Portanto, deve haver um acolhimento de circunstâncias humilhantes sob essa perspectiva. “Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações” (Tiago 1:2). Se houver um cargo honroso ou emprego benéfico a ser concedido, os homens se esforçam para serem submetidos a um teste para isso, na esperança de que possam ser legalmente admitidos. Deus testa os homens para o céu por meio de circunstâncias humilhantes, como toda a Bíblia ensina; e os homens serão tão relutantes em se submeter a elas? Eu pergunto a vocês:

(1.) Isso não significa nada para vocês serem candidatos à glória, serem submetidos a testes para o céu? Não há honra nisso, uma honra que todos os santos já tiveram? “Eis que temos por bem-aventurados os que sofreram” (Tiago 5:11), E uma perspectiva favorável nisso? “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória mui excelente” (2 Coríntios 4:17). Considere o seguinte

cenário: Deus poderia ignorá-los nesse caso, como alguém que é inútil para testar nesse aspecto; Ele poderia ordenar-lhe a sua porção nesta vida com plena facilidade, como alguém que não receberá mais dEle; o que isso seria?

(2.) Que desproporção enorme há entre os seus testes e a futura glória! Suas circunstâncias mais humilhantes, quão leves são em comparação com o peso dela! A mais longa continuação da aflição é apenas por um momento, comparada com esse peso eterno. Ai! Há muita incredulidade enraizada em toda a nossa inquietação sob circunstâncias humilhantes. Se tivéssemos uma visão mais clara do outro mundo, não faríamos tanto caso dos sorrisos ou caretas deste.

(3.) O que você acha de sair mal no teste de suas circunstâncias humilhantes? “Já o fole se queimou, o chumbo se consumiu com o fogo; em vão fundiu o fundidor tão diligentemente, pois os maus não são arrancados” (Jeremias 6:29). Eles serão chamados de prata reprovada, porque o Senhor os rejeitou. O resultado é apenas que seu coração apareça em tal temperamento que de forma alguma pode ser humilhado; e, portanto, você deve e será retirado deles, embora nenhuma humildade apareça. Eu acho que a solenidade da dispensação é tal que poderia nos levar a dobrar nossos joelhos para evitar sermos retirados de nossas circunstâncias humilhantes antes que nossos corações sejam humilhados.

Direção 9. Pensem como, por meio de circunstâncias humilhantes, o Senhor nos prepara para o céu. “Dando graças ao Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz” (Colossenses 1:12). As pedras e a madeira são depositadas, viradas de um lado para o outro e aparadas antes de serem colocadas na construção, e não são colocadas exatamente como saem da pedreira e da floresta. Se fossem capazes de escolher, aquelas que recusariam a ferramenta de ferro seriam recusadas no edifício. Diga-me, como você espera se tornar adequado para o céu pela luz do sol quente deste mundo, obtendo tudo o que deseja aqui? Não, senhores, isso deixaria seu paladar desgostoso para as alegrias do outro mundo. Vasos de desonra são preparados para destruição dessa maneira; mas vasos de honra para a glória por meio de circunstâncias humilhantes. Eu diria o seguinte,

(1.) Nada mais lhe agrada além de dois céus, um aqui e outro no futuro? Deus garantiu um céu para os santos, um lugar onde eles receberão tudo o que desejam, anseiam e desejam; onde nada os

oprimirá para mantê-los para baixo; e esse lugar é o outro mundo. Mas você quer tê-lo aqui e lá, senão não consegue digeri-lo. Por que você não se queixa de que não há dois verões em um ano, dois dias em vinte e quatro horas? A ordem do céu é tão firme quanto a dos anos e dos dias, e você não pode revertê-la. Portanto, escolha se quer seu dia ou sua noite primeiro, seu inverno ou seu verão, seu céu aqui ou no futuro.

(2.) Sem ser humilhado com circunstâncias humilhantes nesta vida, você não é capaz do céu. “Ora, quem para isto mesmo nos preparou foi Deus, o qual nos deu também o penhor do Espírito” (2 Coríntios 5:5). Você pode de fato repousar preguiçosamente aqui em um leito de ociosidade e sonhar com o céu, cheio de esperanças de um paraíso de tolos, desejando lançar-se de imediato do colo de Dalila e no seio de Abraão; mas, a menos que seja humilhado, você não é capaz:

(2.1.) Do céu descrito na Bíblia, aquele céu descrito no Antigo e no Novo Testamento. Não é aquele céu um levantamento em tempo oportuno? Mas, como você pode ser exaltado se nunca foi bem abaixado? Onde estarão suas lágrimas para serem enxugadas? Qual lugar haverá para seu triunfo, se você não lutar a boa luta? Como pode ser um descanso para você, se você não pode se submeter ao trabalho?

(2.2.) Do céu dos santos. “E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro” (Apocalipse 7:14). Isso responde à pergunta sobre Abraão, Isaque e Jacó, e todos os santos com eles. Eles foram rebaixados ao pó por circunstâncias humilhantes, e de lá vieram perante o trono. Como você pode pensar em ser exaltado com eles, quando não pode pensar em ser humilhado?

(3.) Do céu de Cristo. “Olhando para Jesus, autor e consumador da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à destra do trono de Deus” (Hebreus 12:2). Oh! Considere como o Precursor abriu caminho. “Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?” (Lucas 24:26). E prepare-se para isso, pois se você chegar aonde Ele está, você deve ir como Ele foi. “Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me” (Mateus 16:24).

Direção 10. Desistam finalmente de suas esperanças altas deste mundo e confinem-nas ao mundo vindouro. Sejam peregrinos

e estrangeiros aqui, procurando o seu descanso no céu, e só quando chegarem lá. Há um mal predominante. “Na tua comprida viagem te cansaste; porém não disseste: Não há esperança; achaste novo vigor na tua mão; por isso não adoeceste” (Isaías 57:10). Assim, a construção de Babel continua, embora tenha caído vezes sem conta. Pois os homens dizem: “Os tijolos caíram, mas com cantaria tornaremos a edificar; cortaram-se os sicômoros, mas em cedros as mudaremos” (Isaías 9:10). Isso torna o trabalho humilhante muito solitário; somos tão relutantes em desistir da criatura, em nos afastarmos do seio materno e sermos desmamados. Mas agarre-se ao outro mundo e deixe isso para trás; assim, você será “humilhado” de fato “sob a mão poderosa”. Quanto mais você se apegar à felicidade desse outro mundo, mais fácil será para você se adaptar às suas circunstâncias humilhantes aqui.

II. Use Cristo em todos os Seus ofícios para a sua humilhação sob as suas circunstâncias humilhantes.

A única humilhação genuína é aquela que acontece no caminho d’Ele. “E olharão para mim, a quem traspassaram; e prantearão” (Zacarias 12:10). Isso você deve fazer confiando n’Ele para alcançar esse efeito.

(1.) *Como um Sacerdote por você.* Você tem uma consciência cheia de culpa, e isso o tornará desconfortável em qualquer circunstância; será como um espinho no ombro em que se coloca um fardo. Mas o sangue de Cristo purificará a consciência, removerá o espinho, dará alívio e o preparará para o serviço, permitindo que você suporte seu sofrimento. “Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?” (Hebreus 9:14).

(2.) *Como seu Profeta para ensiná-lo.* Precisamos ser ensinados a discernir corretamente nossas circunstâncias humilhantes; com frequência as interpretamos erroneamente, a ponto de se tornarem um fardo opressor; mas, se pudéssemos vê-las corretamente, exatamente como Deus as apresenta a nós, seriam humilhantes, mas não tão

opressoras. Certamente precisamos de Cristo, e da luz de Sua palavra e do Espírito, para nos permitir ver nossa cruz e nosso julgamento, bem como nosso dever, corretamente.

(3.) *Como seu Rei.* Você tem um coração obstinado, relutante em se curvar, mesmo em circunstâncias humilhantes: aprenda com Moisés o que fazer nesse caso. “Senhor, se agora tenho achado graça aos teus olhos, vá agora o Senhor no meio de nós; porque este é um povo de dura cerviz; e perdoa a nossa iniquidade e o nosso pecado” (Êxodo 34:9). Entregue nas mãos daquele que é forte e poderoso. Ele é capaz de fazê-lo derreter e, como cera diante do fogo, transformá-lo conforme a Sua vontade.

Pense nessas direções a fim de colocá-las em prática, lembrando: “Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes” (João 13:17). Lembre-se de que o trabalho de humilhação é uma tarefa que ocupará suas mãos enquanto você viver aqui, e que você não pode chegar ao fim disso até a morte; e circunstâncias humilhantes o acompanharão enquanto estiver neste mundo inferior. Você pode experimentar uma mudança nelas, mas não estará livre delas até chegar ao céu. Portanto, as circunstâncias humilhantes de nossas imperfeições, relações, contradições, aflições, incertezas e pecaminosidade oferecerão matéria de exercício para nós enquanto estivermos aqui.

O que resta do propósito deste texto vou resumir em:

Doutrina II - Há um tempo adequado em que aqueles que agora se humilham sob a mão poderosa de Deus certamente serão exaltados.

1. Aqueles que compartilharão desta exaltação devem contar, em primeiro lugar, com uma humilhação. “No mundo tereis aflições” (João 16:33). Não há como chegar à terra prometida, de acordo com o método estabelecido da graça, a não ser pelo deserto; nem entrar nesta exaltação, a não ser através de um portão estreito. Se não pudermos suportar a humilhação, não provaremos a doçura da exaltação.

2. Sendo lançados por Deus na humilhação, devemos aprender

a ficar quietos e serenos sob ela, até que a mesma mão que nos lançou nos levante, se quisermos compartilhar dessa exaltação prometida. Não é o fato de sermos lançados em circunstâncias humilhantes pela providência de Deus, mas o fato de que nossos espíritos se submetam a elas, pela graça de Deus, que nos coloca dentro do alcance dessa promessa.

3. Aqueles que nunca se humilham em circunstâncias humilhantes nunca serão exaltados pelo caminho dessa promessa. As pessoas podem manter seus espíritos erguidos em circunstâncias humilhantes e, nesse caso, podem obter uma exaltação; mas essa exaltação acabará levando a uma queda mais severa. “Certamente tu os puseste em lugares escorregadios; tu os lanças em destruição” (Salmos 73:18). Mas aqueles que se recusam a se humilhar em circunstâncias humilhantes descobrirão que sua obstinação manterá a miséria presa a eles sem remédio.

4. A humildade de espírito em circunstâncias humilhantes assegura uma exaltação futura com a vontade e o favor do Céu. “Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado” (Lucas 18:14) Salomão observa que “a resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira” (Provérbios 15:1), mas palavras duras aumentam a ira. Portanto, enquanto os orgulhosos, por sua obstinação, apenas apertam o jugo em volta de seus próprios pescoços, os humildes, por sua submissão, asseguram seu alívio. “Levanta o pobre do pó, e desde o monturo exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória; porque do Senhor são os alicerces da terra, e assentou sobre eles o mundo. Os pés dos seus santos guardará, porém os ímpios ficarão mudos nas trevas; porque o homem não prevalecerá pela força. Os que contendem com o Senhor serão quebrantados, desde os céus tropejará sobre eles; o Senhor julgará as extremidades da terra; e dará força ao seu rei, e exaltará o poder do seu ungido” (1 Samuel 2:8-10). Assim, o canhão pode destruir um muro de pedra, enquanto fardos de lã que cedem tiram sua força.

5. Existe um tempo determinado para a exaltação daqueles que se humilham em circunstâncias humilhantes. “Porque a visão é ainda para o tempo determinado, mas se apressa para o fim, e não enganará; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará” (Habacuque

2:3). Para tudo há um tempo, tanto para a humilhação quanto para a exaltação. Nós não o conhecemos, mas Deus o conhece, pois Ele o estabeleceu. Não permita que o humilde pense: “Nunca serei exaltado”. Este é um tempo fixado para isso, tão preciso quanto o nascer do sol após uma noite longa e escura, ou o retorno da primavera após um inverno rigoroso e longo.

6. Não se espera que imediatamente após a humilhação, a exaltação ocorra. Não, não se deve apenas se deitar sob a mão poderosa, mas ficar quieto, aguardando o tempo devido; o trabalho de humilhação é solitário. Os israelitas passaram quarenta anos no deserto. O povo de Deus deve aprender a colocar o tempo em Suas mãos, e enquanto tiverem uma longa noite de caminhada na escuridão, devem confiar. “Quem há entre vós que tema ao Senhor e ouça a voz do seu servo? Quando andar em trevas, e não tiver luz nenhuma, confie no nome do Senhor, e firme-se sobre o seu Deus” (Isaías 50:10).

7. O tempo designado para a exaltação é o tempo devido, o momento mais apropriado para ela, quando ocorrerá de forma mais oportuna. “E não nos cansemos de fazer bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido” (Gálatas 6:9). Pois este é o tempo que Deus escolheu para isso, e tenha certeza de que Sua escolha, como a escolha da sabedoria infinita, é a melhor. Portanto, a fé se estabelece para esperá-lo. “Aquele que crer não se apresse” (Isaías 28:16). Muito da beleza de algo depende de sua cronometragem, e Ele determinou isso em tudo o que faz. “Tudo fez formoso em seu tempo” (Eclesiastes 3:11).

8. A exaltação dos humildes não deixará de ocorrer no tempo determinado. O tempo não espera, está em constante movimento, dia e noite. Portanto, o tempo devido está chegando rapidamente, e quando chegar, trará consigo a exaltação. Independentemente de quão baixas ou sem esperança sejam as circunstâncias humilhantes, é impossível que a exaltação não venha no devido tempo.

Uma palavra, em geral, para aqueles que se humilham e aguardam a exaltação: Existem dois tipos de exaltação.

(1). Uma exaltação parcial, adequada aos humildes durante a vida terrena. “Exaltar-te-ei, ó SENHOR, porque tu me exaltaste; e não fizeste com que meus inimigos se alegrassem sobre mim” (Salmos 30:1). Esta é uma exaltação em parte, mas apenas em parte,

não inteiramente. Os humildes podem esperar tais exaltações parciais durante esta vida, mas nada mais. Isso alivia o cansaço e permite uma mudança de fardos, mas não os coloca em perfeito conforto. Assim, Israel, no deserto, entre muitos momentos de lamento, também teve momentos de alegria.

(2). Uma exaltação total, adequada a eles no final, na morte. “E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão” (Lucas 16:22). Nesse momento, o Senhor não lida mais com eles por partes, mas leva o alívio deles à perfeição. Ele tira todos os fardos, alivia todos os pesos e não impõe mais nada. Ele os exalta a uma altura nunca antes experimentada, nem mesmo em seus momentos mais altos. Ele os coloca acima de tudo o que é baixo e os mantém lá, sem nunca mais serem rebaixados. Existe um tempo determinado para ambos.

Para a exaltação parcial. Nem todo momento é adequado para isso; nem sempre estamos prontos para receber conforto e alívio, ou para mudar nossos fardos. Deus sabe quando é necessário que Seu povo esteja “em aflição” e que seus “corações sejam oprimidos”, assim como Ele sabe quando é necessário confortá-los e aliviá-los. Confiamos nisso da mesma forma que confiamos em nosso médico para determinar quanto tempo o emplastro deve permanecer e quando o emplastro curativo deve ser aplicado.

Para a exaltação total. Quando estamos sobrecarregados com nossos fardos, podemos desejar ardentemente escapar deles o mais rápido possível. “Assim me deram por herança meses de vaidade; e noites de trabalho me prepararam. Deitando-me a dormir, então digo: Quando me levantarei? Mas comprida é a noite, e farto-me de me revolver na cama até à alva” (Jó 7:3,4). No entanto, pode ser mais apropriado que fiquemos um pouco mais, lutando sob o peso deles. “Mas julgo mais necessário, por amor de vós, ficar na carne. E, tendo esta confiança, sei que ficarei, e permanecerei com todos vós para proveito vosso e gozo da fé” (Filipenses 1:24,25). Poucos dias poderiam ter levado Israel do Egito a Canaã, mas teriam chegado lá cedo demais. Portanto, foi necessário que passassem quarenta anos no deserto, aguardando o momento apropriado para entrar em Canaã. Os santos que entram no céu ficarão satisfeitos com o tempo devido, reconhecendo que era o melhor momento, e que há beleza no fato de que não chegaram lá mais cedo. Dessa forma, a exaltação é garantida

aos humildes

Se alguém lhe assegurasse, quando reduzido à pobreza, que certamente chegará o momento em que você ficará rico; quando gravemente doente, que você não morrerá daquela doença, mas certamente se recuperará, isso o ajudaria a suportar melhor a pobreza e a doença, e você se confortaria com essa perspectiva. No entanto, alguém pode continuar pobre e nunca ficar rico, pode estar doente e morrer da doença; mas aqueles que se humilham diante de suas circunstâncias humilhantes, podemos assegurar-lhes pela palavra do Senhor que, sem sombra de dúvida, serão exaltados e aliviados de suas circunstâncias humilhantes; eles certamente verão o dia de seu alívio e facilidade, quando se lembrarão de suas aflições como águas que passaram. E você pode ter certeza disso pelas seguintes considerações.

A natureza de Deus, devidamente considerada, garante isso. “Misericordioso e piedoso é o Senhor; longânimo e grande em benignidade. Não reprovárá perpetuamente, nem para sempre reterá a sua ira” (Salmos 103:8,9). A alma humilde, olhando para Deus em Cristo, pode ver três coisas em Sua natureza que garantem isso de maneira conjunta.

1. Poder infinito, capaz de fazer todas as coisas. Não há circunstâncias tão baixas que Ele não possa exaltar; tão complicadas e confusas que Ele não possa desembaraçar; tão desesperadas que Ele não possa remediar. “Haveria coisa alguma difícil ao Senhor?” (Gênesis 18:14). Seja qual for a situação, ela nunca está além do alcance Dele para ajudar; mas é a época mais apropriada para que Ele intervenha quando todos os outros desistem dela. “Porque o Senhor fará justiça ao seu povo, e se compadecerá de seus servos; quando vir que o poder deles se foi, e não há preso nem desamparado” (Deuteronômio 32:36).

2. Bondade infinita inclinada a ajudar. Ele é bom e gracioso por natureza. E, portanto, Seu poder é uma fonte de conforto para os humildes. Os seres humanos podem estar dispostos a ajudar, mas não capazes, ou aptos mas não dispostos; mas a bondade infinita se une ao poder infinito em Deus, o que pode garantir aos humildes uma exaltação no devido tempo. Essa é uma palavra de doçura incomensurável. “E nós conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor; e quem está em amor está em Deus, e Deus nele” (1João 4:16). Ele tem a compaixão de um pai pelos humildes. “Assim como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que

o temem” (Salmos 103:13). Sim, é como um amor mais terno do que o de uma mãe por seu filho de peito. Portanto, embora Sua sabedoria possa ver como necessário colocá-los em circunstâncias humilhantes e mantê-los lá por um tempo, não é possível que Ele os deixe lá para sempre.

3. Sabedoria infinita, que não faz nada em vão, e, portanto, não manterá ninguém desnecessariamente em circunstâncias humilhantes. “Mas, ainda que Ele faça afligir, terá compaixão segundo a multidão das Suas misericórdias; pois ³³ Porque não aflige nem entristece de bom grado aos filhos dos homens” (Lamentações 3:33). Deus envia aflições para a humilhação, como o fim e o propósito a serem alcançados por elas; quando isso é alcançado e não houver mais utilidade, podemos ter a certeza de que elas serão retiradas.

A providência de Deus, vista em seus métodos estabelecidos de procedimento com seus objetos, garante isso. Volte seus olhos para a providência divina, e você pode concluir, não importa para onde olhe, que, em tempo devido, os humildes serão exaltados.

Observe a providência de Deus nas revoluções de todo o curso da natureza, o dia sucedendo à noite mais longa, o verão ao inverno, a lua crescendo e minguando, a maré enchendo e escoando, etc. Não permita que os humildes do Senhor sejam espectadores ociosos dessas coisas. Elas são para nosso aprendizado. “Assim diz o Senhor, que dá o sol para luz do dia, e as ordenanças da lua e das estrelas para luz da noite, que agita o mar, bramando as suas ondas; o Senhor dos Exércitos é o seu nome. Se falharem estas ordenanças de diante de mim, diz o Senhor, deixará também a descendência de Israel de ser uma nação diante de mim para sempre” (Jeremias 31:35,36). Será que a mão do Senhor manterá um curso tão constante na terra, no mar e nos céus visíveis, de trazer uma exaltação neles após uma queda, e se esquecer apenas de Seus humildes? De maneira alguma.

Observe a providência de Deus nas dispensações a respeito do homem Cristo, o objeto mais nobre e majestoso dela, mais valioso do que mil mundos. A Providência não seguiu este curso com Ele, primeiro humilhando-O e depois exaltando-O, e elevando-O? Primeiro, trazendo-O ao pó da morte, em um curso de sofrimentos durante trinta e três anos, e depois exaltando-O à mão direita do Pai em uma eternidade de glória? “Olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando

a afronta, e assentou-se à destra do trono de Deus” (Hebreus 12:2) “E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso, também Deus o exaltou soberanamente” (Filipenses 2:8,9). A exaltação não poderia deixar de seguir a humilhação. “Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?” (Lucas 24:26). E Ele viu e creu que isso seguiria, assim como a semeadura é seguida pelo crescimento. Isso tem uma relevância próxima para os humildes em circunstâncias humilhantes.

Este é o modelo que a Providência segue em sua conduta para com você. O Pai ficou tão satisfeito com esse método no caso de Seu próprio Filho que foi determinado que fosse seguido e apenas copiado novamente no caso de todos os herdeiros da glória. “Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8:29). E quem não ficaria satisfeito em caminhar pelos vales mais escuros seguindo os passos d’Ele? Isso é uma garantia segura da sua exaltação. Cristo, em Seu estado de humilhação, foi considerado como uma pessoa pública e representativa, e assim o é em Sua exaltação. Portanto, a exaltação de Cristo assegura a sua exaltação para fora de suas circunstâncias humilhantes. “Os teus mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho será como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos” (Isaías 26:19). ”Vinde, e tornemos ao SENHOR, porque ele despedaçou, e nos sarará; feriu, e nos atará a ferida. Depois de dois dias nos dará a vida; ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante dele” (Oséias 6:1,2). Depois de dois dias nos dará a vida; ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante dele. “E nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus” (Efésios 2:6). Sim, Ele foi adiante do estado de glória por nós como nosso precursor. “Onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós, feito eternamente sumo sacerdote” (Hebreus 6:20).

Sua humilhação foi o preço de sua exaltação, e Sua exaltação é um testemunho da aceitação de seu pagamento na íntegra. Não há circunstâncias humilhantes em que você esteja, mas você teria perecido nelas se Ele não tivesse comprado sua exaltação delas por meio de Sua própria humilhação. Agora, a graça de humilhação dele em você é uma evidência da aceitação de Sua humilhação para sua exaltação.

Observe a providência de Deus em relação à Igreja em todas as eras. Este tem sido o caminho que o Senhor tem mantido com ela. Abel foi morto por Caim, causando grande tristeza a Adão e Eva, bem como ao restante de seus filhos piedosos; no entanto, outra descendência foi levantada em lugar de Abel. Noé e seus filhos ficaram presos na arca por mais de um ano, mas depois foram retirados para um novo mundo e abençoados. Abraão passou muitos anos sem filhos, mas, finalmente, Isaque nasceu. Israel sofreu muito em miserável escravidão no Egito, mas, por fim, estabeleceu-se na Terra Prometida, e assim por diante. Devemos estar dispostos a seguir os passos do rebanho; se em humilhação, certamente os seguiremos também na exaltação.

Observe a providência de Deus nas dispensações de Sua graça para com Seus filhos. A regra geral é: “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tiago 4:6). Como eles são trazidos a um estado de graça? Não é por meio de um trabalho sólido de humilhação precedendo? E, normalmente, quanto maior a medida de graça destinada a alguém, mais profunda é a sua humilhação anterior, como no caso de Paulo. Se eles devem ser recuperados de um estado de apostasia, o mesmo método é seguido; de modo que a humilhação mais profunda normalmente abre caminho para o maior conforto, e a hora mais sombria antecede o surgimento do Sol da justiça sobre eles.

Observe a providência de Deus, eventualmente, derrubando os ímpios, não importando o quanto eles permaneçam e prosperem, “vi o ímpio com grande poder espalhar-se como a árvore verde na terra natal. Mas passou e já não aparece; procurei-o, mas não se pôde encontrar” (Salmos 37:35,36). Eles são verdes por muito tempo antes do sol, mas, no final, são repentinamente atingidos por um vento leste e murcharão; sua lâmpada se apaga com um mau cheiro, e são extintos na escuridão obscura. É inconsistente com a benignidade da natureza divina esquecer os humildes para elevá-los, enquanto Ele se preocupa com os orgulhosos para abatê-los.

A Palavra de Deus coloca isso além de qualquer perigo, sendo a segurança dos santos humildes para sua exaltação, do início ao fim. “Lembra-te da palavra dada ao teu servo, na qual me fizeste esperar. Isto é a minha consolação na minha aflição, porque a tua palavra me vivificou” (Salmos 119:49,50). Sua palavra é a grande letra de Seu nome, que Ele certamente fará brilhar, “pois engrandeceste a tua palavra acima de todo o teu nome” (Salmo 138:2); e, em todas as gerações, tem

sido seguramente confiada. Considere:

1. As doutrinas da Palavra, que ensinam fé e esperança pelo tempo, e a feliz consequência que o exercício dessas graças terá. Todo o fluxo da Escritura para aqueles em circunstâncias humilhantes. “Não rejeiteis, pois, a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão” (Hebreus 10:35); e isso com uma boa razão, “sabendo que o vosso trabalho não é vão” (1 Coríntios 15:58). “Espera no Senhor, anima-te, e ele fortalecerá o teu coração” (Salmos 27:14). “Na verdade, não serão confundidos os que esperam em Ti” (Salmo 25:3).

2. As promessas da palavra, pelas quais o céu está expressamente comprometido com a exaltação daqueles que se humilham em circunstâncias humilhantes: “Humilhai-vos perante do Senhor, e ele vos exaltará” (Tiago 4:10); “Porquanto qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado” (Lucas 14:11). Pode levar um tempo para prepará-los para a exaltação, mas, uma vez feito isso, está assegurado. “Senhor, tu ouviste os desejos dos mansos; confortarás os seus corações; os teus ouvidos estarão abertos para eles” (Salmos 10:17). Eles têm Sua palavra para a libertação. E, embora possam parecer esquecidos, eles não serão sempre assim; o tempo de sua libertação chegará. “Porque o necessitado não será esquecido para sempre, nem a expectativa dos pobres perecerá perpetuamente” (Salmos 9:18). “Ele atenderá à oração do desamparado, e não desprezará a sua oração” (Salmos 102:17).

3. Os exemplos da palavra, confirmam suficientemente a verdade das doutrinas e promessas. “Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança” (Romanos 15:4). Nas doutrinas e promessas, a exaltação é proposta à nossa fé, para ser contada no crédito da palavra de Deus; mas nos exemplos, ela é apresentada diante de nossos olhos, em casos de outros. “Eis que temos por bem-aventurados os que sofreram. Ouvistes qual foi a paciência de Jó, e vistes o fim que o Senhor lhe deu; porque o Senhor é muito misericordioso e piedoso” (Tiago 5:11). Lá vemos isso nos casos de Abraão, Jó, Davi, Paulo e outros santos, mas, acima de tudo, no caso do homem Cristo.

4. A intercessão de Cristo, unindo as orações e clamores de Seu povo humilde em suas circunstâncias de humilhação, assegura que eles serão, por fim, exaltados. Mesmo que os orgulhosos não

clamem quando Ele os amarra, os humildes certamente clamarão a Ele. “Um abismo chama outro abismo, ao ruído das tuas catadupas; todas as tuas ondas e as tuas vagas têm passado sobre mim. Contudo o Senhor mandará a sua misericórdia de dia, e de noite a sua canção estará comigo, uma oração ao Deus da minha vida” (Salmos 42:7,8). E, embora os incrédulos possam logo se cansar e desistir por completo, os crentes não o farão. Mesmo que o façam em um momento de tentação, largando as mãos em desespero, descobrirão que é necessário retomar a oração. “Então disse eu: Não me lembrarei dele, e não falarei mais no seu nome; mas isso foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e estou fatigado de sofrer, e não posso mais” (Jeremias 20:9). Eles clamarão dia e noite ao Senhor, não encontrando momento para desistir até que sejam levantados. “Estou cansado de clamar; a minha garganta se secou; os meus olhos desfalecem esperando o meu Deus” (Salmos 69:3), quando a intercessão de Cristo se junta a esses clamores, não pode haver outra coisa senão a exaltação.

A intercessão de Cristo está certamente ligada aos clamores e orações dos humildes em suas circunstâncias de humilhação. “E veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono” (Apocalipse 8:3). Eles são ajudados a gemer por alívio pelo Espírito, e as orações e gemidos que são pelo Espírito certamente serão eficazes pela intercessão do Filho. E você pode saber que são pelo Espírito se você for ajudado a continuar orando, esperando por seu alívio com base na promessa de Deus. Pois a oração que é por natureza é como uma poça que seca em um longo período de seca. O Espírito da oração é uma fonte duradoura. “No dia em que eu clamei, me escutaste; e alentaste com força a minha alma” (Salmos 138:3) Verdadeiramente, há uma intercessão no céu, por causa das circunstâncias de humilhação dos humildes. “Então o anjo do Senhor respondeu, e disse: Ó Senhor dos Exércitos, até quando não terás compaixão de Jerusalém, e das cidades de Judá, contra as quais estiveste irado estes setenta anos?” (Zacarias 1:12). Como, então, podem eles deixar de ser levantados a seu tempo?

Cristo está profundamente empenhado em Sua intercessão por Seu povo em suas circunstâncias de humilhação. Alguns falarão bem de uma causa que não se importam se tem sucesso ou não, mas nosso Intercessor está empenhado em favor de Seus humildes. Pois Ele se compadece de sua situação, “Em toda a angústia deles ele foi

angustiado” (Isaías 63:9). Ele tem uma simpatia extremamente terna; “porque aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho” (Zacarias 2:8). Ele tem a situação deles em Seu coração, onde está no Santo dos Santos nos céus mais altos, e Ele mantém um registro exato do tempo de suas circunstâncias de humilhação, por mais longo que seja. E isso é Seu próprio trabalho. O levantamento que eles terão é uma coisa assegurada a Ele pelas promessas feitas a Ele por causa do sangue que Ele derramou por eles. Assim, não apenas eles estão olhando na Terra, mas o homem Cristo está nos Céus olhando para a realização dessas promessas. “Mas este, havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus, daqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés” (Hebreus 10:12,13). Como, então, é possível que Ele seja frustrado? Novamente, essas circunstâncias de humilhação ainda são Seus próprios sofrimentos, embora não em Sua pessoa, mas em Seus membros. “Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne cumprio o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja” (Colossenses 1:24). Portanto, há todas as razões para concluir que Ele está profundamente empenhado. Sua intercessão é sempre eficaz, “eu bem sei que sempre me ouves” (João 11:42). Não pode deixar de ser assim, porque Ele é o Filho amado do Pai. Sua intercessão tem uma base de justiça, “temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo” (1 João 2:1). E Ele tem todo o poder no céu e na terra confiado a Ele. E, por fim, Ele e Seu Pai são um só, e suas vontades são uma só. Portanto, tanto Cristo quanto Seu Pai desejam o levantamento dos humildes, mas somente no devido tempo.

Agora avançaremos para uma visão mais detalhada do ponto: consideraremos o levantamento como ocorrido no tempo, o que é o levantamento parcial. Esse levantamento não ocorre em todos os casos de um filho de Deus. Pode-se ser humilhado em circunstâncias baixas das quais ele não será levantado a tempo. Não devemos, com base na promessa, concluir imediatamente que, estando humilhados sob nossas circunstâncias baixas, certamente seremos retirados delas.

E libertado deles antes de chegarmos ao fim de nossa jornada. Pois é certo que existem coisas humilhantes das quais não podemos nos livrar enquanto estivermos neste mundo, como nossas imperfeições, nossa pecaminosidade e nossa mortalidade. E existem circunstâncias humilhantes particulares que o Senhor pode trazer sobre nós e manter ao nosso redor até irmos para o túmulo. No entanto, ao mesmo tempo,

Ele pode levantar outro a partir das mesmas circunstâncias. Hemã foi oprimido desde a juventude, mas outros foram oprimidos por toda a vida.

Objeção: Se for esse o caso, onde está a promessa de nos exaltar? Onde está a exaltação se alguém pode ir para o túmulo sob esse peso?

Resposta: Se não houvesse vida após esta, talvez houvesse fundamento para tal objeção. Mas, uma vez que há outra vida, não há objeção válida a ser feita. Na outra vida, a promessa será cumprida para aqueles que foram humilhados. Considere que o grande termo para o cumprimento das promessas é a outra vida, e não esta — “Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra” (Hebreus 11:13). Qualquer cumprimento da promessa aqui não é da natureza de uma ação, mas é apenas uma amostra ou um penhor.

Pergunta: Mas então não podemos parar de orar pela exaltação nesse caso?

Resposta: Não, porque não sabemos quando esse é o nosso caso. Pois um caso pode ser considerado como passado toda esperança em nossos olhos e nos olhos dos outros, mas Deus pode ter em mente uma exaltação a tempo. Esse foi o caso de Jó, “Qual é a minha força, para que eu espere? Ou qual é o meu fim, para que tenha ainda paciência?” (Jó 6:11). Mas, seja como for, nunca devemos desistir de orar pelo levantamento, uma vez que certamente virá a todos que orarem por ele — se não aqui, então no outro mundo. A promessa é certa, e essa é a ordem; portanto, tais orações não podem deixar de ter um fim feliz, “e invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás” (Salmos 50:15). Toda a vida de um cristão é uma vida de oração e espera. Eles nos são dadas libertações temporais como penhor para nos encorajar a continuar. “E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:23). E qualquer pessoa que observe que o pleno levantamento na morte está próximo deve certamente se levantar, se tiver desistido de seu caso como sem esperança.

No entanto, há alguns casos em que esse levantamento não ocorre. Deus dá a Seu povo algumas notáveis libertações, mesmo no

tempo, retirando-os de circunstâncias notadamente humilhantes. A tempestade se transforma em calmaria, e eles se lembram dela como águas que secaram. Alguns podem estar em circunstâncias humilhantes por muito tempo, circunstâncias pesadas e desesperadoras, e ainda assim um levantamento pode ser adiado por muito tempo. Isso às vezes acontece com os filhos de Deus que são chamados a suportar o jugo em sua juventude, como aconteceu com José e Davi; ou daqueles que o recebem na meia-idade, como aconteceu com Jó, que não poderia ter menos de quarenta anos quando sua aflição veio; mas depois disso ele viveu cento e quarenta anos. Deus, por meio de tais métodos, prepara um homem para um uso peculiar.

Outros podem estar em circunstâncias humilhantes, pesadas e longas, e podem parecer totalmente desesperançados no curso comum da providência, mas podem receber uma exaltação antes de chegarem ao fim de sua jornada. A vida de alguns dos filhos de Deus é como um dia nublado e chuvoso, em que o sol aparece de baixo das nuvens à tarde, brilhando claro e limpo por um curto período, e então se põe. “E acontecerá naquele dia, que não haverá preciosa luz, nem espessa escuridão” (Zacarias 14:6.) Esse foi o caso de Jacó em sua velhice, honrado e confortado ao entrar no Egito, para seu filho, e depois ele morreu.

No entanto, qualquer que seja a exaltação que possam obter nesta vida, eles nunca deixarão de ter algum fardo que os humilhe. Eles podem ter momentos de alegria, mas seus cânticos, enquanto estiverem neste mundo, serão misturados com gemidos, “porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados” (2 Coríntios 5:4). A dispensação sem mistura é reservada para o outro mundo. Mas esta será um deserto até o fim, onde haverá lamentos ao lado das notas mais alegres.

Todas as exaltações que os humildes encontram agora são penhores, e apenas amostras da grande exaltação que os aguarda no outro lado. E eles devem considerá-las como tais, “e lhe darei as suas vinhas dali, e o vale de Acor, por porta de esperança; e ali cantará, como nos dias de sua mocidade, e como no dia em que subiu da terra do Egito” (Oséias 2:15). Nosso Senhor está conduzindo Seu povo pelo deserto, e o maná e a água da rocha são os penhores do leite e mel que fluem na terra prometida. Eles ainda não chegaram à casa de seu Pai, mas estão viajando no caminho. E seu irmão mais velho, Cristo, está

com eles, cobrindo suas despesas, levando-os a pousadas para descansar no caminho e, de certa forma, refrescando-os com exaltação parciais. Mas então eles devem continuar na estrada. E essa hospitalidade ao longo do caminho é apenas uma garantia da hospitalidade completa que Ele lhes dará quando chegarem à sua casa eterna.

Objeção: Mas as pessoas podem ser exaltadas aqui no tempo, ainda assim não há garantia de uma exaltação do outro lado. Como, então, vou saber que é um penhor?

Resposta: Essa exaltação que vem pelas promessas é certamente um penhor da plena exaltação no outro mundo. Pois, assim como a outra vida é o momento apropriado para o cumprimento das promessas, podemos ter certeza de que quando Deus começa a cumprir Suas promessas, Ele certamente o cumprirá completamente. “O Senhor aperfeiçoará o que me toca” (Salmos 138:8). Portanto, podemos dizer, como Noemi disse a Rute, quando ela recebeu as seis medidas de cevada de Boaz, “então disse ela: Espera, minha filha, até que saibas como irá o caso, porque aquele homem não descansará até que conclua hoje este negócio” (Rute 3:18). Existem exaltações que vêm por meio da providência comum e, de fato, essas são individuais, não sendo penhores de mais. Mas a promessa encadeia misericórdias juntas, de modo que uma recebida é uma garantia de outra por vir; sim, de toda a cadeia até o fim.

Pergunta: Mas como vou saber que a exaltação vem pelo caminho da promessa?

Resposta: O que vem pelo caminho da promessa vem pela via da humilhação, pela via da fé ou pela crença na promessa e pela via da esperança paciente e da perseverança contínua. “Sede pois, irmãos, pacientes até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia” (Tiago 5:7). A humildade prepara para o cumprimento da promessa, a fé suga no seu seio, e a esperança paciente fica pendurada no seio até que o leite comece a fluir abundantemente.

Mas nenhuma das exaltações dos filhos de Deus aqui é mais do que um penhor da exaltação no outro mundo. Deus dá aos homens do mundo seu estoque aqui, mas Seus filhos não recebem nada além de uma amostra deles aqui. Mesmo o que é dado aos servos como salário é apenas uma pequena quantia para gastar. A verdade é que esse dinheiro

é mais valioso do que todo o capital do mundo. “Puseste alegria no meu coração, mais do que no tempo em que se lhes multiplicaram o trigo e o vinho” (Salmos 4:7). Mas, embora seja melhor do que isso e melhor do que todos os seus serviços e valha mais do que toda a sua espera, ainda está aquém da honra de seu Deus mantê-los com isso. “Mas agora desejam uma melhor, isto é, a celestial. Por isso também Deus não se envergonha deles, de se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade” (Hebreus 11:16).

Agora vamos considerar o que os humildes obterão com essa exaltação prometida aos humildes. Eles obterão:

1. Remoção de suas circunstâncias humilhantes. Deus, depois de tê-los provado por um tempo, humilhando-os e abatendo seus corações, por fim tirará o fardo deles, removerá o peso que pendurou sobre eles por tanto tempo e os libertará da parte de seu teste com alegria. Ele permitirá que eles se levantem, mesmo que suas costas tenham estado curvadas por muito tempo. E isso Ele fará de duas maneiras: seja de forma literal ou por uma remoção total da carga. Jó obteve uma exaltação desse tipo quando o Senhor restaurou sua sorte, aumentou sua família e bens, que haviam sido desolados. Quando seu perseguidor Saul morreu na batalha, Davi foi exaltado ao trono após muitos dias exaustivos, embora ele tenha esperado um dia ser morto por ele. É fácil para o nosso Deus realizar essas viradas nas circunstâncias mais humilhantes.

Ou o bem equivalente, removendo o peso da carga para que não pressione mais, mesmo que permaneça. “E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo” (2 Coríntios 12:). Embora eles ainda possam não ter alcançado a segurança, suas cabeças não estão mais debaixo d’água, mas erguidas. Davi fala com sentimento sobre uma exaltação desse tipo: “Porque no dia da adversidade me esconderá no seu pavilhão; no oculto do seu tabernáculo me esconderá; pôr-me-á sobre uma rocha. Também agora a minha cabeça será exaltada sobre os meus inimigos que estão em redor de mim; por isso oferecerei sacrifício de júbilo no seu tabernáculo; cantarei, sim, cantarei louvores ao Senhor” (Salmos 27:5,6). Essa experiência sobrecarregou os hebreus na fornalha ardente: o fogo queimou, mas não pôde queimar nada além de suas amarras; eles tinham o calor e a luz, mas nada do calor escaldante.

2. Uma visão confortável da aceitação de suas orações que eles fizeram em suas circunstâncias humilhantes. Quando as orações não são atendidas e o sofrimento continua, eles tendem a pensar que não são aceitas ou consideradas no Céu, porque não há mudança em seu caso. “Ainda que chamasse, e ele me respondesse, nem por isso creia que desse ouvidos à minha voz. Porque me quebranta com uma tempestade” (Jó 9:16,17). Mas isso é um equívoco! Eles são aceitos imediatamente, mesmo que não pareça haver uma resposta à oração. “E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve” (1 João 5:14). O Senhor age com eles como um pai com as cartas que recebia de seu filho no exterior. Ele as lê uma por uma com prazer e as guarda com cuidado para serem respondidas em seu próprio tempo. E quando a resposta vier, o filho saberá o quão aceitáveis eram ao seu pai.

3. Uma resposta que satisfaz o coração às suas orações, de modo que não apenas obtenham a coisa pretendida, mas vejam que a têm como resposta à oração. Eles valorizarão a misericórdia em dobro. Orações aceitas podem não ser respondidas por um longo tempo; no caso de Abraão e Davi, passaram-se muitos anos, mas não podem falhar ou deixar de ser respondidas no final. O tempo virá quando Deus as cumprirá de acordo com a promessa, e eles mudarão sua atitude e dirão: “Amo ao SENHOR, porque ele ouviu a minha voz e a minha súplica” (Salmos 116:1), vendo em seu levantamento o selo da mão de um Deus que ouve orações.

4. Satisfação plena quanto à condução da Providência em todas as etapas das circunstâncias humilhantes e a demora na exaltação, por mais perplexas que tenham sido antes. Estando na praia e olhando para trás, para o que passaram, eles dirão: “E, admirando-se sobremaneira, diziam: Tudo faz bem” (Marcos 7:37). Aquelas coisas que são amargas para os cristãos enquanto estão passando por elas são muito doces quando refletem sobre elas (o enigma de Sansão é então verificado em sua experiência).

5. Eles recebem o levantamento, juntamente com o interesse pelo tempo em que o aguardaram. Quando Deus cumpre Suas promessas, Ele paga tanto o principal quanto os juros juntos: a misericórdia é aumentada de acordo com o tempo que esperaram e os gastos e dificuldades suportados durante o processo de espera. Os frutos da providência comum amadurecem rapidamente e logo

apodrecem. Mas o fruto da promessa muitas vezes leva muito tempo para amadurecer, mas então perdura. Quanto mais tempo levar para amadurecer, mais valioso será quando chegar. Abraão e Sara esperaram cerca de dez anos pela promessa, e no final pensaram em uma maneira de apressá-la. Logo obtiveram sucesso com o nascimento de Ismael, mas ele não era o filho prometido. Eles já estavam entrando em idade extrema quando a promessa foi cumprida. No entanto, quando chegou, eles a receberam com a adição da renovação de suas idades. A promessa mais valiosa de todas foi a que levou mais tempo para se cumprir, ou seja, a promessa de Cristo, que demorou cerca de quatro mil anos.

6. Os inimigos espirituais que os cercavam densamente no tempo da escuridão das circunstâncias humilhantes, esses inimigos serão dispersos nesta exaltação prometida. “Então orou Ana, e disse: O meu coração exulta ao SENHOR, o meu poder está exaltado no SENHOR; a minha boca se dilatou sobre os meus inimigos, porquanto me alegro na tua salvação. Os fartos se alugaram por pão, e cessaram os famintos; até a estéril deu à luz sete filhos, e a que tinha muitos filhos enfraqueceu” (1 Samuel 2:1,5). O exército de Faraó era formidável atrás dos israelitas, enquanto tinham o Mar Vermelho à frente; mas quando passaram pelo mar, viram os egípcios mortos na praia. Assim, os que se humilham sob circunstâncias humilhantes terão uma visão de seus inimigos espirituais quando chegar a hora de serem levantados.

Agora chegamos ao devido tempo de Sua exaltação. Essa é uma pergunta natural daqueles que estão em circunstâncias humilhantes, “guarda, a que horas da noite?” (Isaías 21:11 – ARA). E não podemos respondê-la à alma humilde, a não ser de maneira geral. A exaltação dos humildes não será solitária, considerando o peso do assunto; isto é, considerando o valor e a importância do levantamento dos humildes, quando ele acontecer, não pode de forma alguma ser considerado demorado. Quando você semeia seu milho nos campos, embora ele não amadureça tão rapidamente quanto algumas sementes de jardim, você espera três meses ou algo assim, você não acha que a colheita está demorando para chegar, considerando o valor da safra. O apóstolo vê dessa forma a exaltação nas circunstâncias humilhantes: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno glória” (2 Coríntios 4:17). Portanto, um crente, olhando para a promessa com um olhar de fé e percebendo o seu cumprimento, e o valor disso quando cumprido, pode se surpreender por ele ter chegado tão rapidamente. Portanto, é determinado ser um tempo que chega

logo, rápido em relação ao seu peso e valor.

Quando o tempo certo realmente chegar, o tempo apropriado para a exaltação de um filho de Deus de suas circunstâncias humilhantes, ele não será adiado nem por um momento. “Se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará” (Habacuque 2:3). Embora possa tardar, não vai se atrasar ou ser adiado para outro momento. Oh, que descanso sólido a firme fé nisso nos proporcionaria! Não há um filho de Deus que não protestaria com a maior veemência contra um levantamento antes do devido tempo, como se fosse uma fruta verde lançada por um pai zangado, que lhe daria dor de barriga. Sendo assim, se pudéssemos firmemente acreditar neste ponto, que certamente acontecerá no tempo devido, sem perder um minuto, isso nos proporcionaria um descanso sólido. Deve ser assim porque Deus assim o disse; mesmo que a situação pareça completamente sem esperança, mesmo que montanhas de dificuldades estejam no caminho, no momento designado ela florescerá (do hebraico), uma metáfora do vento que sopra de repente após um período de calmaria.

As circunstâncias humilhantes são geralmente levadas ao ponto mais extremo de desespero antes do levantamento. A faca estava na garganta de Isaque antes que a voz fosse ouvida. “Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia, pois que fomos sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperamos” (2 Coríntios 1:8). As coisas logo nos parecem ter chegado a esse ponto, devido à precipitação de nossos espíritos. Mas as coisas podem ter muito a descer após pensarmos que chegaram ao pé da colina. E somos quase tão incompetentes juizes do ponto de desespero quanto do tempo adequado para o levantamento. Mas, em geral, Deus leva as circunstâncias humilhantes de Seu povo para baixo, ainda mais para baixo, até chegarem a esse ponto.

Nisso, Deus está seguindo o mesmo curso que Ele seguiu no caso do homem Cristo, o amado padrão copiado em todas as dispensações da Providência em relação à Igreja e a cada crente individual. Ele foi constantemente um homem de dores; à medida que o tempo passava, as águas se acumulavam mais, até que Ele fosse levado ao pó da morte; então Ele foi enterrado, e a pedra do túmulo foi selada; feito isso, o mundo pensou que estava livre Dele, e Ele não os incomodaria mais. Mas eles estavam completamente enganados; somente então, e não antes, era o momento certo para exaltá-Lo. E as

exaltações mais notáveis que Seu povo recebe são moldados de acordo com esse grande padrão.

Outro objetivo da Providência é levar o crente completamente longe de suas próprias fundações e de todas as fundações criadas, para fixar sua confiança e esperança somente no Senhor. “Mas já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte, para que não confiássemos em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos” (2 Coríntios 1:9). A vida de um cristão aqui é projetada para ser uma vida de fé; e embora a fé possa agir mais facilmente quando tem alguma ajuda dos sentidos, ela certamente age de forma mais nobre quando age em oposição aos sentidos. Então é fé pura, quando repousa apenas em suas próprias pernas nativas, o poder e a palavra de Deus. “E não enfraquecendo na fé, não atentou para o seu próprio corpo já amortecido, pois era já de quase cem anos, nem tampouco para o amortecimento do ventre de Sara. E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortificado na fé, dando glória a Deus” (Romanos 4:19,20). E é assim que ela deve agir quando as coisas são levadas ao ponto mais extremo de desespero.

Além disso, a preparação adequada do coração para a exaltação das circunstâncias humilhantes precede o tempo adequado para esse levantamento, de acordo com a promessa. Isso não acontece em todo levantamento. Os levantamentos das providências comuns não são gerenciados tão criticamente; as pessoas os querem, não esperam por eles por muito tempo, e Deus os dá em raiva, antes que estejam preparadas para eles. “Dei-te um rei na minha ira” (Oséias 13:1). Eles de modo algum podem suportar o teste, e Deus os rejeita como prata reprovada, que não é capaz de suportá-lo.

Essa preparação adequada consiste em devida humilhação. E frequentemente é necessário muito trabalho para alcançar isso, o que é outro ponto do qual somos juízes muito incompetentes. Poderíamos ter pensado que Jó foi profundamente humilhado por muito tempo pela providência de Deus ao esmagá-lo de um lado e por seus amigos do outro, mas Deus viu necessário falar com ele pessoalmente para sua humilhação. Por meio desse discurso de Deus, Jó se ajoelhou. Poderíamos pensar que ele estava suficientemente humilhado e, talvez, ele também tenha pensado assim. Mas Deus viu que era necessária uma maior humilhação e, portanto, começou a falar novamente para sua humilhação, que o deixou finalmente no pó. Quando ele foi assim

preparado para ser exaltado, ele foi exaltado.

Há seis coisas, creio eu, que pertencem a essa humilhação, preparatória para a exaltação.

1. Um profundo senso de pecaminosidade e indignidade antes de ser forma alguma. “Eis que sou vil; que te responderia eu? A minha mão ponho à boca” (Jó 40:4). As pessoas podem permanecer por muito tempo em circunstâncias humilhantes antes de chegarem a esse ponto; até mesmo pessoas boas têm preconceitos em seu próprio favor e podem esquecer-se o suficiente para pensar que Deus distribui Suas bênçãos de maneira desigual, sendo muito severo com elas em relação a outras pessoas. Eliú identifica essa falha em Jó durante suas circunstâncias humilhantes. E acredito que se descobrirá que há prontamente uma maior prontidão para defender a honra própria das imputações que as circunstâncias humilhantes parecem impor a ela do que para defender a honra de Deus na justiça e equidade da dispensação. A cegueira de um mundo malicioso, sempre pronto a suspeitar das piores causas das circunstâncias humilhantes, como se os maiores sofrendores fossem certamente os maiores pecadores, dá margem a esse viés da natureza corrupta. Mas Deus é um Deus zeloso, e quando Ele aparece de maneira suficiente para humilhar, fará com que a questão de nossa honra ceda à defesa da Sua.

2. Uma resignação completa ao prazer divino em relação ao tempo do levantamento. Deus dá a promessa, deixando o tempo em branco em relação a nós. Nosso tempo está sempre pronto, e o preenchemos precipitadamente por nossa própria iniciativa. Deus não segue o nosso tempo porque não é o tempo devido. Assim, estamos prontos para pensar que Sua palavra falha, quando na verdade é apenas a nossa conclusão precipitada dela que falha. “Dizia na minha pressa: Todos os homens são mentirosos” (Salmos 116:11). Vários santos sofreram muito por esse motivo e, dessa forma, aprenderam a não preencher aquele espaço em branco. A primeira promessa foi usada assim por Eva, crendo. Outra promessa foi usada dessa forma por Abraão, após cerca de dez anos de espera. Se este for o caso de qualquer filho de Deus, não os deixe desanimados, pensando que foram excessivamente precipitados ao aplicar a promessa a si mesmos: eles apenas foram precipitados ao aplicar o tempo à promessa, um erro que os santos de todas as épocas cometeram, do qual se arrependeram, viram a tolice e deixaram de lado esse ponto pelo tempo que estava por

vir; e então a promessa foi cumprida em seu devido tempo. Nesse caso, deixe-os, em tais circunstâncias, fazer o mesmo, deixando o tempo inteiramente nas mãos do Senhor.

3. Uma completa resignação quanto ao modo e maneira de concretizá-lo. Estamos prontos a determinar, quanto ao modo de cumprir a promessa, exatamente como fazemos com o tempo dela, para definir um caminho específico para o Senhor trabalhar nisso; e se isso não for seguido, o coração orgulhoso fica embaraçado. “Porém, Naamã muito se indignou, e se foi, dizendo: Eis que eu dizia comigo: Certamente ele sairá, pôr-se-á em pé, invocará o nome do Senhor seu Deus, e passará a sua mão sobre o lugar, e restaurará o leproso” (2 Reis 5:11). Mas o Senhor fará com que Seu povo se afaste disso também, para que eles não prescrevam nenhum caminho para Ele, mas o deixem inteiramente a Ele, como naquele caso: “Então desceu, e mergulhou no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus; e a sua carne tornou-se como a carne de um menino, e ficou purificado” (2 Reis 5:14). O alcance de nosso conhecimento de meios e formas é muito limitado, e, se um estiver bloqueado, muitas vezes não conseguimos ver outro; mas o nosso Deus conhece muitos caminhos de alívio, onde conhecemos apenas um ou nenhum, e é muito comum o Senhor trazer o levantamento de Seu povo de uma maneira que eles não previram, após repetidas decepções daqueles setores de onde tinham grandes expectativas.

4. Resignação quanto ao grau do levantamento, sim, e quanto à própria existência dele no tempo. O Senhor quer que Seu povo esteja tão desapegado, que, embora às vezes tenham sido precipitados ao pensar que deveriam ser levantados tão rapidamente e não pudessem mais suportar, eles serão trazidos a não mais definir nenhum tempo, mas se submeterão a ir para o túmulo sob o peso, se parecer bom aos olhos do Senhor. Nesse caso, eles serão trazidos a se contentar com qualquer medida dele no tempo, sem prescrever o quanto. “Se achar graça nos olhos do Senhor, ele me tornará a trazer para lá e me deixará ver a ela e a sua habitação. Se, porém, disser assim: Não tenho prazer em ti; eis-me aqui, faça de mim como parecer bem aos seus olhos” (2 Samuel 15:25,26).

5. A continuação da oração e da espera no Senhor no caso. “Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança” (Efésios 6:18). É o orgulho

do coração e a falta de submissão que fazem as pessoas pararem de orar e esperar, porque suas circunstâncias humilhantes se prolongam uma após a outra. Mas a humildade adequada, que precede o levantamento, traz as pessoas a orar, esperar e se apegar com firmeza, sem definir um tempo para desistir até que o levantamento venha, seja no tempo ou na eternidade.

6. Lamentar por erros na provação. “Por isso relatei o que não entendia; coisas que para mim eram inescrutáveis, e que eu não entendia” (Jó 42:3). O coração orgulhoso reflete e se deleita nas aflições do homem na provação, lançando as dobras da provação desse lado e as examinando repetidas vezes. Mas quando o Espírito de Deus vem devidamente para humilhar, a fim de levantar, Ele faz com que o homem passe, de certa forma, o lado sofrido da provação e vire seus olhos para sua própria conduta nela, investigando-a, julgando-se imparcialmente e se condenando, de modo que sua boca se feche. Esta é a humildade que precede o levantamento no tempo, de acordo com a promessa.

Continuamos a considerar a exaltação como ocorrerá no final dos tempos, no outro mundo.

E, primeiramente, uma palavra sobre a natureza dessa exaltação. A respeito disso, diremos estas seguintes coisas:

1. Há uma certeza dessa exaltação em todos os casos dos humildes em circunstâncias humilhantes. Embora não seja possível, em todos os casos, garantir-lhes um levantamento em tempo, eles podem ter certeza de que, seja qual for o caso, sem margem para dúvidas, serão exaltados do outro lado. “Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu” (2 Coríntios 5:1,2). Embora os filhos humildes de Deus possam até mesmo tomar o café da manhã e almoçar com o pão da adversidade e a água da aflição, eles terão certeza de ter um banquete doce e abundante. E a expectativa crente do último pode servir para suavizar o primeiro, tornando-os mais tolerantes.

2. Será uma exaltação perfeita. Eles serão perfeitamente libertos de suas provações e fomalhas específicas, seja qual for, que os deixaram cansados por muitos dias. Lázaro foi então liberado de sua

pobreza, chagas e deitado à porta do homem rico, e totalmente liberto. Sim, eles serão exaltados de todas as suas circunstâncias humilhantes juntas. Todas as imperfeições terão fim, inferioridade nas relações, contradições, aflições, incertezas e pecado. Se demorou a chegar, haverá um momento abençoado em que eles receberão tudo de uma vez.

3. Eles não apenas serão exaltados de sua condição inferior, mas serão realmente exaltados. Como José, não apenas saíram da prisão, mas foram feitos governantes da terra do Egito. Eles serão exaltados a um lugar exaltados. “E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão” (Lucas 16:22). Agora, no melhor dos casos, eles estão em um lugar baixo nesta terra; lá eles estarão sentados nos mais altos céus. Muitas vezes, em suas circunstâncias humilhantes, são obrigados a abraçar monturos; então eles serão colocados com Cristo em Seu trono: “Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono” (Apocalipse 3:21). Embora agora se apeguem à terra, e as pessoas digam: “incline-se para que possamos passar por cima de vocês”, então serão estabelecidos nas moradas celestiais, acima do sol, da lua e das estrelas. Eles também serão levados à uma condição exaltada; um estado de perfeição. De todas as suas dificuldades e inquietações, serão estabelecidos em um estado de descanso; de sua condição mesquinha e ingloriosa, serão exaltados a um estado de glória. Sua vida sobrecarregada e triste será sucedida por uma plenitude de alegria; e, por suas circunstâncias humilhantes, serão vestidos de glória e honra eternas.

4. Será uma exaltação final, após o qual não haverá mais abatimento para sempre. Quando obtemos um levantamento no tempo, estamos inclinados a imaginar com carinho que estamos no fim de nossas provações; mas logo descobrimos que estamos sendo precipitados em nossas conclusões e a nuvem retorna. “Eu dizia na minha prosperidade: não vacilarei jamais. Tu escondeste o teu rosto, e fiquei perturbado. Tu encobriste o teu rosto, e fiquei perturbado” (Salmos 30:6,7). Mas então, de fato, o julgamento está completamente encerrado, a luta está terminada, e então é o momento da retribuição e triunfo.

5. Não haverá a menor inquietação remanescente das circunstâncias humilhantes, mas, pelo contrário, terão um efeito glorioso e desejável. Não tenho dúvidas de que os santos se lembrarão

das circunstâncias humilhantes em que estavam nesta terra. O rico no inferno se lembrava de seus cinco irmãos na terra, de como ele se alimentava luxuosamente, de como Lázaro estava à sua porta, e podemos duvidar de que os santos se lembrarão perfeitamente de suas pesadas provas? Mas então, eles se lembrarão como águas que secam; como o homem recuperado à saúde se lembra de suas lutas na cama de enfermo; e isso é uma maneira de lembrar que adoça o estado atual de saúde além do que seria de outra forma. Certamente a praia do Mar Vermelho foi o lugar que, entre todos os lugares, era o mais adequado para ajudar os israelitas a cantar na chave mais alta. E as circunstâncias humilhantes dos santos na terra servirão para o mesmo propósito no céu.

Em segundo lugar, uma palavra sobre o tempo adequado para essa exaltação. Há um tempo particular e definido para isso em cada caso do santo, que é o tempo devido, mas está escondido de nós. Podemos apenas dizer em geral:

1. Então é o momento adequado para isso, quando nossa obra que temos a fazer neste mundo estiver concluído. Deus designou para cada um sua tarefa, luta, julgamento e trabalho; e, até que isso seja feito, somos, de certa forma, imortais. Essa obra é:

Fazer o trabalho; trabalho estabelecido para nós pelo grande Mestre, para ser feito em honra a Deus e para o bem de nosso próximo. Devemos estar dispostos a continuar, mesmo em nossas circunstâncias humilhantes, até que isso seja concluído. Não é o tempo adequado para esse levantamento, até que tenhamos terminado esse trabalho e, assim, servido nossa geração.

E é um Trabalho Sofrido. Há uma porção certa de sofrimento alocada para o corpo místico; a Cabeça distribuiu às várias partes suas proporções; e não é o tempo devido para esse levantamento, até que tenhamos exaurido a parte que nos foi alocada. Paulo considerou sua vida como um prosseguir nisso.

2. Quando essa exaltação vier, veremos que ela veio exatamente no tempo devido; que era bom que não fosse nem mais cedo nem mais tarde; pois, embora o céu seja sempre melhor do que a terra, e que seria melhor para nós, falando absolutamente, estar no céu do que na terra, certamente há um momento em que é melhor para a honra de Deus e Seu serviço que estejamos na terra do que no céu. “Mas julgo mais

necessário, por amor de vós, ficar na carne” (Filipenses 1:24). E não será motivo de pesar para eles quando estiverem lá, que passaram tanto tempo em suas circunstâncias humilhantes e não foram levantados mais cedo.

Aplicação 1. Portanto, não permita que os humildes percam sua confiança, seja quais forem as circunstâncias humilhantes que enfrentem; permitam que eles tenham a certeza de que, finalmente, haverá um levantamento para eles; se não aqui, com certeza no futuro. Deixem que isso esteja em sua mente e os console, pois Deus assim o disse. “Porque o necessitado não será esquecido para sempre” (Salmos 9:18). Se a noite for tão longa, a manhã virá finalmente.

Aplicação 2. Deixe a paciência ter seu trabalho aperfeiçoado. O lavrador espera o retorno de sua semente, o comerciante espera o retorno de seus navios, o mestre de armazém espera o que ele chama de tempo de colheita, quando recolhe a produção de seus rebanhos. Todos esses têm paciência, e por que o cristão não teria paciência e esperaria pacientemente o tempo designado para o seu levantamento? Vocês leram muito sobre “O Caminho Tortuoso dos Cristão”; a excelência do espírito humilde em uma situação baixa, além do orgulho de espírito, embora associado a uma situação alta. Vocês foram chamados a se humilhar em suas circunstâncias humilhantes e têm sido assegurados nesse caso de uma exaltação que virá. Para concluir: podemos ter certeza de que Deus, finalmente, quebrará os orgulhosos, por mais altos que sejam, e Ele triunfalmente levantará os humildes, por mais baixos que sejam. Fim.

APÊNDICE

UM DISCURSO SOBRE O CONHECIMENTO EXPERIMENTAL DE CRISTO

Thomas Boston

(1676-1732)

Tradução: Joelson Galvão Pinheiro

Revisão: Flávio Costa, Valderice Sansão Ribeiro.

“Este é um dos melhores sermões já pregados na história da Igreja. Boston, um ministro evangélico e reformado da Igreja da Escócia durante o início dos anos 1700, abre as riquezas que encontrou em sua íntima comunhão com Cristo ao longo de sua vida difícil através daquela pequena frase da Escritura: “Para conhecê-lo...” (Fp 3:10). Essas poucas migalhas da mesa do nosso Mestre serão mais que um banquete para aqueles que desejam conhecê-Lo mais, não apenas intelectualmente, mas através da experiência pessoal e santificada de nossa vida e almas. O aroma deste perfume permanecerá por muito tempo com você e crescerá para a eternidade.”

Travis Fentiman, MDiv

Greenville Presbyterian Theological Seminary

“Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições, sendo feito conforme à sua morte” (Filipenses 3:10).

Um mero conhecimento especulativo de Cristo e das grandes doutrinas do evangelho, por mais laboriosamente adquiridos e extensos que sejam, são de pequena importância em si mesmos e muito vaidosos e ineficazes se não foram santificados e emanarem um conhecimento experimental de Cristo, além de um sentimento real da beleza, excelência e eficácia da verdade divina sobre o coração. Um homem pode ter um conhecimento competente, ou melhor, muito extenso com as doutrinas inteiras da religião cristã, conforme estabelecidas nas Escrituras, e acerca das quais temos um excelente compêndio no Breve Catecismo, o qual tenho me esforçado para explicar a vocês por muitos anos; ainda, se vocês não tiverem o conhecimento experimental de Cristo, todo o seu conhecimento é em vão quanto à salvação de suas almas. Portanto, eu venho, como conclusão do todo, pressionar este conhecimento experimental sobre você, como a única coisa que estará disponível para quaisquer fins salvíficos.

No versículo anterior, o apóstolo fala do ganho que ele experimentou no cristianismo na questão da justificação, fluindo da proximidade da alma com Cristo, e renunciando todo o restante; e aqui ele fala daquele ganho em termos da santificação. E primeiro, de modo mais geral, “para conhecê-lo”. Não poderiam os filipenses, em seguida, terem dito: “E você não conhece a Cristo, a quem o pregou por tanto tempo”? Existem duas formas de conhecer, uma delas é ouvindo sobre determinada coisa, e outra é pela visão e pelo sentimento; uma é pela relação que o outro tem com determinada coisa e outra pela experiência, assim como alguém conhece o mel e todas as virtudes deste pelo relato de alguém no qual se acredita, e outro o conhece por experimentá-lo por si mesmo. O apóstolo conhecia a Cristo pela fé, quando ele primeiramente creu nEle; e aqui ele teria o sentimento espiritual e experiência dEle, descobrindo, pela experiência, Ele [Cristo] ser o que ele o apóstolo ouviu e creu acerca de quem Ele era.

Ele tinha algo disso, mas ainda desejava ter mais.

A doutrina que surge deste texto é:

“O conhecimento experimental de Cristo é a soma da religião prática (1 Coríntios 2:2) fluída da fé para ser estudado por todos”.

Ao lidar com este ponto:

I. Demonstrarei o que é o conhecimento experimental.

II. Confirmarei o ponto.

III. Farei a aplicação

I. Demonstrarei o que é o conhecimento experimental de Cristo. É um sentimento interior e espiritual daquilo que ouvimos e cremos a respeito de Cristo e Suas verdades, através das quais impressões respondíveis são feitas em nossas almas (Salmo 34:8), como os samaritanos quando eles disseram para a mulher: *“Já não é pelo teu dito que nós cremos; porque nós mesmos o temos ouvido, e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo”* (João 4:42). Há um relato saboroso de Cristo espalhado no Evangelho; a fé crê e abraça aquilo que a Palavra diz Ele ser; e então a alma crente vem e vê. Há um esquema glorioso das adoráveis perfeições de Cristo, desenhadas na Bíblia, e a fé crê que Ele realmente é o que Ele diz ser; e então esse esquema começa a ser repetido na experiência do cristão, e isso está sempre o atraindo mais e mais até que ele chegue à glória. É como se algum eminente médico devesse dar a um amigo remédios para todas as doenças a que possa estar sujeito; e quando ele os deixa com ele, o deixa saber que tal remédio é bom para aquela enfermidade, e outro é bom para outra, etc. Agora, ele conhece todos eles; mas ele fica doente, e toma o remédio apto para a sua doença, e isso é eficaz. Agora, o homem conhece o remédio pela experiência, que ele conhecia antes apenas pelo relato do médico. Do mesmo modo, Cristo é dado como sendo tudo para o crente, e ele faz uso de Cristo para a sua situação, e esse é o conhecimento

experimental dEle. Ilustrarei isso com alguns exemplos.

1. A Escritura diz que Cristo é o caminho para o Pai (João 14:6). Agora, o homem que havia tentado muitas maneiras de alcançar o acesso a Deus e a comunhão com Ele, tendo sido negado o acesso e não podendo encontrar um caminho para se achegar a Deus, finalmente vem por meio de Jesus Cristo, renunciando a tudo mais, apoia-se apenas em Seu mérito e intercessão, e encontra uma porta de acesso a Deus e à comunhão com Ele. A espada flamejante se encontra removida, e Aquele que antes era um fogo consumidor, agora é um sol que aquece a sua alma. Aqui está o conhecimento experimental de Cristo. Por isso, o apóstolo diz: *“Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus”*.
2. O sangue de Cristo *“purifica a consciência de obras mortas para servir ao Deus vivo”* (Hebreus 9:14). Agora, o cristão experimental, sabe, pela experiência, que a falta de remissão e arrependimento da culpa contamina a consciência, deixa um ferrão nela, incapacita-o de servir ao Senhor, tanto quanto um homem em farrapos imundos é incapaz de se colocar diante de um rei; gera no coração uma indisposição para vir diante de Deus e mina a sua confiança; ele tenta arrepender-se, negligenciando o sangue de Cristo, mas isso não funcionará. Ele olha para um Deus absoluto e seu coração está, de fato, aterrorizado, mas nada foi atenuado. Finalmente ele olha para Deus em Cristo, lança o fardo de sua culpa e mergulha sua alma no mar do sangue de Cristo; e depois o coração se derrete pelo pecado, o ferrão é retirado da consciência, a alma está disposta a conversar com Deus e está capacitada a servi-Lo como um filho faz com seu pai.
3. Cristo satisfaz completamente a alma (Salmos 73:25; Habacuque 3:17-18). Todos nós sabemos disso pelo relato de alguém; mas o cristão conhece-O experimentalmente por uma sensação espiritual nas partes mais íntimas da sua alma. Às vezes, quando todos os seus prazeres estão diante dele, ele olha com um santo desprezo sobre todos eles, dizendo em seu coração: *“Estas coisas não são a minha porção”*. Seu coração se soltou deles e ele foi feito disposto a separar-se de todos eles por causa de Cristo em quem a sua alma

se alegra e em quem ele está satisfeito. E, às vezes, quando todas as coisas externas estão ruins para ele, ele ainda pode encontrar conforto, encorajamento e satisfação em Cristo, como Davi fez estando num grande estreito (1 Samuel 30: 6). Ele foi para o seu Deus e para o seu Cristo, e como Ana, “o seu semblante já não era mais triste” (1 Samuel 1:18).

4. Cristo ajuda seu povo a suportar aflições e impede que eles afundem sob elas; e Ele levanta a cabeça deles quando passam por essas águas (Isaías 43: 2). Agora, o cristão encontra a aflição; e ele pode levantar bem o seu próprio fardo, pois ele acha que é algo que ele pode suportar. Mas seu fardo lhe é pesado demais. Ele luta contra isso, mas quanto mais ele luta, mais pesado fica e afunda e mais afunda. Finalmente ele vai a Cristo, dizendo: “Senhor, pensei ter suportado este fardo, mas não sou capaz; vou afundar sob ele, se eu não obtiver ajuda”; “Mestre, salva-nos, pois nós perecemos”. E então ele lança o fardo sobre o grande Portador de fardos, e é ajudado (Salmos 28:7). Agora, o homem que pensou que poderia fazer tudo, na verdade, não poderia fazer nada, mas quando pensa que não pode fazer nada, ele pode fazer tudo (2 Coríntios 8:9-10).
5. Cristo é feito para nós “sabedoria” (1 Coríntios 1:30). O cristão experimental descobre que, quando se inclina para seu próprio entendimento, confunde seu caminho quando tudo está claro; e tudo o que colhe é que no final ele mesmo tem que se chamar de “besta”, e “tolo”, por seu erro.

Mas quando ele entra em dificuldades, vê que não sabe como desembaraçar a si mesmo, e é cauteloso, e expõe seu caso perante o Senhor, e se entrega como um cego a ser guiado pelo Senhor, e descobre que é conduzido da maneira que ele não sabia; e o resultado é “bendizer ao Senhor que lhe deu conselho”.

6. Por último, Cristo é feito para nós “*santificação*” (1 Coríntios 1:30). Agora, o Cristão se sente seguro e não faz uso de Cristo, e, então, antes que ele perceba, ele é como Sansão sem os seus cabelos. Quando acorda, percebe que a sua situação está toda arruinada, o curso das influências santificadoras é interrompido as graças estão num beco sem saída e as luxúrias são fortes e desenfreadas. Ele cai

lutando contra essas coisas, mas a situação ainda é piorada; até que caia em si mesmo reconhecendo a sua fraqueza absoluta para ficar nesta batalha e renove os atos da fé em Cristo; e então “*da fraqueza tiraram forças, na batalha se esforçaram, puseram em fuga os exércitos dos estranhos*” (Hebreus 11:34). Ele lança fora a confiança em si mesmo, como um caniço quebrado que perfura sua mão; e embora a promessa esteja diante dele, como a vara que se transformou numa serpente, a qual a incredulidade lhe diz que seria ousado demais para tomá-la, ele se aventura e pega a serpente pela cauda, e esta torna-se a vara de Deus em sua mão.

Que estes exemplos acerca da religião experimental sejam o bastante.

II. Eu prossigo para confirmar o ponto: ou para mostrar que o conhecimento experimental de Cristo é a suma da religião prática. Considere:

1. Os testemunhos das Escrituras a respeito disso. Aprender a religião em poder e em todas as partes da santificação, é aprender a Cristo. Por isso o apóstolo diz: “*Mas vós não aprendestes assim a Cristo, se é que o tendes ouvido, e nele fostes ensinados, como está a verdade em Jesus; que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; e vos renoveis no espírito da vossa mente; e vos revistaís do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade*”. (Efésios 4:20-24). Não há necessidade de conhecer mais nada, “*porque nada me propus saber entre vós*”, diz Paulo, “*senão a Jesus Cristo, e este crucificado*” (1Coríntios 2:2). Esta é a vida eterna (João 17:3). É o penhor da vida eterna; é a vida eterna iniciada. Sim, Cristo é a soma e a substância da vida de um crente: “*Porque para mim o viver é Cristo*” (Filipenses 1:21).
2. Toda religião verdadeira é a conformidade ou a semelhança da criatura com Deus, feita pela virtude de influências divinas, transformando a alma na imagem divina. Porém, não pode haver conformidade com Deus, senão através de Jesus Cristo; porque Ele é o único canal do transporte das influências divinas e Deus não pode ter comunicação com os pecadores, senão através dEle. Somente Ele nos faz participantes da natureza divina (2 Coríntios

4:6).

3. Seja qual for a religião ou santidade que um homem pareça ter que não vem e não é mantida desta forma, não é verdadeira. É apenas a natureza envernizada: por *“aquele que não honra o Filho, não honra o Pai”*.

O aproximar da alma com Cristo pela fé, abre caminho para este conhecimento experimental acerca dEle; de modo que quem quer que conheça a Cristo assim deve, em primeiro lugar, se aproximar dEle.

- (1) A proximidade da fé com Cristo crê que Ele é tal qual é apresentado no Evangelho; ela dá crédito ao que ali é demonstrado e é a falta disto que mina este conhecimento (Isaías 53:1).
- (2) A fé se aproxima de Cristo exatamente para este fim, para que a alma possa conhecê-Lo. A alma está em necessidade de Cristo em tudo o que Ele é considerado útil para um pecador, e a fé o recebe para tal.
- (3) A fé une a alma a Cristo e abre caminho para esse conhecimento, que é o resultado feliz dessa união.

Eu venho agora dar uma palavra de proveito a vocês, que apresentarei em forma exortação. Ó senhores! Trabalhem para serem cristãos experimentais, para terem a sensação interior daquilo que vocês ouvem e dizem crer a respeito de Cristo. Por que estais no átrio exterior em todos os seus dias? Venha e mergulhe no coração da religião. Entre onde os pés do mundo se magoam, jamais poderiam levá-los. E não fique satisfeito com menos religião, do que o que o amado discípulo em nome dos crentes diz que sentiu: *“e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo”* (1 João 1:3). Este é um ponto importante e oportuno. Para reforçar esta exortação, ofereço os seguintes motivos:

1. Religião não é uma questão de mera especulação para satisfazer a curiosidade dos homens, mas é uma questão de prática. O estado eterno dos homens está em jogo, o qual nunca pode ser considerado

uma situação confortável por um conhecimento especulativo, mais do que um homem pode ser curado pelo conhecimento de um remédio sem a aplicação deste. Um professor inexperiente é como um tolo doentio que entretém os que o cercam com discursos acerca da natureza dos medicamentos, mas nesse meio tempo, ele próprio está morrendo por falta da aplicação deles.

2. O doce da religião reside na experiência desta; por isso o salmista diz: “*A minha alma se fartará, como de tutano e de gordura*” (Salmos 63:5). Nenhum homem pode ter a ideia da doçura do mel como aquele que o prova, nem da religião como aquele que sente o poder desta. Um lêa Palavra e esta é insípida para ele, mas para outro é mais doce que o favo do mel. Por quê? Porque ele sente o poder dela em seu espírito (Salmos 19:11). A religião não seria um fardo para nós como é, se pudéssemos, pela experiência, levá-la além de noções secas e insípidas; seria uma recompensa para nós mesmos, e, assim, fixaria o coração nela.
3. Todo o proveito da religião para nós mesmos está na experiência desta (Mateus 7:22). O que aproveita toda a religião que os homens têm em suas cabeças, enquanto ela nunca desce ao coração? Conhecimento sem experiência não mais santificará um homem do que fogo pintado pudesse queimar, ou como apenas ver a água pudesse lavar. Ah! O que aproveita esse conhecimento para um homem, pelo qual ele nunca é tornado mais santo, nem menos escravode suas luxúrias? É verdade que pode fazer bem aos outros, como o dom de carpinteiro de Noé lhe trouxe proveito, mas os outros próprios pereceram no dilúvio. Luz sem calor serve apenas para mostrar o caminho para o inferno, onde há calor sem luz. Dons sem a graça são como um navio sem lastro em um mar agitado que não poderá deixar de afundar. E quando um desses está afundando no inferno, seus dons serão como um saco de ouro com um homem se afogando, que é precioso em si, mas só vai ajudá-lo a afundar mais rápido.
4. O cristão experimental é o único cristão cuja religião o levará ao céu. O céu, na verdade, é apenas um conhecimento experimental perfeito de Cristo, onde os santos sempre se alimentarão da doçura que ouviram estar nEle. E não há nenhuma conquista ao céu, a menos que os homens comecem na terra conhecerem a Cristo

dessa maneira.

5. Por último, este conhecimento é absolutamente necessário para capacitar alguém a continuar e permanecer firme no dia mau. E certamente, se alguma vez já houve necessidade disso, há necessidade agora.

(1) O cristão experimental está preparado para sofrer por Cristo, porque ele tem o testemunho dentro de si mesmo, que o caminho que o mundo tende a fazer perseguição é o caminho de Deus. Nenhum argumento dá tal certeza da verdade da religião como a experiência.

(2) Quando a perversidade prospera e a piedade é oprimida, a religião experimental impede que um homem seja levado com os erros dos ímpios (Malaquias 3:16).

(3) Quando muitos obstáculos são colocados no caminho, especialmente em divisões e disputas na igreja, que fazem muitos homens maus pensarem que não há realidade na religião de modo algum; todavia os justos, em tal tempo, permanecerão em seu caminho.

Este é um ponto de muito peso e para ilustrá-lo um pouco mais, irei:

1. Dar evidências de que a religião experimental é muito rara;

2. Destacar algumas causas para isso;

3. Demonstrar como ela pode ser obtida;

4. Pressioná-los a buscarem isso por meio de algumas considerações.

Primeiramente, darei evidências de que a religião experimental é muito rara em nossos dias.

1. *O pequeno prazer que os homens têm da Palavra pregada ou lida.* Experiência torna a palavra saborosa; por isso Davi diz: *“Folgo com a tua palavra,*

como aquele que acha um grande despojo” (Salmos 119:162). Quantos há para quem a palavra é sem sabor como a parte branca de um ovo? Seu desejo pode ser agradado pela descoberta de algo que eles não conheciam antes. Mas, ai! Eles não têm a sensação interior das coisas envolvidas nas Palavras da verdade.

2. *O pouco conhecimento da Palavra pela experiência.* O melhor comentário sobre os males do coração é a Palavra; e o melhor comentário sobre a Palavra é a experiência. Estes refletem luz, um sobre o outro. O cristão experimental lê seu coração na Palavra; ele faz com que este seja aberto e anatomizado lá (Hebreus 4:12-13). É o espelho no qual ele enxerga isso. E ele entende a Palavra pela experiência (João 2:17 e João 7:16). A doutrina da verdade é segundo a piedade, e a piedade, na prática desta, faz a verdade brilhar mais na alma.
3. *A pequena precisão da caminhada que há entre os professantes da fé (Efésios 5:14).* Os cristãos devem “*andar prudentemente*”; e isto é o efeito natural da religião experimental (Isaías 38:15). E a razão é clara: o cristão experimental descobre como o passo errado provocará a partida do Espírito, e como a comunhão com Deus não pode ser mantida de forma solta e irregular (Salmos 66:18). Ele vê como uma coisa tão pequena o expõe à força das ameaças; e que a maneira de obter a promessa que foi dita a ele é o caminho de um andar brando, que não considera pecado algum pequeno. Mas, ai! Por aquela miserável largueza que prevalece na caminhada de uma geração que toma uma liberdade tão grande em suas palavras e ações, como podemos dizer com o profeta: “*Ai de mim! Porque estou feito como as colheitas de frutas do verão, como os rabiscos da vindima; não há cacho de uvas para comer, nem figos temporãos que a minha alma deseja. Já pereceu da terra o homem piedoso, e não há entre os homens um que seja justo; todos armam ciladas para sangue; cada um caça a seu irmão com a rede*”. (Miquéias 7:1,2)
4. A pouca vantagem que a religião tem nas reuniões de professantes. As pessoas podem se engajar na companhia de outros das quais eles podem receber um coração mais inflamado com amor por Deus e por Cristo e a prática da piedade, porque eles podem se encontrar com poucos como aquele que disse: “*Vinde e ouvi, todos os que temeis a Deus, e eu contarei o que ele tem feito à minha alma*” (Salmos 66:16). Infelizmente, há pouco do céu na conversa dos cristãos hoje em

dia; e isto indica que há pouco disso em seus corações. Temos permanecido nas coisas temporais; e quanto aos assuntos do outro mundo, temos pouco prazer neles. Um filósofo ordenou que alguém falasse, para que ele pudesse realmente vê-lo¹ (Colossenses 3:16).

5. Por último, a falsa segurança geral que prevalece entre todos, embora nunca tenhamos visto o dia no qual isto foi tão inoportuno. Se a religião experimental tivesse prevalecido, estaríamos esperando no Senhor no caminho de Seus juízos, como a igreja fez (Isaías 26:8,20). Deus nos ajude! Os golpes que a Escócia recebe parecem que estão sendo dados no escuro, como pés de lâ, isto é, nunca ouviremos o som, até sentirmos suas mãos de ferro. É muito parecido com alguma surpresa terrível que está nos acompanhando. As dispensações de nossos dias são, em sua própria natureza, dispensações estimulantes, mas nós não somos de todo despertados por elas, mais do que quando não havia nem um pequeno prego em nosso solto tabernáculo. Existem diferentes opiniões e práticas nesses assuntos; mas aquelas cujas cabeças estão certas, pensamos que os corações de todas as partes estão errados. E entre todas as nossas diferenças infelizes, temos um acordo mais infeliz em um espírito de sono que nos uniu. E qual será o fim destas coisas?¹

Em **segundo lugar**, destacarei algumas das causas da escassez da religião experimental.

1. O Senhor tem uma controvérsia com nossa mãe [a Igreja] e, portanto, se afastou, e isso piora a situação para com os filhos. Ela foi algum tempo Hefzibá, e sua terra Beulá [casada; Isaías 62:4]; mas agora seu ouro se tornou escória e seu vinho misturado com água. Ela esqueceu o marido e andou atrás de outros amantes. Ela se lançou em uma doença repugnante; seu doce calor se foi; tudo o que restou atingiu as partes externas, deixando um coração frio por dentro. E, por toda a aparência, ela não será curada, até que ela sangre.

¹ Um homem rico enviou seu filho para que Sócrates o examinasse e julgasse seus talentos. “Bem, então, meu rapaz”, disse Sócrates, “fale, para que eu possa vê-lo.” [Loquere igitur, inquiri, adolescents, ut te videam]. Ele quis dizer que o caráter de um homem se reflete menos completamente em seu rosto do que em seu discurso.

2. Os sentidos espirituais das pessoas estão entorpecidos com os deliciosos doces de um mundo presente. As fazendas e as mercadorias tiram o apetite das pessoas para o jantar do casamento (Mateus 22:4-5). O diabo faz com que as coisas deste mundo sejam como uma armadilha que captura os professantes da fé para que estes, quando se levantarem, vejam que os seus pés estão presos. Muitos de nós, penso eu, quando tínhamos menos rendimentos mundanos, nossos rendimentos espirituais eram maiores. Ou, se o mundo for contra eles, seus espíritos ficam tão amargurados que não encontram doçura na religião.
3. A religião não faz parte dos negócios das pessoas, mas é apenas um trabalho separado. Os homens são como a toupeira, cuja morada está na terra, e, embora às vezes ela venha acima do solo, apressa-se novamente a seu buraco, para estar em seu habitat. Eles farão as suas orações de fato, de tarde e de manhã, mas acerca do andar com Deus, no intervalo dos deveres, eles nada sabem. Sua religião acabou quando os deveres acabaram. Eles são como um homem que realmente toma o remédio, mas ele apenas o vomita depois que o toma, não dando tempo para que este faça efeito (Gênesis 6:9). Aqueles que têm apenas interesse superficial na religião nunca prosperarão nela.
4. As pessoas não estão firmando a mão para qualquer realização que façam na religião, como “*o homem preguiçoso deixa de assar a sua caça*” (Provérbios 12:27). Eles estão, pode ser, em algum esforço para obter algo na religião, mas eles colocam em uma bolsa sem fundo. Às vezes eles estão num caminho justo para ganhar experiência na religião, eles puderam experimentar um pouco dela, mas, então, eles não seguem adiante (Oséias 6:3). A faísca é acesa, mas eles deixam ela se apagar, eles não a alimentam, e atualmente eles têm um carvão frio para tentar acender o fogo de novo.
5. **Por último**, a formalidade na religião, quando as pessoas se contentam com a adoração exterior, fazendo o trabalho, mas não fazem questão de adorar a Deus no espírito, pela fé nEle, amor, dependência, temor, esperança, paciência, etc; são essas e outras graças que trazem o conhecimento experimental de Cristo e da religião para a alma. Estes são os que se aproximam de Deus até Seu trono. E os deveres, sem estas coisas, são inúteis e vão, como

o licor que perdeu toda a sua essência.

Em **terceiro lugar**, demonstrarei como podemos nos tornar cristãos experimentais.

1. Trabalhem para sermos, de fato, cristãos e lancemos bem os alicerces numa séria e sincera relação com Jesus Cristo, ou seja, vamos, sob a convicção da realidade e necessidade da religião, entregarmos e consagrar-nos ao Senhor Jesus Cristo. Vamos abandonar o mundo por Ele e olhar para nós mesmos como homens ligados ao outro mundo, sob a conduta do Capitão das hostes do Senhor. E enquanto passamos por este mundo com Ele, resolvamos ir tranquilamente e não nos afastemos (Cantares de Salomão 4:8). Que abandonemos o pecado por Ele e deixemos estes restos para podermos nos alimentar dEle mesmo, pois o maná não cairá até que a provisão egípcia acabe. E que os homens não pensem que as guloseimas do céu serão trazidas para a mesa onde a alma está assentada no pó cuja comida é da serpente. Trabalhai para não conhecer mais esta comida, para não buscar mais satisfação nelas, e, assim, conhecereis a Cristo.
2. Receba as verdades da Palavra pela fé. Se você desejar ser um cristão experimental, deixe a Palavra habitar em você ricamente em toda sabedoria e compreensão espirituais. Ouça e leia atentamente fazendo aplicação e meditando; que seja sua companhia constante e seu oráculo, ao qual você sempre pode recorrer para orientação, cautela e encorajamento. E logo vereis que o mandamento é uma luz e que por ele é alertado, e que as promessas têm uma realização doce, no caminho do dever e na experiência do cristão. Trabalhe para obter a fé divina da Palavra. Oh senhores, não é fácil crer nas verdades das Escrituras (Lucas 24:25). Admita a convicção de pecado, olhe para o Senhor em busca da graça para que possa crer e manter a luta contra a incredulidade. Seja observador diligente do seu próprio caminho, o caminho do seu coração e da sua vida. Um homem que deixa seu coração correr ao acaso e não analisa o que se passa lá, nunca pode ser um cristão experimental. Mas todo exame sério do coração lhe daria uma nova confirmação experimental das verdades das Escrituras. Há duas grandes profundidades nas quais o cristão experimental penetra muito: as profundezas da maldade do seu coração e a profundidade da perfeição e da plenitude em

Cristo. Faça muitos autoexames.

3. Seja um cuidadoso observador da providência; a providência de Deus para com a igreja e paracontigo em particular (Salmos 107:43). A providência é um rio que traz o rico tesouro de experiências que devem ser colhidas pela observação cristã. A Bíblia é a Palavra que Deus prega ao mundo, e providência é a aplicação da doutrina. Na Bíblia, a Palavra é trazida aos nossos ouvidos e, na providência, é colocada diante de nossos olhos; embora a maioria de nós seja cego como uma toupeira e não a veja, porém, o cristão experimental a vê.
4. Estabeleça, enquanto conclusão, que a religião é algo que reside interiormente em nós e que é algo diferente de uma parcela de performances externas; que é uma conformação da alma à imagem de Cristo, por uma aplicação próxima a Ele, e uma participação real de Seu Espírito e virtude de seu sangue. E, portanto, busque isso, e busque-O até que você descubra que a Sua verdade não vem ao seu coração apenas com Palavras, mas com poder, matando gradualmente o pecado e o eu interior e conformando-o mais à Sua imagem. E não vá para os deveres como alguém que apenas ouve ou fala, mas como alguém que sente ou prova. E quando a tua mão, uma vez envolvida nos deveres, começar a provar o quão gracioso é o Senhor, segure-O firme e O encontrareis como a alvorada.

Em **quarto lugar**, concluo com algumas considerações para incitá-lo a este exercício.

1. A religião experimental é uma espécie de paraíso na terra. O céu é o sentimento eterno daquela bondade que é, em Deus, o bem principal. É Seu eterno derramamento de sua bondade nas almas de seu povo, fazendo com que bebam daqueles rios eles que ouvirem estarem à Sua destra. Agora, podereis começar isso aqui ao provarem da Palavra da vida. Isso trará grande deleite, pois o completo desfrute disto faz a alegria ser perfeita lá.
2. Não há que, sendo capaz deste desfrute na terra, tenha o primeiro sabor disso somente no céu. Não, todos começam este desfrute aqui (João 17:3). Porque Deus primeiro dá aos homens um gosto

da experiência cristã, e, então, eles desejam o pleno desfrute disto; e eles o recebem no céu. E este é o caminho razoável com a criatura racional. Quem não provar aqui, não deve beber lá em cima.

3. O cristão experimental tem, em seu peito, aquilo que corresponde à Bíblia, embora imperfeitamente. Ele tem coisas novas e antigas para extrair do seu tesouro que corresponde às doutrinas das Escrituras e suas promessas, como a cópia faz para com o original. O cristão experimental é uma Bíblia ambulante. Ele tem um corpo de teologia formado de experiências, o que é um excelente tipo de aprendizado, mil vezes preferível a todas as noções cruas e não sentidas de professantes da fé barulhentos, que são como o latão que soa e o tilintar dos címbalos.
 4. O cristão experimental está apto a navegar para o céu, seja qual for o vento que estiver soprando, pois ele tem a vela e o lastro. Ele experimentou a bondade e a fidelidade de Deus e o poder santificador da verdade; essa é a vela que irá levá-lo em meio a todas as tempestades; e ele tem experiência da corrupção de sua própria natureza, do engano de seu próprio coração e de sua fraqueza lamentável, e isso será lastro para ele. Por falta desta vida experimental em tempo de prova, poucos conseguem enfrentar as tempestades.
- (1) É muito difícil, sem a experiência da religião, permanecer firme num tempo quando os orgulhosos desdenhadores de Deus parecem ser mais felizes, quando o sol brilha no caminho da maldade e apostasia de Deus, e nada além de nuvens e as trevas aparecem no caminho da santidade (Malaquias 3:15-16). É estranho que aqueles que nunca sentiram mais doçura na religião do que no mundo, em tal momento, não deem às costas por completo a ela, mas o cristão experimental não o fará, pois *“o justo seguirá seu caminho firmemente, e o puro de mãos irá crescendo em força”* (Jó 17:9).
 - (2) Quando a escuridão do erro toma conta de uma igreja e erros como gafanhotos se espalham no exterior, quão difícil é permanecer firme sem a experiência (2 Tessalonicenses 2:10)! Onde a verdade não desce até o coração, mas flutua na cabeça, faz comichão nos

ouvidos, os quais têm fácil acesso às novidades. Aqueles a quem velhas verdades são desagradáveis, são vítimas de novas noções. E, portanto, aconteceu que muitos professos notáveis foram levados embora em tal época. Mas aquele que provou do poder da verdade, dirá de sua experiência: “*O velho é melhor*” (Lucas 5:39).

- (3) Quando divisões entram numa igreja, é difícil manter-se no caminho sem a religião experimental. A divisão é uma grande praga da parte do Senhor, uma mancha na beleza da igreja e uma terrível armadilha para os homens. Quando os edificadores de igrejas são como construtores de Babel, como o trabalho pode prosperar? Se torna algo completamente fora de toda a religião; enquanto eles veem um indo para um lado e outro por outro caminho, eles não sabem a quem seguir, e conjuram todos juntos. Outros, cuja religião nunca foi tão profunda quanto o fundo de seus corações, esgotam todo o seu vigor nos pontos controvertidos, e assim eles se tornam mortos nos sinais vitais da piedade. De modo que, a menos que as pessoas sejam cristãs experimentais, e tenham exercido a piedade também no tempo, tendo o lastro de que falei anteriormente, elas correrão em excesso terrível de egoísmo, julgando não apenas práticas, mas também os corações: uma atividade muito anticristã!
- (4) Quando grandes e bons homens estão caindo, quão difícil é suportar, a menos que os homens tenham um testemunho da verdade internamente? Deus, em Sua santa providência, para o julgamento ulterior dos homens, permite a queda de homens de renome quanto a dons e piedade, e, quando estes caem, prontamente não caem sozinhos, mas como carvalhos poderosos derrubam outros junto, a menos que estejam bem enraizados e aterrados. E, portanto, nunca trarão sua religião para uma boa conta, cuja religião é apenas para o fazer como os outros.
- (5) Por último, quando se trata de perseguição pessoal dura e afiada, especialmente para resistir até ao sangue. Quando dificuldades extremas, até mesmo a própria morte, são colocadas na balança de uma religião não sentida, é difícil pensar em como deve ficar quem não teve a experiência do poder dela. Se Deus nos entregar nas mãos de um inimigo sanguíneo anticristão, não seria difícil para aqueles que não tenham sido selados pelo Espírito recusar a marca

da besta.

Mas darei orientações mais específicas para alcançar a religião experimental.

1. Fixe os seus olhos nos males particulares do seu coração e de sua vida, e trabalhe bem pela reforma deles pelo Espírito. Oh, o que estamos fazendo pela mortificação do pecado? A religião experimental é a morte do pecado em virtude da nossa união com Cristo. Que utilidade temos para Cristo, senão para nos “*salvar de nossos pecados*”? (Mateus 1:21). Mas o uso que muitos fazem de Cristo é para salvá-los juntamente com seus pecados. Beberão, xingarão, mentirão, enganarão e farão injustiças e chamarão essas enfermidades de coisas pequenas que não precisam perturbar um homem; e eles se gloriarão em suas crenças inteiras e em uma nova tentação, apenas para cederem a ela. Senhores, isso é fazer de Cristo ministro do pecado e pecar porque a graça é abundante. O caminhar entre o perjurar e confessar, fará com que os homens caiam bem fundo no poço, de onde nunca mais se levantarão (Provérbios 29:1). Se Cristo não tecurar da tua doença, nunca obterás vida por Ele.

Portanto, eu digo, trabalhe bem pela reforma do coração e da vida. Você não desejará fazê-lo, mas deve colocar sua mão no arado. Custará lamentos e gemidos sob o peso do pecado, esforços vigorosos contra ele e o viver pela fé. Existe algo que é o seu lado fraco? Ore, lembre-se de que sua alma está em jogo; se for vencido, a tua alma se irá; e se alguma vez vires o céu, deverás ir além (Mateus 5:29; Apocalipse 3:21). Oh, considere essa passagem, “*Uma coisa te falta*” (Marcos 10:21). Olhe para as suas manchas no espelho da lei, e rapidamente comece a limpá-las. Pode ser que tenhas um coração mundano e carnal, vença-o para torná-lo espiritual e celestial; uma língua doente, não a tolere; um comportamento ofensivo, conserte-o.

2. Continue no trabalho, pois a vitória não é obtida a não ser gradualmente. As interrupções que ocorrem em nosso trabalho religioso o tornam ainda mais difícil. As miseráveis pausas que fazemos no exercício da piedade nos enfraquecem e dão ao inimigo mais tempo para recrutar. E aqueles que não podem digerir o fazer da religião o seu negócio, não são adequados para o céu. O céu é

um triunfo eterno; como eles podem ser capazes de alcançá-lo, então, já que não lhes cabe lutar, ou que são sempre superados, em vez de serem vencedores? É um descanso, portanto, pressupõe um trabalho; não tanto a labuta dos negócios no mundo, pois os mais carnaís têm tanto disso quanto os professantes, mas um descanso do trabalho contra o pecado.

3. Observe com frequência o progresso que você está fazendo. Considere consigo mesmo, tenho mais alguma vitória sobre minhas paixões, minhas luxúrias e minha iniquidade? Existe um côvado adicionado à minha estatura espiritual? Eu estou indo para trás ou para frente? Senhores, pessoas que se esforçam com uma fazenda, contam seus lucros, para ver se são vencedores ou perdedores, se alguma coisa tiver sido mal administrada até a sua perda, eles se empenharão em consertá-la da próxima vez; e se eles acham que são ganhadores, eles são encorajados a redobrar suas dores. Mas, oh! As dores que os homens têm em relação à religião são consideradas como se eles não se importassem se prosperam ou não; e, portanto, eles não têm experiência.
4. Busque tirar proveito dos deveres. Nós nunca devemos ouvir um sermão sem questionar o que tiramos dele: “o que eu fiz disto?” “Onde isso me tocou?” “Que mal do meu coração ele descobriu?” “Que influência isso teve em mim para me adequar mais a minha jornada e trabalho?”. Sermões não são fáceis para alguns de vocês, que estão longe do lugar de adoração pública, vocês pensariam que seria muito bom ir uma milha, duas, três, quatro ou cinco em vão, em outros casos. Cuide de suas orações, como o salmista fez (Salmos 5:3). Você pensaria muito se fizesse um pedido ao seu vizinho e, ainda que não obtivesse uma resposta ou uma recusa. Oh, por que, então, você não considera como suas orações são aceitas pelo Deus que ouve a oração? Eu lhe asseguro, se seguir este caminho, logo encontrará bom proveito disso.
5. Converse com os cristãos experimentais sobre religião experimental. Há uma espantosa desconfiança que os professantes têm uns nos outros hoje em dia (Mateus 24:12). Eu realmente acredito que isso seria uma boa maneira de curar isso, a saber, se aqueles que têm alguma experiência de religião modestamente a trouxessem para a edificação de outros. Não há nada que torna os cristãos

mais amáveis uns aos outros do que isso. É uma coisa não-cristã nos professantes desprezar conversas sobre a piedade prática e a experiência cristã. E há mais da sabedoria da serpente do que da inofensividade da pomba, nas pessoas trancando em seus próprios seios todo o seu senso de piedade prática, quando ela pode ser trazida para a glória de Deus e para o bem dos outros. Acredito que este caminho tenha sido a causa de tanta inveja, desconfiança e divisão entre professantes; e desgastou toda a comunhão cristã em vãos falatórios sobre as controvérsias desta época.

6. Seja muito bom quanto à questão do pecado e do dever (Salmos 133:2). Resoluções súbitas em questões que permitam a deliberação, são muitas vezes suspeitas. Às vezes a questão do pecado e do dever é dessa natureza, onde não há tempo para deliberar; tudo o que pode ser feito é olhar para o Senhor em busca de clareza imediata, e o cristão a terá (Provérbios 4:12): “se correres, não tropeçarás”. Compare com Mateus 10:19: “Mas quando vos te entregarem, não vos dê cuidado como, ou o que haveis de falar, porque naquela mesma hora vos será ministrado o que haveis de dizer”. Às vezes o cristão pode ter tempo para deliberar, e então o modo comum de Deus é limpar os homens pouco a pouco, “por elas andando, não embarçarão os teus passos” (Provérbios 4:12). Não diga que o caminho é claro à primeira vista, neste caso, porque o Espírito de Deus te ordena “pondera a vereda dos teus pés” (Provérbios 4:26). Se um caminho é tal qual nosso próprio coração logo quando nos inclinamos a ele, digo que deveria antes ser examinado de perto, visto que na linguagem das Escrituras o caminho do nosso próprio coração não tem um bom nome. E suponha que a inclinação do coração do homem realmente caia no lado certo neste caso, ainda isto não é uma resolução cristã, mas um tropeço no caminho certo, o que Deus nunca aceitará. Portanto, homens que atuariam como cristãos na questão do pecado e do dever, deveriam deixar de lado os preconceitos, atropelar suas inclinações, colocar a questão diante do Senhor, e abrir-se à convicção ali, como um pedaço de papel limpo, sobre o qual Deus pode escrever o que vê, ponderar todas as coisas com um ciúme santo sobre seus próprios corações, para que não sejam distorcidas por suas próprias inclinações e opiniões preconcebidas. Tenho certeza de que muito de Deus deve ser encontrado dessa maneira.

7. Por último, tenha um respeito preciso com relação a todos os mandamentos de Deus e seja verdadeiramente estrito em suas vidas; isto é, lide com os homens crendo que os olhos de Deus estão sobre você e com Deus como se os olhos dos homens estivessem sobre você. Nunca olhe para a autoridade da multidão como suficiente para tornar isso sem culpa, o que não permitirá uma rigorosa análise pela Palavra de Deus. Deixe o mandamento de Deus prevalecer com você; e seja qual for a liberdade que possais tomar, para que os homens possam dizer ou fazer a você, que isso seja uma restrição suficiente. Assim podereis alcançar a religião experimental.



Thomas Boston (1676-1732) foi um líder da igreja escocesa. Ele foi educado em Edimburgo e licenciado em 1697 pela presbitério de Chirnside. Em 1699, tornou-se ministro da pequena paróquia de Simprin. Seus livros tiveram uma influência poderosa sobre a classe camponesa escocesa.

Publicado pela primeira vez em 1737, este livro ocupa um lugar especial entre a imensa quantidade de literatura Puritana produzida naquela época. Thomas Boston era renomado por sua linguagem de fácil compreensão e pela maneira como mantinha essa clareza ao transmitir mensagens de grande profundidade.

Boston não estava escrevendo apenas a partir de seu entendimento teológico, ele falava a partir de suas próprias experiências pessoais. Ele teve que lidar com muitas aflições que iam desde a paralisante depressão de sua esposa, a morte de seus filhos e até suas próprias experiências de viver por anos com o que provavelmente eram pedras nos rins. Ele traz sua combinação única de conselhos maravilhosamente profundos e ao mesmo tempo imensamente práticos para nos proporcionar uma obra de impacto duradouro fazendo que essa obra seja um maravilhoso bálsamo para aqueles que estão aflitos.



www.rtf-usa.com
rtfdirector@gmail.com